

VIVIANE RODRIGUES RIBEIRO DO VALE

A SEXUALIDADE PERIFÉRICA EM *O MULO*, DE DARCY RIBEIRO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS
OUTUBRO/2020**

VIVIANE RODRIGUES RIBEIRO DO VALE

A SEXUALIDADE PERIFÉRICA EM *O MULO*, DE DARCY RIBEIRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura, identidade, fronteiras

Orientador: Dr. Elcio Lucas

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS
OUTUBRO/2020**

À memória de Cleonice, minha mãe querida, que partiu tão cedo e não pode ver de perto o fim desta jornada. Sei que ficaria muito feliz, pois cada conquista das filhas era motivo de orgulho.

- Saudades eternas, mamãe!

AGRADECIMENTOS

Neste momento, está se realizando um sonho que a pouco parecia tão distante, e isso é motivo de alívio e orgulho. Conseguir finalizar esta pesquisa me fez perceber como a literatura nos faz bem, e como, ao mesmo tempo, ela é capaz de nos fazer refletir sobre tudo a nossa volta. A sensação de gratidão faz com que eu estenda os méritos a todos que contribuíram para isso, pois das mais diversas formas obtive apoio.

Por ter crescido em um ambiente cristão, não posso deixar de ser grata a Deus, pois mesmo passando por momentos tão difíceis na vida pessoal, como a perda de minha mãe, consegui me manter firme no meu propósito inicial. A fé nos dá forças.

Sou grata, ainda, ao meu orientador, Professor Doutor Elcio Lucas, pela paciência e confiança, além das colaborações no processo de escrita. À Professora Doutora Ana Carolina Eiras Coelho Soares, pela colaboração quanto à discussão de gênero aqui traçada. À Professora Doutora Ivana Ferrante Rebello e o Professor Doutor Danilo Barcelos Corrêa, por terem feito parte da banca de qualificação, trazendo significativas contribuições para o trabalho. Além de ser grata a todos os demais professores do PPGL/EL que de alguma maneira contribuíram.

Aos colegas da turma, que souberam mostrar a importância das diferenças e como é bom ter alguém do lado para dividir as angústias. Fui privilegiada por tê-los.

Ao meu marido, Danilo, por ser meu companheiro de todas as horas. Às vezes, o que precisamos é apenas de um afago, e saber que poderia contar com ele para isso sempre me tranquilizou.

Agradeço a Vanessa Prudêncio, pois foi a primeira que me fez pensar ser possível, insistindo para que eu me inscrevesse no processo seletivo. O seu apoio me fortaleceu.

Enfim, saber que não estamos sozinhos é reconfortante. Devo muito a todos.

RESUMO

Com a leitura de *O Mulo*, percebemos que a sexualidade é insistentemente explorada no romance, sendo inclusive narradas práticas sexuais distantes das convenções morais e sociais da época de forma naturalizada, o que nos levou a relacioná-las ao conceito de sexualidade periférica estabelecido por Michel Foucault (1976) no primeiro tomo da trilogia de *História da Sexualidade*. Todas as discussões conduzidas por Foucault acerca da sexualidade periférica são associadas às relações de poder. Isso evidencia que, na verdade, as relações tidas como proibidas são determinadas por aqueles que, por estarem no comando social, político, religioso e econômico, dentre outros, criam e mantêm as normas, as quais seguem os padrões da heteronormatividade e do patriarcalismo, podendo, inclusive, abusar eles próprios dos subalternos ou socialmente oprimidos ao impor-lhes violência sexual sem que as leis vigentes efetivamente os venham coibir. Em *O Mulo* observamos recorrentemente essa apropriação deplorável do direito do outro. Adotamos uma metodologia estritamente bibliográfica, dessa forma, analisamos todo o romance, buscando apontar o que seria considerado sexualidade periférica e que, ainda assim, aparecia de maneira tão evidente dentro da narrativa. Além disso, procuramos analisar de maneira ainda mais específica a forma que essa sexualidade periférica era associada à figura feminina, visto que a narração se dá em um ambiente muito tradicional e patriarcal. Para estender ainda mais o olhar sobre o tema escolhido, procuramos analisar outras produções literárias de Darcy Ribeiro, como forma de verificar se a abordagem desse tipo de sexualidade se fazia presente apenas como uma característica da sexualidade de Philogônio, personagem que escreve *O Mulo*, ou se era uma constante em suas outras obras. Como resultado, notamos que a sexualidade periférica é uma estratégia adotada não apenas em *O Mulo*, mas uma marca autoral, algo persistente em toda a obra literária de Darcy Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE: *O Mulo*. Darcy Ribeiro. Sexualidade periférica.

ABSTRACT

By reading *Mule* (adapted title from the original version “O Mulo”), we notice that sexuality is constantly explored in the novel, including sexual practices contrary to that time’s moral and social conventions, all in a natural way, which made us relate them to Michel Foucault’s concept of peripheral sexuality (1976) in the first volume of *The History of Sexuality*. All of Foucault’s analyses about peripheral sexuality are associated with domain relations. This shows that, in fact, relations seen as prohibited are defined by those who, as social, political, religious and economic influencers, create and maintain the norms, which follow the standards of heteronormativity and patriarchy, giving them the power to even abuse their subordinates or those who are socially oppressed by imposing sexual violence on them without the laws effectively preventing it. In *Mule* we can notice this frequent sad appropriation of someone’s right. We only adopted bibliographic research methods, so we analyzed the entire novel, trying to highlight what would be considered peripheral sexuality that, nevertheless, appeared so apparent in the narrative. In addition, we tried to analyze in an even more specific way how this peripheral sexuality was linked to the women’s image, since the narration takes place in a very traditional and patriarchal environment. To expand the look on the chosen theme, we analyzed other literary productions by Darcy Ribeiro, in a way of verifying if the approach of this kind of sexuality is only a characteristic of Philogônio’s sexuality, the character who writes *Mule*, or if it was usual in his works in general. As a result, we notice that the peripheral sexuality is a strategy presented not only in *Mule*, but an authorial mark, persistent throughout Darcy Ribeiro's literary work.

KEYWORDS: *Mule*. Darcy Ribeiro. Peripheral sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - A SEXUALIDADE PERIFÉRICA: CONCEITO E APONTAMENTOS DENTRO DO ROMANCE	111
1.1 Revisão da literatura.....	112
1.2 Histórico da sexualidade.....	143
1.3 A não convenção.....	70
1.4 Um lugar à margem.....	21
1.5 Entendendo a história por trás da ficção.....	23
1.6 A sexualidade periférica em <i>O Mulo</i>	28
1.7 Poder e sexualidade: o domínio patriarcal.....	37
CAPÍTULO 2 - A SEXUALIDADE PERIFÉRICA NAS PERSONAGENS FEMININAS	43
2.1 Panorama histórico da sexualidade feminina.....	45
2.2 A sexualidade da mulher negra.....	54
2.3 As personagens femininas em <i>O Mulo</i>	56
2.4 Considerações sobre a sexualidade feminina no romance.....	67
CAPÍTULO 3 - A SEXUALIDADE PERIFÉRICA COMO MARCA DA ESCRITA LITERÁRIA DE DARCY RIBEIRO	70
3.1 <i>Maíra</i>	72
3.2 <i>Utopia Selvagem</i>	75
3.3 <i>Migo</i>	77
3.4 <i>Eros e Tanatos</i>	82
3.5 Confrontando <i>O Mulo</i> com as outras produções literárias.....	87
3.6 A escrita de Philogônio é, também, a escrita de Darcy Ribeiro?.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Embora muitas vezes seja lembrado apenas como antropólogo ou educador, Darcy Ribeiro foi também romancista e poeta. Suas quatro obras de ficção, *Maíra* (1976), *O Mulo* (1981), *Utopia Selvagem* (1982) e *Migo* (1988), apresentam quadros do cenário brasileiro, dando, em muitos momentos, destaque para um povo miscigenado e rude. Essas marcas foram propositalmente retratadas, com o intuito de resgatar experiências do autor, conforme ele mesmo afirma em seu livro *Testemunho*: “Nesses quatro romances o que faço, de fato, é voltar a banhar-me nas águas em que me banhei” (RIBEIRO, 1991, p. 234).

Para essa dissertação, escolhemos o seu segundo romance, *O Mulo*, o qual apresenta uma narrativa confessional, uma vez que o narrador-personagem resolve confessar seus pecados almejando uma absolvição diante da morte iminente, sem deixar de aproveitar os escritos para também apresentar com quem ficaria os seus bens. O romance é composto por nove capítulos, nos quais encontramos a oscilação entre um passado mais remoto e um mais recente, pois além de Philogônio escrever sobre fatos vividos desde a infância, ele também conta ao padre fatos ocorridos no mesmo dia em que os escreveu.

De todos os aspectos presentes na obra, aquele que mais nos chamou atenção, e por isso escolhido como foco dessa pesquisa, foi a sexualidade e, nesta, a força do mando que ordena o mundo de Philogônio e que apresenta orgulhosamente as suas vítimas sexuais, mulheres, crianças e animais, como objetos de seu uso. Em meio a descrições da vida no meio rural, da política de mando dos coronéis e da situação em que os negros viviam, a sexualidade é a todo instante mencionada, como se estivesse entremeada naquela realidade de maneira extremamente natural, desde a infância. Assim sendo, traçamos como objetivo geral analisar a sexualidade periférica, no sentido que o deu Michel Foucault (1976), em *O Mulo*, buscando o modo como isso contribui para a construção da narrativa.

Para tanto, buscamos cumprir os seguintes objetivos específicos: Conceituar sexualidade periférica, apontando suas ocorrências dentro da obra *O Mulo*; analisar a sexualidade periférica nas personagens femininas dentro do romance; confrontar a sexualidade em *O Mulo* com a exposta nos outros romances do autor e também no seu livro de poesia, a fim de buscar uma possível proximidade.

Indiscutivelmente a literatura tem a capacidade de retratar um povo, evidenciando seus costumes. Em *O Mulo* não é diferente, a narrativa aborda de maneira minuciosa traços de uma vida sertaneja, mais precisamente nas regiões de Goiás e Minas Gerais, dominada pelos

coronéis e pelos desmandos do patriarcalismo arraigado desde o Brasil colonial. No livro *Testemunho*, Darcy Ribeiro fala de sua obra, confirmando esse retrato construído: “Em *O Mulo* recorro minha gente sertaneja, meus tios e avós, fazendeirões rudes, gastadores de gente” (RIBEIRO, 1991, p. 234). Esse aspecto evidencia uma das relevâncias desta pesquisa, mesmo não havendo nesse trabalho o objetivo de lidar diretamente com identidade, será possível termos um retrato, ainda que parcial, de uma gente específica nos sertões mineiro e goiano. A naturalização de algumas atitudes não tão bem aceitas socialmente pode retratar a forma como determinado grupo social encara a sexualidade.

Além disso, há a importância de contribuir para os estudos literários das obras de Darcy Ribeiro. Não se pode negar que o trabalho do antropólogo se completa com o trabalho do literato, sendo assim de suma importância conhecer essa outra faceta, até mesmo para criticá-la, se necessário for.

Os trabalhos de pesquisas que circundam a obra *O Mulo* costumam ter como enfoque a submissão do negro ou o patronato rural, contudo, a sexualidade, marca tão evidente durante toda a narrativa, ainda não foi explorada o suficiente. Dessa maneira, o estudo desse aspecto na referida obra será de significativa relevância.

Durante toda a escrita desse romance, Darcy Ribeiro visivelmente se atém a uma descrição da vida no sertão, sob o ponto de vista de um patrão, é bom que se destaque, tanto no que diz respeito aos costumes nos aspectos sociais – retratação da política, por exemplo –, quanto em relação a hábitos íntimos. Quanto a esse último aspecto, a sexualidade é muito explorada, são vários momentos narrados, sem que necessariamente haja o ato sexual, mas sempre destacando o prazer carnal e a importância disso para o homem – “Sou mesmo é carnal [...] Carne de tremer de dor. Carne de arder de amor” (RIBEIRO, 2014, p. 322). Essa condição de superioridade do masculino sobre todos e sob todas as situações é bastante revelador. Esse fato leva ao seguinte questionamento: há, em *O Mulo*, uma tentativa de naturalizar as relações sexuais consideradas promíscuas em um ambiente conservador?

Partindo dessa pergunta, e confrontando o romance com o conceito de sexualidade periférica abordado por Michel Foucault (1988), a ideia que levantamos é de que o enredo traçado no referido livro explora as sexualidades não convencionais – sexualidade periférica – nas relações das personagens de modo acrítico, o que para a literatura é perfeitamente possível já que a exposição da condição de poder e subalternidade pode ser, por si mesma, a necessária denúncia. Acredita-se ainda que no romance várias personagens sejam envolvidas nesse tipo de relacionamento como uma forma de construir uma narrativa que naturalize essas ações, sempre

do ponto de vista do narrador, num processo de banalização da opressão implícita na posse do coronel sobre os corpos de seus subalternos em um ambiente ultraconservador.

Para a realização deste trabalho, dividimo-lo em três capítulos. O primeiro conceitua o que vem a ser a sexualidade periférica, apontando dentro do romance passagens que a mencionam; o segundo traz a maneira como as mulheres são vistas dentro da narrativa, apresentado como a sexualidade feminina é encarada; o terceiro e último capítulo mostra de que maneira a sexualidade aparece nas demais obras literárias de Darcy Ribeiro, o que contribuirá para uma melhor compreensão da escrita de Philogônio, uma vez em que *O Mulo* temos uma carta escrita por esta personagem.

O primeiro capítulo foi intitulado “Sexualidade periférica: conceito e apontamentos no romance”. Primeiramente, trouxemos uma revisão de literatura, procurando explicar trabalhos que já foram desenvolvidos acerca de *O Mulo*; em seguida, apresentamos a conceituação do termo sexualidade, uma vez que é algo bastante abrangente, possuindo, portanto, significação em diversas áreas, e definimos o que aqui está sendo tratado como periférico, tomando como partida o que Foucault diz sobre isso. Ainda nesse capítulo, reservamos uma subseção para abordar sobre a década de 1960 e 1970 no Brasil, momento de repressão política e também repressão sexual, época em que a obra foi escrita e também momento retratado no romance – “Sob a perspectiva da História, o romance abarca o período da segunda guerra mundial e a modernização do Brasil, anos 60, período militar e de redemocratização” (COELHO, 2017, p. 74). Por fim, apresentamos ocorrências da narrativa as quais expõem situações que retratam a sexualidade periférica.

Em meio a essas diversas situações vistas no romance, são recorrentes os crimes sexuais. Por mais que a sociedade da época impusesse regras a serem seguidas, não havia uma legislação tão específica para proteger aqueles que estavam mais vulneráveis, como os animais e as crianças. Em relação à proteção destas, foi somente em 1990 que criaram um conjunto de leis que inibissem qualquer tipo de abuso, incluindo o sexual, denominado *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) – “Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). Assim, se os relatos dispostos por Philogônio já poderiam causar espanto naquela época, mais ainda causam hoje, por vivermos em uma sociedade que demonstra mais preocupação com esses vulneráveis.

No segundo capítulo, cujo título é “A sexualidade periférica nas personagens femininas”, traçamos um panorama histórico da sexualidade feminina, buscando evidenciar todo o caminho de repressão sexual vivenciado até chegar às recentes conquistas feministas, para tanto, recorreremos principalmente a *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priori. Por reconhecermos que a mulher negra passou por situação mais específica em relação a esse assunto, fizemos uma subseção falando da sexualidade da mulher negra. Por fim, analisamos a maneira como Philogônio fala da sexualidade de cada mulher com quem se envolve, traçando um paralelo entre Calu e siá Mia em relação às demais.

“A sexualidade periférica como marca dos romances de Darcy Ribeiro” é o nosso terceiro capítulo, o intuito que tivemos nele foi o de apontar a sexualidade periférica, tão evidente em *O Mulo*, nos outros romances do autor e no seu único livro de poesia, que teve publicação póstuma. Assim, com essa análise generalizada das produções ficcionais, é possível mostrar que essa abordagem obsessiva sobre a sexualidade não se trata de uma característica de Philogônio, e sim de Darcy Ribeiro enquanto escritor. *Corpos que falam*, de Judith Butler (1999), é de suma importância nesse capítulo, na medida em que tratamos dos limites discursivos da sexualidade na ficção do autor.

Em um primeiro momento, a ordem desses capítulos pode ser questionada, já que é possível que julguem ser mais comum falar primeiramente do todo – as outras produções de Darcy Ribeiro –, para depois restringir e tratar de um romance de modo específico. Entretanto, seguimos aqui exatamente a ordem em que se deu a pesquisa, uma vez que foi após a leitura de *O Mulo* e análise do romance que nos questionamos sobre a possibilidade de o mesmo tratamento dado à sexualidade periférica ocorrer nas demais produções literárias. Assim, o objetivo é deixar sempre *O Mulo* em primeiro plano, e por isso mesmo o expondo desde o primeiro capítulo, utilizando *Maíra*, *Utopia Selvagem*, *Migo* e *Eros e Tanatos* apenas como mais um recurso no terceiro capítulo para analisar o romance que aqui foi escolhido como foco.

CAPÍTULO 1

A SEXUALIDADE PERIFÉRICA: CONCEITO E APONTAMENTOS NO ROMANCE

“O melhor da vida são as fodeções, seu padre. Tanto as de passagem meio mijadas; como as estiradas, gozosas”
(RIBEIRO, 2014, p.40)

1.1 Revisão da literatura

Embora ainda haja muito o que se explorar em *O Mulo*, esse romance já foi objeto de diversas pesquisas, incitando algumas discussões sociais, as quais são bastante explícitas no enredo, como a questão do patrono rural, a situação do negro, a violência e até mesmo a escrita de Darcy Ribeiro. Todas as pesquisas feitas, de alguma maneira, contribuem para que haja uma maior compreensão do livro, bem como da escrita de Darcy Ribeiro, uma vez que algumas temáticas perpassam por todos os seus romances produzidos.

Jean Pierre Chauvin (2006), em “Herança de Philogônio: a poética do mando em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro”, fala sobre a violência verbal e física presentes durante praticamente a totalidade dessa narrativa, associando as características da obra com as teorias antropológicas do autor em *O povo brasileiro*. *O Mulo* é apontado como uma possível releitura da obra *Grande Sertão: veredas*, porém com mais erotismo e violência e com uma linguagem menos erudita. Uma colocação bastante importante feita por esse trabalho é a de que *O Mulo* se trata de um romance de formação, ainda que às avessas, isso porque é possível ver no enredo a trajetória que fez o garoto Trem se transformar no coronel Philogônio, pontuando reflexões e aprendizados durante o percurso.

Em “Darcy Ribeiro: enfrentamento e movimento da escritura, travessia de saberes e a vida por vir”, Haydée Ribeiro Coelho (2017) aborda a mistura do puro e do impuro no romance, evidenciando como a narrativa é construída apropriando-se de uma linguagem que se assemelha à oralidade. É ainda ressaltado o caráter político que a obra possui e a constante busca de si vivida pela personagem protagonista, que a autora denomina “recordatório”, associado ao caracol e à aranha, estando esta relacionada à memória construída por fragmentos dos fios e aquele por ter seu movimento ligado ao sujeito que fala de si.

No artigo “O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro”, de Diego Omar Silveira (2012), fala-se de um romance sem vilão, sendo esse papel provavelmente ocupado pela sociedade “civilizada”, assim, os sertanejos fazendeiros são apontados como um dos responsáveis pela destruição da população indígena, por exemplo. O autor parte do pressuposto

de que seja necessária uma leitura conjunta de toda a obra de Darcy Ribeiro, e por isso cruza a teoria expressa em *O povo brasileiro* com o que é narrado nos romances.

Elise Aparecida de Oliveira Souza (2015), no seu trabalho “O sentimento de dialética nos romances de Darcy Ribeiro”, busca apresentar a ficção do autor apontando de que maneira a dualidade se configura nessas narrativas. O coronel Philogônio é comparado a um cerzidor ao unir as pontas da vida, recompondo a sua história e de todos os seus subordinados, que viverem sob seu mando. A primeira dualidade apresentada é o fato de o Brasil moderno ainda utilizar a exploração de mão de obra para se sustentar, além disso, há questões políticas que ora beneficiam a personagem, fazendo-o ganhar terras, e ora o prejudicam, levando-o a perder o que tem. Outro ponto é que Philogônio se coloca, em uma mesma situação, como réu e como vítima, mudando seu posicionamento e procurando convencer o padre disso. Por fim, aborda a morte do Mulo não como o fim da sociedade escravagista, mas sim a perpetuação, uma vez que a morte se trata da vida eterna.

No artigo “Homem, animal autobiográfico, animal da confissão: reflexões sobre a literatura confessional de Darcy Ribeiro”, Maurício Alves de Souza Pereira (2016) apresenta de que maneira em *O Mulo* a confissão se tornou uma narrativa autobiográfica, partindo da teoria de Jacques Derrida e de Michel Foucault. Ao contar os crimes cometidos durante sua vida, Philogônio não demonstra, na maioria das vezes, arrependimento pelo que fez, sendo que essa é a principal característica de uma confissão.

Os trabalhos feitos não se restringem a esses, existem outros que também buscam contribuir para os estudos acerca desse segundo romance de Darcy Ribeiro. Com o mesmo intuito de contribuição, o presente trabalho foi realizado, buscando explorar, contudo, uma temática ainda pouco discutida, mas com inegável evidência durante todo o romance, que é a sexualidade.

1.2 Histórico da sexualidade

O termo sexualidade, segundo Foucault (1984), é bastante recente se levarmos em consideração que a nomenclatura é do século XIX, mesmo sendo algo que de forma inegável sempre esteve presente na vida do homem. Atualmente já se tornou uma discussão difundida, são diversas as áreas de estudo que se propõem a esclarecer essa questão, todas aquelas correntes que de alguma forma estão ligadas ao homem discutem isso, por se tratar de uma

característica tão intrínseca. Dessa forma, o termo sexualidade obtém conceituações na Filosofia, na Psicologia, na Biologia, na Sociologia, dentre outras áreas.

Esse estudo em várias áreas faz com que o espectro do termo sexualidade seja bastante abrangente, uma vez que não se restringe somente ao ser humano e engloba também outros animais e plantas; isso, porém, se a considerarmos apenas como acasalamento, coito para fins reprodutivos. Entretanto, em se tratando da sexualidade humana o conceito vai além, envolvendo vários outros aspectos que não se restringem ao sexo, é o que apontam diversos conceitos já formulados acerca do nome.

“Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores [...]” (NUNES, 1987, p. 15). Assim, compreender, por exemplo, a época e os costumes adotados pode ser crucial para que fique claro como determinada sociedade vê a sexualidade. Falar de sexualidade é falar também de relações sociais moldadas por valores pré-estabelecidos, para ilustrar é possível pensar no beijo, que para os gregos tinha função protocolar, pois beijos na boca eram dados para selarem acordos, enquanto que em outras sociedades esse ato assume conotação sexual (FREITAS-MAGALHÃES, 2016, p. 16).

Isso também é o que explicita Foucault, ao afirmar que o termo sexualidade foi estabelecido em relação a vários fenômenos, tais como:

[...] o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (FOUCAULT, 1984, p. 9)

Dessa maneira, notamos que a sexualidade nesse conceito apresentado não se restringiu ao ato sexual, estendendo-se também à relação com o outro e consigo, estando rodeada de convenções sociais.

Michel Bozon (2004) também afirma a existência de influências externas na sexualidade humana, ainda que essa seja uma característica intrínseca a todo ser humano. Assim, pelo fato do homem ser um “animal desnaturado”, não se comporta mais instintivamente, vai sempre buscar extrair significado naquilo que está praticando, o que faz com que uma mesma ação seja vista de forma distinta em sociedades diferentes.

Sigmund Freud foi um dos primeiros a se dedicar ao estudo da sexualidade humana, em seu estudo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1906) uma grande contribuição trazida

por ele foi incluir também as crianças dentro desse universo e tratar abertamente da sexualidade infantil. Ainda que essas sejam consideradas não detentoras de nenhuma noção sobre o sexo, termos como orgasmo, masturbação e zonas erógenas são associados a elas, mostrando como a sexualidade de fato é abrangente.

Assim, Freud mostra de que maneira essa fase “pré-histórica”, referindo-se à infância, deveria ter sido levada mais em consideração para estudos sobre a sexualidade. Nas poucas vezes em que é considerada, o autor pontua que isso se dá como casos excepcionais e que ocorre de maneira precoce, não evidenciando, portanto, que se trata de um processo natural o qual ocorrerá independente de imposições feitas.

Partindo disso, um conceito que consegue incluir tanto o que Foucault apresentou como também as ideias de Freud foi criado em 2002 por um grupo de consultores técnicos da Organização Mundial de Saúde e traduzido por Vera Lúcia do Amaral em seu livro *Psicologia da Educação*:

Sexualidade é um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007 apud AMARAL, 2007, p. 3).

Portanto, será a partir desses conceitos que a análise da obra *O Mulo dar-se-á*, considerando as ocorrências no romance de momentos relacionados ao sexo, prazer, erotismo. Para tanto, levaremos em conta, ainda, o ambiente em que essa história ocorre, visto que se trata de uma realidade patriarcal na qual o conservadorismo costuma estar presente, sendo algumas práticas mais passíveis ao enquadramento no termo sexualidade periférica.

1.3 A não convenção

O sexo sempre foi cercado de regras; ainda que estas não sejam explicitamente impostas, é comum as pessoas sentirem receio quanto a determinadas relações, uma vez que o julgamento sempre acontece. Ao observarmos a história, isso é ainda mais evidente, são vários os episódios que retratam os cuidados e controles que existiam em torno da sexualidade, mais especificamente do sexo.

Pensarmos em uma convenção quanto à postura de momentos tão particulares é perceber que, diversas vezes, a individualidade é totalmente desconsiderada, levando-se em conta apenas um suposto ideal coletivo. Por conseguinte, a identidade individual tende a ser obliterada, já que o indivíduo busca se enquadrar em um modelo ideal, desconsiderando suas próprias particularidades. Esse fato é o que nos leva a pensar erroneamente, por exemplo, que casos de homossexualidade são muito mais recorrentes no século atual que nos anteriores.

Mary Del Priore, em seu livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo do Brasil* (2011), mostra o tempo que se levou para que o conceito de “privado” fosse centrado na particularidade de alguém. Segundo a autora, o primeiro registro do termo em um dicionário se deu tardiamente em 1718, sendo este do dicionarista jesuíta Raphael Bluteau, o qual definiu como “privado” uma pessoa que cuidava apenas de seus interesses domésticos. Somente noventa anos depois que se registra outro significado para o adjetivo, quando frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo designou o termo como algo que pertencia a uma pessoa em particular, não mais algo coletivo e familiar. Ainda que o conceito tenha ganhado um novo direcionamento, e não haja mais dúvida do que seja “privado”, isso em alguns momentos é desconsiderado, já que todos são submetidos a estereótipos, principalmente em relação à sexualidade.

São vários os autores que concordam com a existência de uma repressão sexual, sendo esta datada desde o período medieval, traçando panoramas históricos que nos fazem compreender o que seria a não convenção. Inegavelmente hoje se dá em menor medida, entretanto não deixou de fato de existir.

Em *A transformação da intimidade*, por exemplo, Giddens (1993) afirma que, assim que a sexualidade foi reconhecida no século XIX, sofreu repressão e apontaram-na como a origem patológica da histeria. Outra coisa que assustou os estudiosos da época foi a sexualidade infantil, classificando-a imediatamente como algo oposto à natureza. Assim sendo, a sexualidade foi tratada como aquilo que precisaria ser controlado.

Dabhoiwala (2013), em *As origens do sexo*, também ressalta a existência desse controle, afirmando que “[...] todas as sociedades europeias promoviam o ideal da disciplina sexual [...]” (DABHOIWALA, 2013, p. 11). Esse controle sexual, embora fosse consenso, tornava-se bastante difícil, justamente pela característica da sexualidade aqui já apontada: é inerente ao homem. Retratando essa dificuldade, o mesmo autor nos fala do conflito vivido por Santo Agostinho quando decidiu entrar para a vida religiosa, os seus desejos sexuais eram algo tentador, portanto pedia pela castidade e autocontrole sobre suas ações e logo acrescentava “mas por favor, ainda não” (AGOSTINHO apud DABHOIWALA, 2013, p. 16).

Outro livro que corrobora a existência dessa convenção criada em torno da sexualidade é *Pornografia e sexualidade no Brasil*, no qual Winckler (1983) assegura que essa “consciência moral” que existe na sociedade quanto ao que é certo ou não nas relações sexuais está em consonância com o conceito de superego formulado por Freud:

O superego reforça o peso do princípio da realidade. Valores sociais são introjetados nos indivíduos e transformados em sua “consciência moral” desenvolvendo o sentimento de culpa caso haja rompimento de normas estabelecidas ou simplesmente o desejo de rompê-las (WINCKLER, 1983, p. 14).

Assim sendo, todo o controle que de alguma forma é feito acaba recebendo a colaboração do próprio indivíduo, o qual pode começar a julgar as suas próprias ações, tendo como base um modelo pré-estabelecido.

Afirmar que há regras em torno do sexo não significa que ele seja algo totalmente reprimido. Se houve liberdade sexual, no entanto, não se tratou de algo que alcançasse a todos “[...] beneficiou, acima de tudo, uma minoria de homens brancos, heterossexuais e detentores de propriedade” (DABHOIWALA, 2013, p. 12). Assim sendo, muitos atos sexuais que poderiam ser vistos com naturalidade se praticados por esse grupo específico não seriam encarados da mesma maneira caso fossem praticados por pessoas não tão privilegiadas.

Apontar o que pode ser considerado aceitável ou não quanto à sexualidade é algo bastante relativo, uma vez que todo juízo de valor possui relação direta com costumes e crenças, tudo isso se trata apenas de convenção. Assim, a sexualidade periférica será aqui tratada como ações que podem não ser aceitas tão abertamente dentro de um determinado contexto. Cabe ressaltar que a aceitação ou não de determinadas posturas no campo da sexualidade apenas resultará em ações feitas com cautela, de maneira sigilosa, e não na exclusão destas, visto que o problema, muitas vezes, pode ser apenas o julgamento do outro.

A expressão “sexualidade periférica” é de Foucault e foi empregada no seu livro *História da Sexualidade I*, publicado pela primeira vez em 1976. Em primeiro momento, o autor afirma que nem sempre houve todo esse pudor em torno da sexualidade, sendo que as ações e discursos sexuais eram aceitos com maior naturalidade: “Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Posteriormente, houve uma mudança quanto a isso, Foucault assegura que as relações sexuais foram levadas para dentro de casa, especificamente para os quartos dos pais e ainda se atribuiu a estas a função de reprodução, apenas. Assim sendo, as crianças foram proibidas a

falarem de sexo e criou-se um enorme silêncio em torno do que antes era tão comum, instalando-se uma verdadeira repressão.

Uma das explicações dadas para essa nova postura é o cenário capitalista social – “se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho [...] na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres [...]?” (FOUCAULT, 1988, p.11). Além disso, houve uma associação ao pecado, sendo mais uma forma de inibir as pessoas; assim, a Igreja Católica também entra como reguladora das ações de seus fiéis.

Essa inibição provocada pela fé foi também percorrida por Dabhoiwala. Ao falar das relações ilícitas, podendo ser relacionada à sexualidade periférica pela não convenção, ele aponta como a sociedade enxergava esse comportamento: “Parecia óbvio que as relações ilícitas despertavam a ira de Deus, impediam a salvação, feriam as relações pessoais e minavam a ordem social” (DABHOIWALA, 2013, p. 1).

Dabhoiwala segue assegurando que faz parte da história humana a prescrição de regras que buscam servir como crivo para o que é sexualmente imoral ou não, citando os códigos mais antigos de que se tem conhecimento, os redigidos pelo rei da Babilônia e datados de 2100-1700 a.C.. Tais códigos apontavam o adultério como um crime passível de pena de morte.

Entretanto, essas regras não eram restritas aos relacionamentos extraconjugais, existia também dentro do casamento a conduta considerada adequada. Assim, é possível encontrar na bíblia menções quanto ao comportamento de marido e mulher:

Embora o Velho Testamento louvasse o casamento como instituição social e religiosamente indispensável, e às vezes (notavelmente no Cântico dos Cânticos) celebrasse o erotismo conjugal, sua mensagem predominante era que as relações sexuais eram impuras. Mesmo entre marido e mulher, o sexo devia ser estritamente limitado em sua ocasião, local e propósito (apenas para procriação, não por prazer). (DABHOIWALA, 2013, p. 15)

Em Winckler também há a abordagem da sexualidade periférica, embora não com tal nomenclatura. O autor afirma que houve a iniciativa inegável de protelar a satisfação sexual, dessa forma, não era bem visto o sexo que apresentasse conotação de sensualidade. Para tanto, a sexualidade é incitada de maneira monogâmica e heterossexual, além de serem bem definidos os papéis a serem desempenhados pelos homens e pelas mulheres.

É mediante esse cenário que surge, então, a sexualidade periférica. A ilegitimidade não é banida, o que acontece é a transferência dessas ações para outros ambientes, de maneira que haja uma separação entre o que é permitido e o que não é, havendo uma segregação: “Se for

mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” (FOUCAULT, 1988, p. 11). É como se tivesse uma instância de poder que possuísse a autonomia para julgar toda e qualquer relação, classificando-as como aceitáveis ou não, acabando interferindo em situações tão íntimas.

Paradoxalmente a esse silêncio que se criou em torno da sexualidade, houve também uma explosão no que diz respeito ao discurso sexual, sendo até mesmo uma forma de controle sobre tudo o que estava acontecendo em ambiente particular. A confissão religiosa é dada como exemplo do momento em que todas as minúcias do sexo precisam ser relatadas, e esse ponto muito se aproxima do que acontece na obra *O Mulo*, visto que a carta que está sendo escrita por Philogônio, além de testamento, é uma confissão: “Esse escrito de meu punho e letra é minha confissão e testamento. Aqui confesso meus pecados muitos [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 13). Ao pedir ao padre para que não se assustasse com os detalhes apresentados das relações sexuais – “Agüente, que é confissão” (RIBEIRO, 2014, p. 289) –, Philogônio está concordando que se trata de um momento em que tudo deva ser falado, ainda que experiências estritamente pessoais.

Assim, em meio ao discurso que se formou e aos julgamentos que eram feitos desses discursos, de fato criaram-se rótulos para os tipos de sexualidade. A periférica, portanto, “(...) é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas” (FOUCAULT, 1998, p. 39).

Essas observações não se restringiram aos estudos de Foucault, um exemplo disso é Freud, que chegou a falar em uma de suas obras sobre as “aberrações sexuais”, as quais se referem justamente ao conceito de sexualidade periférica:

A teoria popular do instinto sexual tem uma bela correspondência na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades — homem e mulher —, que buscam unir-se novamente no amor. Resulta em grande surpresa, então, saber que existem homens para os quais o objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher. Tais pessoas são chamadas *Konträrsexuale*, ou melhor, invertidos [...] (FREUD, 1996, p. 21-22).

A própria nomenclatura escolhida por Freud, “invertidos”, deixa evidente como a relação homossexual era encarada, algo fora do padrão, que não estava certo. Embora possamos afirmar com segurança que essa visão vem sendo contestada, sabemos também que a aceitação desse “diferente” não é unânime.

Bataille (1987) pontua que as regras e restrições definidas em torno da sexualidade sempre existiram, variando apenas de acordo com a época e com a sociedade. A isso o autor nomeia “interditos”, os quais são as proibições impostas a toda uma sociedade; o mesmo autor aponta ainda a existência de uma categorização do que seria interdito, na medida em que estes podem ser vistos de maneira universal ou de forma particular – “interdito que se opõe em nós à liberdade sexual é geral, universal; os interditos particulares são os seus aspectos variáveis” (BATAILLE, 1987, p. 34).

No entanto, como contrapartida ao interdito, Bataille fala também da “transgressão”, uma vez que mesmo havendo a consciência do que não se pode fazer, sempre alguém o faz. O rompimento com essas regras não faz com que o interdito deixe de existir, pelo contrário, só é possível considerar que houve uma ruptura porque primeiro houve uma prescrição. Além disso, o autor pontua que a transgressão já é sempre esperada, o que não anula a necessidade de regras.

Dessa maneira, podemos facilmente associar a transgressão ao interdito à prática de uma sexualidade periférica. Por mais que existam ações relacionadas à sexualidade que são consideradas convencionais e outras rejeitadas por determinadas sociedades, sempre haverá aqueles que buscam pelo não consensual.

Em sua obra aqui já mencionada, Giddens traz outra nomenclatura, expondo o que ele chama de “sexualidade plástica”: “A sexualidade plástica é a sexualidade descentrada, liberta das necessidades de reprodução” (GIDDENS, 1993, p. 10). Assim, trata-se de uma sexualidade fora da imposição e obrigação, em que o sexo é praticado por desejo próprio, por necessidade de se satisfazer.

“Toda a relação fora da esfera conjugal amorosa e procriativa passa a ser combatida; relações extraconjugais, homossexualidade, prostituição, sexualidade infantil e sexualidade dos velhos” (WINCKLER, 1983, p. 44) – essa é a colocação feita por Winckler quanto às restrições existentes em relação à sexualidade, já que apenas os relacionamentos heterossexuais e monogâmicos eram idealizados. Inegavelmente aqui o autor está tratando também das sexualidades periféricas.

Bozon também se dedica a falar das sexualidades periféricas, usando os termos “lícitas/ilícitas”. Uma colocação muito importante feita por ele é que essa classificação do que transgredir uma regra ou não será bem distinta em relação aos homens e mulheres. O exemplo trazido é quanto ao adultério, teoricamente os relacionamentos extraconjugais são desprezíveis, em se tratando de ambos os sexos; no entanto, as mulheres costumam ser mais julgadas que os

homens, e é exatamente por isso que as prostitutas são apontadas negativamente e seus clientes não.¹

Levando em consideração estudos mais atuais, é possível afirmar que a ideia de existência de uma sexualidade periférica ainda é vigente. A discussão em torno desses assuntos tornou-se mais recorrente, o que não implica em maior aceitação. Carvalho e Oliveira (2017) asseguram que embora a homossexualidade tenha deixado de ser considerada uma doença, há ainda nos discursos médicos uma categorização do que é aceitável ou não, já que consideram tanto a transexualidade quanto a intersexualidade como anomalias, algo totalmente fora do que deveria ser o padrão.

Salles e Ceccarelli (2014) afirmam ter havido uma evolução quanto o debate da sexualidade, sendo isso contribuição dos movimentos feministas e estudantis. Isso resultou em formação de novos modelos familiares, contendo um pouco o conservadorismo presente na família patriarcal. Ainda assim, eles confirmam: “[...] não podemos dizer que atualmente a sexualidade seja menos conflituosa apesar de ser aparentemente mais livre em suas manifestações” (SALLES; CECCARELLI, 2014, p. 25). Dessa maneira, os autores concluem que na atualidade o “politicamente correto” continua sendo crivo para essa seleção do que é e o que não é bem aceito.

Por conseguinte, o que podemos notar é que a sexualidade periférica ainda existe, mesmo que tenhamos evoluído quanto à aceitação do não usual, muitas vezes é difícil retirar o estigma presente em algumas relações sexuais. Assim, é pouco provável que haja, em algum momento, uma liberdade total, já que o mais comum de se ver em uma sociedade é a criação de regras em qualquer que seja a situação, com o sexo não é diferente. Será com base nessa não convenção que os relatos do romance *O Mulo* serão aqui lidos.

1.4 Um lugar à margem

A constatação de que existem diversas outras nomenclaturas para o que aqui tratamos como periférico pode levantar questionamentos quanto ao porquê da nossa escolha. Periferia é o lugar de margem, trata-se de locais que não recebem a mesma atenção que aquilo que está ao centro, portanto em evidência. O nome ganhou destaque no Brasil, segundo Giselle Megumi Martino Tanaka (2006), no período histórico das grandes imigrações para os centros urbanos

¹ Esse aspecto diferença entre homens e mulheres será mais explorado no próximo capítulo, dedicado exatamente para isso.

de São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960. Dessa maneira, a periferia tem como característica “[...] apresentar espaços segregados da cidade formal e ‘moderna’, que começam a ganhar visibilidade e aparecer na mídia [...]” (TANAKA, 2006, p. 23). Assim, acreditamos ser esse o termo que melhor representa toda a sexualidade que aqui será abordada, já que sexualidades periféricas são as práticas que não são tratadas abertamente, não possuem a mesma valorização das sexualidades convencionais, mas, ainda assim, está tão presente na vida das pessoas.

O que não se pode deixar de mencionar, também, é como essa periferia é explorada até mesmo nos nomes adotados pela personagem protagonista no decorrer da narrativa. Em primeiro momento, a personagem é chamada de Trem, por não possuir uma identidade e, portanto, não possuir importância. Popularmente “trem” é uma palavra atribuída a algo insignificante, podendo adquirir um tom pejorativo quando designada a uma pessoa. Enquanto viveu como Trem, a personagem experimentou as mais diversas sexualidades periféricas, que aqui serão apresentadas posteriormente, colocando em evidência a sexualidade das crianças tão comumente ignorada.

Ao se tornar coronel, a própria personagem escolheu como gostaria de ser chamado, Philogônio. Esse é um nome que chama atenção do leitor, uma vez que não é tão comum, tornando-se ainda mais incomum por ser grafado com “Ph”. Trata-se de um nome que une dois elementos, o primeiro, “Philo”, é mais conhecido, tem origem grega e significa “amigo, amado, querido” (MACHADO, 1967, p. 1044); o segundo elemento também tem origem grega, “gônio” vem do nome “gónos” cujo significado é “procriação, semente genital; órgãos da geração [...] sexo, origem, nascimento” (MACHADO, 1967, p. 1158). Assim, Philogônio seria o amigo da procriação, do sexo.

Entretanto, podemos notar a existência de uma ironia na atribuição desse nome para a personagem, uma vez que essa ressalta em vários momentos ser infértil. Após a relação sexual com siá Mia, é a esta conclusão a que Philogônio chega: “Tinha posto no fundo dela minha gala sem semente” (RIBEIRO, 2014, p. 244). Assim sendo, a sexualidade periférica pode ser vista até no nome da personagem, na medida em que é amigo do sexo sem fins de procriação.

Por fim, já na condição de coronel, recebeu um apelido dos seus próprios criados, Mulo, fazendo referência direta ao resultado do cruzamento de uma égua/cavalo com um jumento/jumenta. Assim, o mulo, ou burro como também é conhecido, é animal completamente periférico, pois o hibridismo faz com que seja estéril – característica também de Philogônio. Dessa forma, chamá-lo de Mulo parece apenas reforçar aquilo que o próprio nome escolhido

diz, é um homem completamente sexualizado, viril, mas que não cumpre a função primeira que o conservadorismo atribui ao sexo.

Certamente é possível associar toda essa periferia ao próprio Darcy Ribeiro. Por mais que tenha conseguido um grande reconhecimento por parte de alguns, tanto em sua carreira política quanto nas suas diversas outras áreas de atuação, é fato que foi um homem que viveu à margem em relação às ideias vigentes de sua época. Algo que pode constatar isso foi o exílio a que o submeteram: “Foram 12 (doze) anos entre o Uruguai, Venezuela, Chile, Peru e México, com algumas vindas conturbadas ao Brasil, por extrema teimosia, e viagens para a Europa, a trabalho.” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2016, p. 2234).

Além disso, Darcy Ribeiro utilizou esse momento de reclusão para escrever, inclusive foi o que se deu com a escrita de *O Mulo*. Nesse momento em que se encontrava à margem, utilizou a literatura, forma de arte também muitas vezes marginalizada, para expor tudo isso que estava na periferia, fora do foco das discussões, mas não fora das práticas cotidianas.

Por isso optamos pelo termo periférico, resolvemos tratar aqui da sexualidade que não fica em evidência. Ainda que tantos outros adjetivos também pudessem ser empregados, esse é o que acreditamos ser o que melhor engloba o que foi representado por Darcy Ribeiro tanto em sua escrita quanto em sua própria vida.

1.5 Entendendo a história por trás da ficção

Indubitavelmente houve grandes avanços na sociedade em relação ao pensamento quanto à sexualidade; muito do que antes era considerado inaceitável hoje já possui uma maior receptividade nas pessoas, embora ainda haja o que se repensar em relação a isso. Discussões sobre relações homossexuais são amplamente difundidas, a masturbação em muitos casos chega a ser estimulada e nem mesmo dentro do universo religioso o sexo é visto apenas como meio de procriação, já que há a recomendação de contraceptivos que sejam considerados métodos naturais.

É fato que encontramos, atualmente, um cenário brasileiro com bastante resistência às discussões relacionadas à sexualidade, o que é reforçado por políticas mais conservadoras. Contudo, ainda assim vemos um grande número de pessoas resistentes a essa postura, enfrentando o que consideram regressão e impondo discussões sobre o assunto.

Diante dessas afirmações, podemos ser questionados do motivo pelo qual rotulamos a sexualidade representada em *O Mulo* como periférica; pode-se pensar que todas as relações ali

expostas são ações já bem aceitas e que, por isso, podem não provocar tanto impacto no leitor. Para que seja possível compreender essa classificação, é de suma importância que se conheça o contexto em que vivia o Brasil no momento em que o romance foi gestado.

Publicado em 1981, *O Mulo* foi escrito na década de 1970 enquanto Darcy Ribeiro estava exilado. O exílio aconteceu em um momento de conturbação política do Brasil, após a deposição do então presidente da república João Goulart em 1964. Darcy Ribeiro, assim, fez parte de “[...] uma específica rede de intelectuais latino-americanos exilados e engajados na produção de um pensamento crítico e autóctone a partir da América Latina” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2016, p. 2234).

Durante esse período, a sexualidade acaba ganhando maior notoriedade no Brasil, sendo assim considerados os anos de 1960 e 1970 a data de um período conhecido como “Revolução sexual”. Na verdade, essa nova visão acerca do tema não era particularidade brasileira, o que se via era um movimento mundial que convergia para isso, o Brasil apenas seguia a mesma tendência das grandes metrópoles europeias e norte-americanas.

Se pensarmos a nível mundial, é fundamental pontuar o Festival de Woodstock, tido como um importante marco na revolução jovem daquela década, realizado no mês de agosto de 1969 em Nova York. O evento ficou conhecido por reunir milhares de pessoas em um movimento de contracultura em relação ao conservadorismo, uma vez que no evento foi massiva a presença de nudez, sexo e drogas. Carolina Weiler Thibes (2012) fala sobre essa postura revolucionária do festival: “Os hábitos e pensamentos até então solidificados foram rompidos pela geração de 60 transformando antigos dogmas em novas formas de vida. O Festival de Woodstock apenas ampliou a repercussão destes ideais, promovendo sua ascendência mundial” (THIBES, 2012, p. 6).

Conforme já mencionado, o Brasil estava nesse momento seguindo as tendências internacionais, na busca por um rompimento com o que consideravam imposição. Um movimento nacional bastante relevante e de grande notoriedade é o tropicalismo, o qual abrangeu tanto a música como a literatura e até o modo de vida das pessoas, já que difundiu o estilo considerado hippie. Assim, é possível afirmar que o tropicalismo

Acabou consagrado como ruptura, em diversos níveis: comportamental, político ideológico, estética. Ora apresentado como a face brasileira da contracultura, ora apresentado como o ponto de convergência das vanguardas artísticas mais radicais (como a Antropofagia modernista dos anos 1920 e a Poesia Concreta dos anos 1950, passando pelos procedimentos musicais da Bossa Nova) [...] (RADO; SCHUSTER, 2017, p. 20).

Grande símbolo de liberdade sexual é a pílula contraceptiva, principalmente em se tratando da sexualidade feminina. Foi também na década de 1960 que essa conquista foi alcançada, liberando a comercialização dos primeiros anticoncepcionais. Cristiane Vanessa da Silva (2017) aponta o ano de 1962 como o que precisamente deu início à liberação das pílulas no Brasil, segundo a autora, a adesão foi feita em massa, de modo que já em 1966 uma revista anunciou na capa o fato de o Brasil consumir 60 milhões de pílulas anticoncepcionais anuais.

Como pode ser constatado, de fato foi um período de grandes revoluções, o que impactou diretamente nas produções da época. Se levarmos em consideração o período em que *O Mulo* foi escrito, é inegável afirmar que Darcy Ribeiro lançou mão desse movimento nacional como base para a sua escrita. O autor, em várias oportunidades, exalta esse momento de revolução cultural, como na entrevista dada para o Roda Viva: “O momento mais rico do Brasil. O cinema novo, a bossa nova, o tropicalismo. Isto durou até 1968... A beleza que era o movimento de cultura popular” (RIBEIRO, 1995).

Del Priore (2011) descreve esse novo cenário brasileiro, consoante a autora tratou-se de um período em que as pessoas começaram a buscar mais pelo prazer, defendendo a ideia de que se tratava de um direito; as músicas e a televisão, esta começando a se popularizar, passaram a trazer mais explicitamente conteúdo sexual, adotando palavras que até então eram evitadas por serem consideradas obscenas; o ideal de virgindade deixou de ser algo inquestionável, trazendo maior intimidade entre os casais, que se consolidou ainda mais com a difusão das pílulas contraceptivas.

Paradoxalmente a essa revolução vivenciada na sexualidade, temos como cenário político no período de gestação do livro a Ditadura Militar. O país se encontrava em um cenário de repressão, são vários os relatos de censura quanto a diversas produções artísticas, por exemplo. O ano de 1968 ficou marcado pela promulgação do AI-5, ato institucional que concedia liberdade ao governo para tomar decisões extremistas, que incluía, até mesmo, a liberdade de executar prisões sem que houvesse a necessidade de um mandado, como assegurado por Alves (2005) em *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*.

Fato é que essa “carta branca” assumida pelas autoridades também afetou a sexualidade da população brasileira. À medida que a ditadura se instalou, os direitos individuais foram comprometidos, de modo que a livre expressão não era mais possível. Assim, até mesmo situações de cunho tão pessoal, como o sexo, passaram a ser monitoradas.

Como resultado disso, em 1970 um novo decreto entra em vigor, sendo este mais especificamente relacionado à sexualidade, é o que nos mostra Winckler:

Em janeiro de 1970, é baixado o decreto-lei 1077, que visava conter ameaças internas e externas “à moral e aos bons costumes”, “proteger a instituição da família, preservar-lhe os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da juventude”, pois estaria em andamento um “plano subversivo que põe em risco a segurança nacional”. O decreto permitia não só a apreensão imediata, como a censura prévia dos livros e periódicos considerados obscenos (WINCKLER, 1983, p. 72).

Dessa maneira, é possível perceber que voltou à cena o conservadorismo sexual, deixando mais uma vez delimitado as sexualidades periféricas. Winckler fala ainda da proibição às chamadas revistas masculinas, proibições essas de 1977 e que se estenderam até o final da década. Assim, não seriam mais permitidas fotografias que contivessem “a) atos sexuais b) nádegas completamente nuas c) seios totalmente à mostra d) região púbica descoberta [...] e) modelos em poses lascivas f) relacionamento homossexual g) indumentários transparentes permitindo visualizar partes íntimas do corpo” (WINCKLER, 1983, p. 72). São justamente todas essas proibições que encontramos no romance *O Mulo*.

O decreto 1077/70 fala ainda que os materiais que apresentassem esses conteúdos que pudessem colocar em risco os valores tradicionais poderiam ser até mesmo incinerados, sob custo de quem produziu, como uma forma de punição. É visível como estavam delimitando, de fato, o que seria uma sexualidade aceitável e uma sexualidade periférica.

O que não podemos ignorar é que essa postura conservadora instaurada na década de 1970 não foi de fato adotada por todos. Enquanto o governo tortura as pessoas e queriam controlar até mesmo a vida pessoal, no cinema estava havendo a grande difusão de um gênero cinematográfico aparentemente contraditório para a época: a pornochanchada.

Enquanto nas ruas ecoavam os brados dos que se proclamavam os salvadores da pátria; enquanto nos porões eram amordaçados os gritos dos que eram confinados por discordarem; no escurinho dos cinemas, os brados e gritos eram maliciosamente substituídos por sussurros e suspiros de atrizes desnudas, e de incansáveis garanhões à busca de satisfação sexual. (SALES FILHO, 1995, p. 67).

Tratava-se, portanto, de um gênero que buscou unir a chanchada, produções com conteúdo de comédia que já haviam conquistado o público, ao teor erótico. A partir disso, tornou-se extremamente comum as telas exibirem nudez e sexo, em filmes que possuíam títulos chamativos sem nenhuma aparente necessidade de omissão do conteúdo: “Os mansos, Lua de mel e amendoim, As cangaceiras eróticas, Essa mulher é minha e dos amigos, Como era boa a nossa empregada e outros, dentre centenas que foram produzidos” (SALES FILHO, 1995, p. 67).

O que chama atenção é a maneira como esse gênero cinematográfico foi bem aceito naquela sociedade. Esses filmes são a perfeita retratação do que seria a sexualidade periférica, pois tudo aquilo que era proibido pelo decreto aqui já mencionado, por considerarem que feria a moral e os bons costumes, era exatamente o que compunha os enredos. Assim sendo, é nítido que de fato havia era um falso moralismo, um conservadorismo apenas por aparência, era como se os telespectadores buscassem formas consideradas legais para desfrutar do que era proibido.

O casamento é indissolúvel (até certo ponto), a fidelidade é inquestionável (até que apareça uma primeira oportunidade), a integridade da família é suprema (às vezes), somos todos católicos (alguém se lembra?). No universo temático das pornochanchadas estão registradas várias entrelinhas, que parecem demonstrar que nossa relação com as coisas não é de tanta submissão quanto poderíamos imaginar. (SALES FILHO, 1995, p. 69).

Dessa forma, é possível pensarmos em uma política de “pão e circo”, pois havia tortura, perseguição e os mais diversos modos de controle, mas havia ainda esse entretenimento nos cinemas que acabava sendo uma catarse para os telespectadores, que em massa frequentavam os cinemas.

O que não podemos pensar é que o erotismo retratado nesses filmes seja totalmente desregrado. Por mais que o público estivesse ali justamente pela nudez e pelos trocadilhos eróticos, era preciso ainda manter uma aparência, afinal estávamos em plena ditadura. Em relação a isso, Flávia Seligman (2003) assegura que todos os filmes faziam questão de apresentar um desfecho condizente com o que seria, para a sociedade, mais aceitável – a mocinha casando-se, por exemplo. Isso apenas endossa o lugar que era dado àquele tipo de sexualidade ali exposto, era periférico, servia para provocar o riso e, muito provavelmente, aguçar o desejo, mas precisava ser imposto um limite para que não parecesse uma aceitação total desse tipo de postura.

Portanto, levando em consideração o momento histórico do Brasil em que Darcy Ribeiro escreveu o romance em questão, a hipótese que levantamos é que de fato a sexualidade expressa no enredo trata-se de algo periférico, o que contribui significativamente para a construção da narrativa da personagem Philogônio. Era um momento de repressão, de controle de conduta, inegavelmente o romance apresenta ações opostas ao que era pregado, numa tentativa de evidenciar a discrepância entre o discurso oficial e as ações expostas no romance.

1.6 A sexualidade periférica em *O Mulo*

O romance *O Mulo* é permeado de sexualidade periférica. Em vários momentos o leitor se depara com a descrição de uma cena que evidencia o pouco pudor nos relacionamentos, seja no sexo de fato concretizado ou apenas em atos que revelam o desejo sexual, e isso se dá praticamente nos 9 capítulos.

O enredo é narrado em primeira pessoa, trata-se de uma personagem que, por acreditar que vai morrer logo por causa de uma doença que a acometeu, resolve fazer uma carta confessando seus pecados. Os escritos se destinam a um padre ainda incerto, já que somente mais tarde o criado Militão se encarregaria de procurar um padre para entregar a carta. Assim, Philogônio de Castro Maya vai conduzindo a narrativa na qual se alterna um passado distante e um mais recente, dessa forma, a carta vai mesclando confissão, testamento – já que possui orientações indicando a quem deveria ficar os seus bens – e uma narrativa memorialística.

O leitor é informado que Philogônio não foi criado pelos pais, mas sim pelo padrinho Lopinho, homem rude que o maltratava muito e que o nomeia como Trem, uma vez que chegou ali sem nome nem documentos. Desse período, são vários os episódios narrados como “pecados de menino”: mantinha relações sexuais com uma jumenta; acabou matando um pato “na agonia de foder”; era viciado em se masturbar; relacionava-se sexualmente também com dois amigos, o Joca e o Zabelê; espiava o padrinho durante a noite enquanto este fazia sexo com Lenora ou com Andréa e, o último pecado dessa época, matou Lopinho com um prego enfiado na cabeça e fugiu dali, quando tinha quinze anos.

A partir dessa saída da casa de Lopinho, são várias as identidades assumidas pelo narrador-personagem. Assim que deixa o Lajedo, lugar em que morava, começa a ser chamado de Terezo; torna-se um muleiro, nomeado Filó, e se orgulha de ser o único que consegue excitar o mulo para que o cruzamento com a fêmea aconteça; ingressa no quartel, onde se torna o Terêncio, mas acaba fugindo, pois não queria se submeter às relações sexuais com os superiores que eram impostas; arranja um bom casamento com a “siá” Mia e se torna o Coronel Philogônio de Castro Maya.

“Siá” Mia foi apenas uma das várias mulheres que ele teve, há também a Emilinha, chamada de mula sem cabeça por ser filha de um padre; Calu, que se torna sua criada, mas que chegou lá “ainda tapada”, sendo ele o seu primeiro homem; Nina, que dividia o cunhado com a irmã até ser levada por Philogônio, além de várias outras.

Na condição de coronel é apelidado de Mulo por seus empregados; ingressa-se na política; conquista muitas terras invadindo mata virgem e queimando tudo sem nenhum cuidado; comete alguns assassinatos, mas se considera um “tomador de conta do gado de Deus” até se ver idoso, doente e só, uma vez que não teve nenhum filho por ser estéril. Militão, o criado encarregado de entregar a confissão a um padre, morre antes de cumprir essa sua tarefa.

Durante toda a obra, muitas são as ocorrências de relatos os quais envolvem a sexualidade da personagem central. Desde a infância, Philogônio se vê envolvido sexualmente em algumas situações para ele consideradas “pecado de menino”. Se se considerarmos a definição de sexualidade periférica, podemos notar que são poucas as relações narradas que não se aproximam dessa. O ponto inicial que nos leva a essa afirmação é o fato de ter criança envolvida nesse universo sexual, realidade que muitas vezes tende a ser ignorada por um ambiente conservador, assim como afirmou Freud, em uma assertiva já apresentada neste trabalho, quando não é ignorado é visto como uma imposição.

Um dos episódios narrados que explicita a sexualidade infantil é quando o narrador-personagem conta um hábito do garoto Trem, olhar seu padrinho tendo relação sexual com duas mulheres em específico:

Quando ele vinha vindo, eu sabia, sentia, antes de sua chegada [...] Entrava calado, pisando duro no chão de terra com as alpercatas [...] Sentava na esteira dela, punha pra baixo a calça sem tirar de todo e caía em cima da que fosse, sem palavra. Eu, olho estatelado, procurava ver naquela escuridão, com o pauzinho duro de doer [...] Só via a bunda do Lopinho subindo e abaixando. Depois ouvia aquele grunhido rouco com que ele acabava. (RIBEIRO, 2014, p. 35).

Nesse momento narrado há claramente a ereção do órgão genital de uma criança, o garoto procurava sempre estar ali naqueles momentos, pois sabia o prazer que aquilo causava, e isso vai contra um senso comum que se criou de que crianças estão completamente fora desse universo sexual. O que chama atenção também nesse trecho é o fato de a criança estar presenciando a cena de um estupro e aquela situação de domínio, que provavelmente ela ainda não sabia nomear, provocar tanto prazer nele. Como se tratava de uma ação corriqueira, isso foi assimilado como algo normal para o menino Trem, mas o relato que temos é de mulheres que não foram estimuladas sexualmente, como comprova a expressão “caía em cima”. Em nenhum momento o narrador aponta qual teria sido a reação da mulher escolhida na noite, o que se fala é da “bunda do Lopinho subindo e abaixando” e, por fim, do “grunhido rouco com que ele acabava”, como se apenas ele tivesse se satisfazendo naquele ato, já que não se menciona qualquer barulho feito por ela.

Quanto ao estupro, um aspecto tão recorrente nesse romance, podemos entender como um meio de domínio, sendo essa característica muito associada ao sexo: “[...] é porque na atividade sexual em geral está em jogo o domínio, a força e a vida do homem” (FOUCAULT, 1984, p. 114). Foucault fala ainda de como o prazer e o sofrimento se associam, sendo muito tênue a linha existente entre esses dois sentimentos. Fazendo referência ao pensamento de Hipócrates, afirma-se que o prazer sexual pode ser comparado a um pequeno ato epilético, chegando a considerar o sêmen como uma espuma do sague do homem.

Esse pensamento de que é preciso dominar a parceira durante o sexo é que faz Lopinho se sentir no direito de agir com autoridade sob as mulheres – e mais tarde Philogônio também –, acreditando estar cumprindo a sua função de homem: “o ato masculino que determina, regula, atíça, domina. É ele que determina o início e o fim do prazer” (FOUCAULT, 1984, p. 117). Além disso, a associação entre o gozo e a dor é o que leva não só à excitação do padrinho, mas também à ereção do garoto, por mais que possa não ter noção total do que ali acontecia, aquilo o agradava a ponto de fazê-lo esperar por aquela cena todas as noites, era brutal, mas aqueles movimentos violentos o levavam ao prazer.

A sexualidade na infância é mais comum do que parece, desde cedo as pessoas buscam a satisfação de desejos. Freud afirma que a sexualidade se inicia no nascimento e vai passando por fases que se estendem à fase adulta. A amnésia que se dá em relação à infância, segundo o mesmo autor, é o que faz com que esses eventos ocorridos tão cedo não sejam lembrados, embora possam permanecer no inconsciente.

Em vários momentos a narrativa em *O Mulo* evidencia como a sexualidade das crianças pode ser despertada em situações aparentemente comuns, é como se elas, por estarem se descobrindo, fossem mais sensíveis e, por vezes, curiosas, o que as levam a buscarem o estímulo em brincadeiras, por exemplo. O narrador-personagem fala de como sentia prazer em carregar as meninas no cabeçote da sela e como isso o levava a um “[...] gozozinho inocente ou quase [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 64), ainda que o contato não fosse além daqueles passeios a cavalo, já era o suficiente para que ele percebesse que aquilo lhe causava prazer.

Nas brincadeiras, as crianças também podem encontrar uma forma de estimular a sexualidade, o garoto Trem tinha esse hábito:

Eu só gostava, então, era de ver as partes das meninhas da vizinhança. Olhava com gosto o estufadinho delas, a racha, o grelo. Às vezes (aí vai pecado, seu padre), às vezes, conseguia passar o dedo na rachinha de Ana, uma menina que vivia por ali. Brincávamos na beira do rio, enquanto a mãe dela lavava mais embaixo. Aninha

gostava muito, principalmente quando eu dava de pôr na bocetinha dela umas pedrinhas brancas, bem redondas. (RIBEIRO, 2014, p. 36).

Aqui, é possível perceber como a genitália feminina despertava o interesse do garoto, a ponto de levá-lo ao desejo do toque. No entanto, não era apenas Trem que se divertia com a brincadeira, ele afirma que Aninha “gostava muito” quando ele colocava pedrinhas nela, o que possivelmente ocorria devido a algum estímulo sexual sentido durante essa ação. Pode parecer estranho, mas isso é mais comum do que pensamos, em *Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros* (CAVALLIERI, et al., 1983), os autores revelam em suas pesquisas como a sexualidade está presente desde o início da vida. Uma parte considerável dos que foram entrevistados por eles afirmaram que sentiam algum tipo de prazer físico ou emocional quando brincavam de “papai e mamãe”. Os autores falam da delicadeza do assunto, “Essa sexualidade é, ainda hoje, um tema proibido que não pode ser mencionado com total isenção de ânimo, pois desperta intensa ansiedade por parte dos adultos” (CAVALLIERI, et al., 1983, p. 84), o que comprova se tratar de um tipo de sexualidade periférica.

Além disso, o romance traz uma abordagem da sexualidade infantil por meio de outra perspectiva, a pedofilia. Philogônio conta quais eram os hábitos que ele tinha com Lica, antes de ela aparecer grávida de outra pessoa:

Era uma meninazinha quando chegou [...] Se pôs em estado com a ajuda das minhas mãos, esfregando os peitinhos nascentes dela [...] Vinha devagar, roçar seus peitinhos em meu ombro e se encostar pra eu mexer nela, na rachinha dela, por cima da calça, depois com os dedos metidos lá para sentir os pentelhos apontando ainda sedosos. (RIBEIRO, 2014, p. 181-182).

A idade da garota em nenhum momento é mencionada, entretanto as expressões “peitinhos nascentes” e “pentelhos sedosos” deixam claro que se trata de uma criança. A maneira como é vista uma atividade sexual entre um adulto e uma criança possui muita relação com o ambiente em que isso ocorre, o que pode estarrecer muitas pessoas pode também ser visto como a normatividade. Laura Lowenkron (2016) afirma como pode ser controversa a escolha de uma idade limite para ser aceitável uma relação sexual; no entanto, no Brasil o código penal determina, por lei inserida no ano de 2009, que a idade de consentimento é 14 anos: “Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos: Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos” (BRASIL, 2009). Portanto, a prática sexual com menores da considerada idade de consentimento é tida como estupro de vulnerável. Assim, podemos afirmar que nesse trecho do romance é retratado outro tipo de sexualidade periférica.

Outra marca que evidencia que Philogônio está se envolvendo com uma criança é a linguagem adotada nesse trecho, ao escolher empregar “meninazinha”, “peitinhos” e “rachinha” ele está atribuindo a sua fala uma marca muito corriqueira ao se referir a uma criança, que é o uso de diminutivos. Scliar-Cabral (1976) aborda sobre o fato de as crianças utilizarem o diminutivo como forma básica para as suas construções, portanto, de maneira natural, o que sugere uma tentativa de Philogônio de se aproximar utilizando, também, esse tipo de linguagem.

O caso que aconteceu entre o narrador-protagonista e Lica explicita, ainda, como as crianças são encaradas por adultos em ocorrências de envolvimento sexual. Na maioria das vezes, a única preocupação é de não comprometer a virgindade delas, o que poderia trazer maiores problemas: “Nada mais que bolinas. Nada de arranhar a virgindade, nem trisquei o pau, nunca” (RIBEIRO, 2014, p. 182).

Philogônio não só se envolve em um caso de pedofilia enquanto adulto, na situação envolvendo a personagem Lica, como também foi vítima dessa ação durante a sua infância. No início do romance, o narrador-personagem nos relata o que Lenora fazia quando ele tinha em torno de sete anos de idade:

A raiva mesmo me vinha de que ela era dada a duas coisas que eu detestava. Uma, era pôr a mão na minha partezinha e até beijar, querendo empinar à força, quando eu estava dormindo ou fazendo que dormia. Outra, era seu sestro de deixar ao revés na minha esteira para pegar o meu pé e esfregar na vassoura cabeluda dela. (RIBEIRO, 2014, p. 36).

Isso evidencia como essa pode ser considerada uma ação recorrente naquele ambiente e contexto retratado no romance *O Mulo*. Embora a sexualidade infantil seja considerada algo que se desenvolve naturalmente, o que se encontra no trecho anteriormente citado é um momento de visível constrangimento do menino Trem.

Os casos aqui apresentados nos fazem perceber duas vertentes bastante diferentes da sexualidade infantil. Nas brincadeiras de Trem e Aninha, o que podemos notar são duas crianças descobrindo juntos o desejo sexual, mas na verdade nenhuma delas sabia ao certo o porquê de aquilo ser tão divertido. Por outro lado, tanto nas carícias de Lenora para com Trem, quanto de Philogônio em relação a Lica, há uma relação de superioridade que intimida a criança, uma vez que somente os adultos estão sob controle da situação.

Outro relato que é trazido no romance diz respeito à iniciação da vida sexual da personagem com uma jumenta. Essa experiência narrada já na fase adulta é lembrada como se fosse algo bastante marcante, uma vez que afirma que tudo lhe vem à memória com mais clareza que seus relacionamentos com “muita mulherzinha”.

Só na boca da noite, quando dava a última vistoria nas criações, é que me agarrava com ela, sempre com treitas para não ser visto pelo Zabelê e pelo Joca. A bichinha, viciada, vinha atrás de mim, fosse eu para onde fosse: o bananal ou a touceira de mato da beira do corgo. E já chegava de traseira, o rabo meio levantado, as patas dianteiras arriadas, meio ajoelhada, a jeito. (RIBEIRO, 2014, p. 30).

Essa não é a única ocorrência no romance, a personagem conta como matou um pato enquanto tentava manter relações sexuais com ele, e isso quando tinha apenas 9 anos; além disso, narrou que já teve um sonho erótico com uma ave branca e enorme como uma mulher, o que foi uma experiência ímpar.

A zoofilia não costuma ser bem aceita nos meios sociais, não só os movimentos que lutam pela causa animal, amplamente difundidos, em repulsa a esse tipo de ato. Bizawu, Ramos e Nepomuceno (2017) falam da prática como patologia, resultando em uma pulsão sexual que está diretamente relacionada à formação ética, moral e psíquica. O fato de os zoófilos serem vistos como doentes faz com que essa seja uma sexualidade periférica.

É importante aqui pontuar que tanto a zoofilia quanto a pedofilia fazem parte de um campo maior denominado parafilia. Este, por sua vez, tem seu conceito esclarecido por Ana Delgado (2014):

As Parafilias definem-se como um padrão de comportamento sexual em que a fonte predominante de prazer não se encontra no acto sexual, mas sim noutra actividade, fantasia ou objecto. Caracteriza-se pela presença de desejos, impulsos, fantasias sexuais ou outros comportamentos sexuais incomuns, intensos e repetidos [...]. (DELGADO, 2014, p. 417)

Assim sendo, existe a patologia relacionada a esses casos, que se refere ao desejo sexual por crianças e animais e é passível de tratamento, bem como existe a prática social, que é a concretização dessas ações tidas como crime no Brasil. Uma coisa aqui não deve ser confundida com a outra, embora apresentem estreita relação de causa e consequência. Isso faz com que as ações narradas em *O Mulo* sejam de fato algo não visto dentro do convencional, são narrações explícitas de crimes cometidos ou não.

Apesar de todo esse pudor em torno do assunto, o que não se pode negar é que a zoofilia é algo muito recorrente na zona rural. Nas narrativas literárias, é comum encontrarmos o cenário em que meninos recorrem ao sexo com animais como uma forma de iniciação – “Tínhamos as nossas cabras e as nossas vacas para encontros de lubricidade. A promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar”, afirma o narrador de *Menino de Engenho* (REGO, 2012, p. 49). Isso, porém, não se restringe ao universo da ficção, Freyre (2019), em *Casa Grande e Senzala*, fala explicitamente a respeito desse hábito tão presente na infância do meio rural:

Em ambos – no menino de engenho, como no sertanejo – a experiência física do amor se antecipa no abuso de animais e até de plantas; procuram satisfazer o furor com que o instinto sexual madruga neles servindo-se de vacas, de cabras, de ovelhas, de galinhas, de outros bichos caseiros; ou de plantas e frutas – da bananeira, da melancia, da fruta do mandacaru. São práticas que para o sertanejo suprem até a adolescência, às vezes até mesmo ao casamento, a falta ou escassez de prostituição doméstica ou pública – as amas, as mulatas, os moleques de casa, as mulheres públicas – de que tão cedo se contaminam os meninos nos engenhos e nas cidades do litoral. (FREYRE, 2019, p. 210).

Dessa forma, as práticas sexuais de Trem com o jumento e com o pato apenas reafirma aquilo que já é costume no ambiente em que ele vive.

Foucault também cita os que não se restringem a amar o outro sexo, fazendo referência à homossexualidade. Na obra de Darcy Ribeiro, o protagonista mantém relações homossexuais em mais de um período de sua vida, começando já na infância, na mesma época em que mantinha uma relação com a jumentinha: “Confesso que troquei com Joca e Zabelê. Mas os dois acabaram meio amigados e birrentos comigo. Na verdade, gostavam é de pôr em mim, não tanto de trocar [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 31). O outro momento já é na fase adulta, no período em que frequentou o quartel, o narrador-personagem acaba revelando que isso era bem corriqueiro naquele ambiente, sendo uma forma mais rápida de ganhar promoção, ceder aos desejos do Major, e ele também acaba cedendo: “Acabei dando, seu padre, meu confessor. Dando sem sentir, enrolado na língua de seda do major e no laço firme do seu mando” (RIBEIRO, 2014, p. 126).

Confrontando esses trechos, é possível perceber a diferença com a qual a personagem encarou ambas as situações. Quando criança, ele não se preocupou com aquilo que vinha praticando com os amigos, via apenas como mais uma coisa sem importância da idade: “Nunca tive sentimento de culpa ou pecado por aquelas safadezinhas de menino” (RIBEIRO, 2014, p. 31). Já a experiência depois de ser homem feito o incomodou bastante, Philogônio sentia vergonha por ter se envolvido em uma relação homossexual, o narrador conta esse fato deixando claro que renega “xibungagem” – termo popular que se refere à homossexualidade –, o que o fez deixar o quartel: “Perdia tudo, mas não minha condição de macho inteiro, de homem” (RIBEIRO, 2014, p. 127). Possivelmente isso se deu porque, quando adulto, a personagem já tinha uma maior noção do que era socialmente aceito ou não. Embora a sexualidade seja algo nato, ela possui relação direta com o ambiente externo em que há regras, sendo o que controla nossas ações.

É importante lembrarmos de que somente em 1990 a homossexualidade deixou de ser considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um distúrbio sexual, conforme

assegurado por Delgado. Isso é algo muito recente, uma vez que a Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), feita naquele ano, é a que vigora até hoje. Portanto, no momento de produção de *O Mulo* a homossexualidade ainda era vista como uma parafilia, algo inegavelmente periférico.

Outro tipo de sexualidade periférica que se pode considerar na obra de Darcy Ribeiro é a masturbação. Esse ato – que também pode ser encontrado em muitas espécies de animais – costuma sempre ser associado ao erro, provocando vergonha. Cavallieri et al. (1983) afirmam que isso se trata de uma prática universal, entretanto costuma produzir em quem pratica um sentimento negativo, alguma culpa.

Em *O Mulo*, não somente o narrador-protagonista se rendia a essa prática, como também outras personagens a faziam. As práticas de masturbação tiveram início logo na infância de Philogônio:

Muitas malvadezas de menino fiz, seu padre, que nunca achei que fosse pecado, nem acho agora. Tudo somado não passava de tocação de punheta e outras bestagens. Que eram pecados, vejo que eram. Isto sei pelo sentimento de culpa que me acoitava. (RIBEIRO, 2014, p. 30)

Estas práticas se estenderam até a velhice:

Pecado que não perdi foi o da punheta. Não tanto como antes, diárias, mas umas duas, três semanais, mais pensadas e gozosas que as de antes. Às vezes acho que mulher de mais querer meu até hoje, foi mesmo essa minha mão. Pecado sei que foi, porque gozoso, culposo, até humilhante. (RIBEIRO, 2014, p. 59)

Já houve um tempo em que as masturbações eram reprimidas de tal forma que existiam regras relacionadas a isso, ditadas principalmente aos meninos. Winckler afirma que a Igreja Católica se referia à masturbação como “vício solitário”, e que, com a afirmação de que trazia problemas à saúde, o indicado era banhos frios, uma boa alimentação e dormir cedo, deitando de lado em um colchão duro. O mesmo autor fala ainda de repressão ao nível de tortura nos séculos XVIII e XIX.

É fato que hoje se tornou algo mais aceito e abertamente discutido, entretanto na maioria das vezes a aceitação se restringe ao nível de discurso. O tabu em torno disso é algo persistente, Sérgio Werner Baumel (2014) assegura que o silêncio quanto à masturbação é notório ainda que estejamos na segunda década do século XXI. O autor apresenta estudos realizados cujos resultados mostram que ainda em famílias as quais discutem abertamente sobre a sexualidade,

não se fala muito sobre a masturbação, fazendo com que os jovens se informem sobre isso de maneira oculta.

Além de todas essas ocorrências já mencionadas, uma que muito se destaca é a evidente atração que o narrador-personagem tem, ainda quando novo, ao ver uma mulher mais velha defecando. A cena, aparentemente comum, é vista pela personagem como algo erótico, levando-o a desejar que aquilo acontecesse de novo: “Na vez que vi, única, fiquei tão afrontado que não aproveitei [...] Eu lá fiquei, agachado, tremendo. Tinha visto as partes daquela beleza de pessoa” (RIBEIRO, 2014, p.64).

Nesse trecho chama bastante atenção uma situação tão crua ser atraente para a personagem. Ao descrever o odor do ambiente e comparar a dona Silviana com “uma égua cagando”, percebemos como nessa ocorrência a sexualidade foi animalizada. Certamente trata-se de um momento que não seria comumente compartilhado; em oposição às outras situações as quais poderiam provocar compreensão por parte do leitor, aqui temos uma cena que pode levar à repulsa e ao estranhamento. É, assim, um momento que retrata uma sexualidade periférica.

Não há como não associar essa passagem do romance ao que é narrado por Marquês de Sade em *Os 120 dias de Sodoma*. Em uma narrativa cheia de relatos sexuais que fogem do convencional, Sade apresenta uma personagem que conta uma experiência bastante diferente: um padre sentia prazer em vê-la defecando. As narrativas serviam de inspiração, em seguida os mesmos atos eram reproduzidos pelos quatro amigos responsáveis por aquele encontro que compõe toda a história. Assim, é possível afirmar que encontramos em *O Mulo* traços de sadismo, característica essa reafirmada em outro momento do romance, que aqui será apresentada mais adiante.

Após a leitura da obra de Darcy Ribeiro, *O Mulo*, e confrontando com o conceito de sexualidade periférica abordado por Foucault, podemos notar que o enredo traçado no referido livro explora bastante esse tipo de sexualidade para a construção da narrativa. O fato de se tratar de uma confissão pode justificar a naturalidade com que todos os casos são contados, visto que são costumeiros nesse tipo de discurso os relatos do que é tido como pecado.

Em contrapartida, o próprio Philogônio em muitos momentos deixa claro que não se encontra arrependido de seus atos, o que pode configurar todos os casos contados apenas como uma autoafirmação. Trata-se de um grande coronel comandando a narrativa, sua superioridade é mostrada em muitos momentos, até mesmo ao se reconhecer como escolhido de Deus para

justificar muitas de suas ações, assim sendo, torna-se compreensível que queira registrar todos os “desvios”.

Trata-se de um romance permeado do odor de suor e sêmen, como bem descreveu Amelina Chaves (1999), e essa constante presença da sexualidade periférica torna-se crucial para a leitura da obra. A carta está sendo escrita no momento em que a personagem acredita ser o fim da sua vida, momento também em que ela tem uma experiência de impotência sexual:

Eu lá, pau na mão, apenas morno, esfregando desenfreado, sôfrego, na busca suspirada de uma tesão que me empinasse inteiro, para entrar todo enorme, duro, dentro dela, nela. Nada. Por mais que eu empurrasse aquela carne frouxa para entrar um pouquinho, nada [...] Aí foi tomando conta de mim um sentimento triste, vergonhoso, uma vontade de acabar com aquilo, de por fim naquele suplício, de sair dali, de sumir. (RIBEIRO, 2014, p. 324).

É possível percebermos uma associação direta do sexo à vida, pois desde criança até assumir a condição de coronel, são vários os relatos de experiências sexuais – com animal, com homem, com mulher, com ele mesmo na intimidade da masturbação – com êxito, no entanto, quando se vê à beira da morte, não consegue mais o desempenho que tanto queria, o que configura também o fim de um ciclo. Logicamente isso ainda é mais evidente por se tratar de uma figura masculina, não podemos desconsiderar como o falocentrismo delega aos homens essa característica de verem o coito como algo de extrema importância, visão esta que embasa a lógica de uma sociedade machista que atribui supremacia ao falo.²

1.7 Poder e sexualidade: o domínio patriarcal

Todas as discussões conduzidas por Foucault acerca da sexualidade periférica são associadas às relações de poder. Isso evidencia que as relações tidas como proibidas são determinadas por aqueles que, por estarem no comando social, político, religioso e econômico, cria e mantêm as normas, as quais seguem os padrões da heteronormatividade e do patriarcalismo, podendo, inclusive, abusar eles próprios dos subalternos ou socialmente oprimidos impondo violência sexual sem que as leis vigentes os efetivamente coíbam.

² Essa discussão da postura falocêntrica será retomada no capítulo 3, mas não podemos aqui deixar de mencioná-la.

Para o citado filósofo francês, “[...] a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 11). Assim, o conhecimento construído por meio da observação daquilo que se repete não dá conta de explicar o que foge a esse modelo, tornando mais cômodo manter a repressão e a imposição de comportamentos do que a tentativa de compreensão e ajuste da ordem a novos costumes, ou mesmo reprovar e punir aqueles que, como Philogônio, utilizam a sua posição social para impor a pessoas socialmente frágeis, ou mesmo animais, incapacitados de se contraporem aos seus mandos e desmandos, submetidas às suas taras e despudores.

Segundo Foucault, os que detêm o poder situam as sexualidades periféricas como próprias da perversão, delinquência e loucura, inibindo suas práticas e, conseqüentemente, obrigando que tudo seja feito sob o medo. Entre os principais traços desse controle, Foucault destaca justamente o seu caráter negativo:

Com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento. O poder não "pode" nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz descontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos (sic) tomam a forma geral do limite e da lacuna. (FOUCAULT, 1988, p. 81)

Por mais que o filósofo aborde a todo momento mais especificamente o poder exercido por médicos, psicólogos e até a igreja, é muito fácil associarmos essa posição de poder à personagem Philogônio. Ele constantemente demonstra discordar de algumas práticas realizadas por outras personagens – como quando diz renegar “xibungagem” ou quando deprecia uma mulher que quer ser sexualmente livre –, além de demonstrar ser totalmente favorável às convenções relacionadas ao papel de esposa.

Paradoxalmente a esse lado conservador, todos os envolvimento de Philogônio podem ser considerados exemplos de sexualidade periférica, com exceção, apenas, do seu relacionamento com a siá Mia, sua esposa. Esses comportamentos nos fazem perceber que isso se dá pelo fato de Philogônio preencher os requisitos da dita normatividade patriarcal – homem e hétero, além de patrão –, dando-lhe poder em diversos aspectos, incluindo a sexualidade.

Assim, conforme Foucault, “O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido” (FOUCAULT, 1988, p.81), e, ao mesmo tempo, significa que se trata da única instância que pode extrapolar esses limites que foram estabelecidos, uma vez que, hierarquicamente, não há quem vá contra. Por esse motivo é que

Philogônio se demonstra tão tradicional em diversos momentos e também tão transgressor, pois a posição por ele ocupada permitia essas incoerências.

Como resultante da posição de poder temos a submissão, aquele que sente estar no domínio precisa sempre sujeitar alguém às situações que julgar ser necessárias, pois é isso que vai contribuir para que se efetive cada vez mais os seus mandos.

À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia, naquele que o poder coage — quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre — a forma geral da submissão. Poder legislador, de um lado, e sujeito obediente do outro. (FOUCAULT, 1988, p. 82)

Philogônio possui o poder que coage, ainda que em algumas poucas situações apareçam as personagens que tentam inibi-lo, o que se vê em quase a totalidade da narrativa é uma figura que impõe medo em seus subalternos, fazendo constantes ameaças e não se importando em expulsar alguém ou, até mesmo, mandar matar. Portanto, na maioria das situações descritas por ele, fica bastante explícito que o narrador-protagonista é o “poder legislador” de suas terras, sendo as mulheres, crianças, criados e, ainda, os animais os “sujeitos obedientes”.

Foucault assegura, portanto, que “Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 1988, p. 98). A sexualidade é utilizada não só como estratégia para categorizar ações como lícitas ou ilícitas, por meio de regras pré-estabelecidas, como também serve de manobra de dominação. Abusos sexuais acontecem, em grande medida, tendo o criminoso como alguém que possui proximidade e autoridade sobre a vítima, e a vulnerabilidade em que esta se encontra a impede, muitas vezes, de se defender. Philogônio pode ser considerado uma figura que adota essa estratégia, todas as personagens apresentadas em sua narrativa são vistas por ele como suas “presas”, em maior medida aquelas que poderiam satisfazê-lo sexualmente. Para ele, aquele era o seu papel de homem.

Daniel Welzer-Lang (2001) discorre sobre essa autoridade que é dada aos homens. Para ele,

Esta divisão do mundo, esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres (WELZER-LANG, 2001, p. 461)

Em concordância com as colocações destes autores, um traço que está nítido nas relações vivenciadas por Philogônio é justamente a presença da violência, não só em relação às mulheres, como também em relação a crianças e animais. Dessa forma, podemos perceber que esse comportamento se dá exatamente para afirmar e preservar o seu poder, deixando claro que ele estava em vantagem, sem abrir possibilidades de contestação.

É possível perceber, portanto, que as regras que delimitam o que é uma sexualidade periférica possuem um maior peso se considerarmos a figura que não é tida como detentora do poder. Enquanto as crianças, as mulheres e os homossexuais são constantemente monitorados e impostos a regras de conduta, os homens héteros obtêm a validação de suas atitudes.

Em várias ocorrências durante a narrativa, podemos ver a maneira que Philogônio busca justificar as suas ações. No episódio, aqui já apresentado, em que ele abusa da garota Lica, afirma que “A diachinha negariava, arteira e regateira [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 182), o que parece mais ser uma tentativa de deixar claro que a menina fazia um jogo de sedução, portanto, já seria o suficiente para se explicar. Quanto às mulheres, por muitas vezes foram depreciadas – conforme será explorado no segundo capítulo deste trabalho – unicamente por buscarem praticar aquilo que o próprio Philogônio já fazia.

Foucault traz a seguinte colocação:

O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício de prazer. (FOUCAULT, 1988, p. 44)

Aqui, o filósofo está se referindo a todas as pessoas e/ou instituições que tomaram para si a função de controlar a sexualidade, categorizando o que pode ser considerado aceitável. Podemos, facilmente, associar essa afirmação à postura de Philogônio, uma vez que sua condição de coronel e homem que julga serve, em maior medida, para obter o benefício do prazer.

Pierre Bourdieu (2012), em *A dominação masculina*, discorre sobre a construção da virilidade. Sempre houve um constante estímulo para que os homens assumissem uma postura de poder, sob pena de serem tratados como fracos ou até mesmo de ter a sua masculinidade questionada. “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2012, p. 67).

É perceptível como Philogônio é uma personificação dessa ideia de virilidade. Para a personagem, foi exatamente a sua brutalidade que lhe trouxe poder, cumprindo um papel que socialmente é atribuído aos homens:

Minhas brutesas serão de nascença? Podia eu ser diferente, se as coisas não fossem como foram? Não sei como, mas imagino que seria difícil ganhar e manter meu poder de mando, aguentar o esporão de minha ânsia de riqueza, cultivando umas qualidades arredondadas, cordiais. Isso tudo seria, se a vida pra mim tivesse sido morna, branda. (RIBEIRO, 2014, p. 296)

Nesse trecho, vemos que o narrador-protagonista aponta como uma característica positiva a sua falta de cordialidade. Logo, não seria diferente o seu pensamento quanto aos envolvimento sexuais, os atos grosseiros e criminosos nos quais está envolvido são, para ele, apenas um reflexo de sua condição de homem que detém o poder de mando. Philogônio se sentia blindado em relação a possíveis julgamentos, já que agia conforme o que se é esperado.

Em relação às práticas de zoofilia, a posição de superioridade da personagem fica ainda mais evidente. Embora esses crimes narrados não sejam datados de quando já era um coronel, inegavelmente o homem detém total poder sobre determinados animais, os domesticados, por exemplo. A impossibilidade de que haja alguma manifestação dessas vítimas, de maneira bem mais específica, é o que torna o crime bastante repulsivo.

Sempre foi difundida a ideia de que os animais possuem unicamente a função de servir ao homem, é o que nos esclarece Á. Zuanon e Cláudio Fonseca em estudo da área veterinária:

Historicamente, [...] se interpretava o mundo como idealizado apenas para os humanos, ao passo que, os não humanos, ou seja, as demais espécies eram tidos apenas como algo de desejo e consumo, caracterizados por diferentes necessidades, tais como trabalho, alimento, companhia, animais de sacrifícios, entre outras formas de servidão. (ZUANON; FONSECA, 2014, p. 84)

Assim, quando jovem, Philogônio cometia tais crimes por ser o dono dos animais, o que para ele lhe dava o direito de agir como achasse adequado. Na época, esses acontecimentos não eram compartilhados com outras pessoas, o que pode, a princípio, levar-nos a pensar que havia algum sentimento de culpa ou vergonha. Contudo, a forma natural com que a personagem, já adulto, traz esses fatos deixa claro que o tempo apenas o fez reafirmar suas convicções, pois não percebemos mais qualquer medo de retaliações por seus atos, uma vez que foram praticados pelo dono dos bichos e, agora, está sendo narrado por um coronel importante, logo, a punição não viria.

O que podemos constatar é que a maioria das relações sexuais presentes na narrativa são periféricas muito mais pela relação de poder unilateral existente do que, de fato, pelo que se pratica. É isso que Foucault nos leva a entender: “O importante talvez não esteja, no nível de indulgência ou de repressão, mas na forma de poder exercido” (FOUCAULT, 1988, p. 42). Ao vermos o relato, por exemplo, do abuso sexual sofrido no quartel, Philogônio demonstra repulsa, afinal, naquela situação ele era a vítima e não detinha o controle do que se passava. Por outro lado, não percebemos a mesma postura ao falar de práticas tão abusivas quanto a que sofreu, uma vez que, então, era ele quem detinha o poder em suas mãos.

Assim sendo, as sexualidades periféricas no romance são evidentes, no entanto, o que realmente é imperdoável é o fato de alguém utilizar de sua posição privilegiada para sua própria satisfação sexual – o que acontece em maior medida com Philogônio, mas também com outras personagens. O coronel se sente à vontade para contar cada feito, o que podemos até considerar como uma maneira de reafirmação de sua posição.

Cabe, ainda, uma última observação quanto ao poder de Philogônio se levarmos em conta a seguinte afirmação:

Existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele [...] possui como que um ar de transgressão deliberada. (FOUCAULT, 1988, p. 12)

A partir dessa colocação, é possível vermos que as transgressões de Philogônio foram além da prática constante da sexualidade periférica e dos vários crimes sexuais cometidos, mas se deram também pelo fato de disso falar a outrem. Philogônio tinha ciência de todas as regras de condutas que regiam a sociedade na qual se inseria, ainda assim não se intimidou em relação às práticas e tampouco à exposição dessas. Isso aconteceu porque, além de saber das regras sociais, a personagem conhecia o seu lugar de poder e, portanto, os privilégios intrínsecos a esse lugar.

CAPÍTULO 2

A SEXUALIDADE PERIFÉRICA NAS PERSONAGENS FEMININAS

“A mulher podia ser mãe, irmã, filha, religiosa, mas de modo algum amante”
(ARAÚJO, 2015, p.73)

Embora cada vez seja mais persistente o discurso de igualdade entre homens e mulheres, é bem nítida a maneira distinta como ambos os sexos são de fato vistos pela sociedade. Em se tratando de sexualidade, isso é ainda mais pontual, uma infinidade de restrições comumente é atrelada às mulheres, de modo que um tabu seja criado em torno da intimidade feminina, enquanto que no discurso machista perpetua a falsa ideia de que o homem sente mais necessidades sexuais.

Em *O Mulo*, a sexualidade é um aspecto bastante evidente tanto nas personagens femininas quanto nas masculinas. O narrador personagem relata toda a sua trajetória de vida em uma carta que desempenha a função de testamento e de confissão, não deixando de mencionar as diversas experiências sexuais vivenciadas por ele – nem sempre resultando no coito – e também pelas várias personagens nos apresentadas na trama. No entanto, um aspecto que nos atrai bastante atenção são as mulheres retratadas, uma vez que algumas delas parecem ir contra aquilo que a sociedade exposta na obra pensa sobre um comportamento de uma mulher, apresentando uma postura mais ativa; enquanto outras duas destoam desse comportamento.

Partindo disso, tomamos como análise a retratação da sexualidade periférica feminina dentro do romance, deixando claro, assim, o que seria marginalizado e o aceitável para uma mulher. Por se tratar de uma narrativa que se passa em ambiente patriarcal, onde o machismo costuma predominar, os papéis de homem e mulher são claramente demarcados, principalmente no que se diz respeito ao sexo.

Para tanto, levaremos em consideração todas as experiências sexuais apresentadas no decorrer do romance da personagem Philogônio com alguma personagem feminina, buscando analisar o comportamento desta frente à situação. Serão desconsideradas apenas personagens que sejam citadas de maneira muito superficial, sem que haja a condição de um juízo de valor claro sobre o que ocorreu.

Para uma melhor organização deste capítulo, faremos uma divisão em subseções. A primeira parte buscará traçar um panorama histórico quanto à sexualidade feminina, fazendo algumas alusões do que aconteceu no mundo, mas tendo como foco o Brasil; ainda nessa subseção, mostraremos de que maneira a sexualidade da mulher negra se distancia da sexualidade da mulher branca; posteriormente, as personagens femininas serão apresentadas, analisando cada situação em que estas se envolvem sexualmente com Philogônio; e, por fim, no último tópico serão traçadas as considerações a que chegamos com esse capítulo.

2.1 Panorama histórico da sexualidade feminina

Ao olharmos a história da humanidade, são vários os registros que podemos encontrar que retratam como a mulher foi reprimida. Foram impedidas por muito tempo de participação política, de trabalharem, de votarem e também de serem livres sexualmente. Um conjunto de regras em torno do sexo sempre existiu, mas foram as mulheres os principais alvos das mais diversas proibições.

Corrêa e Portella (1994) afirmam haver um empecilho para conhecer a história da sexualidade feminina, pois além de serem proibidas de fazerem muita coisa, demorou para que elas mesmas contassem a própria história, uma vez que eram os homens quem escrevia tanto da sexualidade masculina quanto da feminina. Além disso, houve também o agravante de alguns dos poucos discursos produzidos pelas mulheres não permanecerem registrados. A repressão se dava em todos os ambientes, mulheres casadas também não tinham o hábito de expressarem seus sentimentos, preocupando-se sempre com os bons modos. “Mesmo dentro do casamento, é raro encontrar, antes do século XVIII, textos de correspondência feminina que façam sequer uma vaga alusão à paixão sexual” (DABHOIWALA, 2013, p. 31).

Foi somente com o feminismo, já no século XX, que o sexo pode ser discutido como algo que poderia ser bom também para a mulher, ainda assim encontrando bastante resistência para a aceitação dessa nova ideia. Até chegar a esse momento, foi percorrido um longo caminho de repressão sexual, negando à figura feminina o direito de sentir prazer.

Não há como falar de sexualidade feminina sem mencionar Simone de Beauvoir. Em *O segundo sexo* (1967), ela discorre profundamente acerca desse assunto, perpassando pela sexualidade da menina, da moça até chegar à mulher idosa. O que fica bastante evidente é como tudo na sociedade vai contribuindo para que a figura feminina se enquadre em um padrão sexual pré-estabelecido.

Já no início do primeiro capítulo, deparamo-nos com a assertiva: “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Essa frase, já tantas vezes reproduzida, traduz perfeitamente o que se dá com a sexualidade feminina. Ao nascer, meninos e meninas possuem poucas diferenças, não é o órgão genital que acaba por fazer com que esses tomem rumos tão diferentes, mas sim as regras que vão sendo estabelecidas para moldar a conduta de cada um.

Tudo isso começa logo cedo, enquanto os meninos são constantemente estimulados a se orgulharem do pênis, chegando mesmo a exibi-los, as meninas são sempre repreendidas para que não exponham demais o seu corpo, menos ainda sua genitália. Isso se estende durante toda a vida, também são distintas a postura perante a sexualidade dos rapazes e moças. “No rapaz, os impulsos eróticos só confirmam o orgulho que tira de seu corpo [...]. A moça pode conseguir assumir seus desejos mas eles permanecem o mais das vezes vergonhosos. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço” (BEAUVOIR, 1967, p. 70).

Assim, através desse molde que vai sendo configurado, as mulheres são condicionadas à passividade, ao pudor em excesso e à necessidade de casamento e filhos. Isso é algo tão latente que, em muitas vezes, até mesmo a própria mulher pode ter dificuldade de reconhecer que a posição que ocupa foi uma imposição. Somente a partir da modernidade isso veio a ser questionado, mas até aí um longo caminho foi percorrido.

Na verdade, é necessário afirmar que, embora exista um processo responsável para que alguém “se torne mulher”, essa experiência não se trata de algo feito indiscriminadamente, apenas uma mulher passará por ele. Essa afirmação pode parecer, em um primeiro momento, redundante, no entanto o que queremos destacar é como toda a ideia de gênero se trata de uma construção feita social e culturalmente sobre uma condição biológica. Dessa forma, quem nasce biologicamente mulher está sujeita a um conjunto de imposições feitas, o que leva esse indivíduo até o resultado que o faça agir como esperam, “se tornando uma mulher” dentro das expectativas criadas– “Beauvoir diz claramente que a gente ‘se toma’ mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do ‘sexo’” (BUTLER, 2003, p. 27).

Isso é o que também afirma Gayle Rubin (1993) ao nos falar sobre um sistema de sexo/gênero. Para ela, um sistema de sexo/gênero, de maneira preliminar, poderia ser definido como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2). São diversos os exemplos de arranjos sociais trazidos pela autora, desde o trabalho doméstico executado na maioria das vezes pelas mulheres – sendo atribuído ao homem a função de exercer o trabalho assalariado – até a cultura de “troca de mulheres”, que consiste na entrega delas para serem esposas, abrindo precedentes para uma aproximação das famílias, criando uma afinidade entre quem deu e quem recebeu o “presente”, no caso, entre homens.

Logicamente não existe nenhuma relação que associe tudo isso, trata-se, apenas, de algo arbitrário, exposto por Rubin com imperativo social. É exatamente essa imposição de papéis, muitas vezes com o único intuito de criar uma dependência entre homens e mulheres, que caracteriza o conceito de gênero: “[...] uma divisão dos sexos socialmente imposta. É um produto das relações sociais de sexualidade” (RUBIN, 1993, p. 11).

Algumas mulheres acabam indo na contramão daquilo que a sociedade espera dela. Partindo de conceitos freudianos relacionados ao complexo de Édipo, Rubin mostra como a vivência dessa fase vai ser crucial para o rumo que o gênero vai seguir:

Se a fase edípiana progride normalmente e a menina “aceita a sua castração”, sua estrutura libidinal e seu objeto de escolha são doravante congruentes com o papel de gênero feminino. Ela se tornou uma pequena mulher-feminina, passiva, heterossexual. Na verdade, Freud diz que existem três caminhos alternativos para sair da catástrofe edípiana. A menina pode simplesmente enlouquecer, reprimir completamente a sexualidade e se tornar assexual. Ela pode protestar, apegar-se a seu narcisismo e desejo, e se tornar ou “masculina” ou homossexual. Ou ela pode aceitar a situação, assinar o contrato social e atingir a “normalidade”. (RUBIN, 1993, p. 19).

É a partir daí que as regras são estabelecidas, muitas começam a assumir o papel atribuído ao gênero sem ao menos se dar conta, enquanto as que agem diferente disso passam a ser apontadas como anormais.

Judith Butler (2003) em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, corrobora esse pensamento. Fazendo referência à frase de Beauvoir aqui já citada, mas não se restringindo a isso, a autora faz uma discussão em torno da questão de gênero, reforçando como os papéis adotados socialmente não possuem relação alguma com questões genéticas. Assim, Butler fala de uma descontinuidade entre os corpos sexuados e os gêneros, havendo, portanto, um limite entre essas duas vertentes: sexo/gênero.

Butler estende a discussão feita para a identidade de uma maneira geral. Muito mais do que somente uma questão de gênero, a identidade pessoal também pode ser afirmada como algo socialmente construído. Dessa maneira, as características tão pessoais que são sempre encaradas como algo inato são, na verdade, um ideal normativo, “Em outras palavras, a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 38). Como à identidade também se insere a sexualidade, fica evidente a relação de construção que existe nesse aspecto.

Continuaremos a traçar aqui o histórico da sexualidade feminina, no entanto essas informações foram importantes para que fique claro como a discussão que envolve a sexualidade da mulher é algo além do sexo, e sim relacionado a uma questão de gênero. A figura de recato e pouco desejo sexual foi algo socialmente construído e atribuído ao sexo feminino, o que evidencia a possibilidade de mudança desse pensamento, porém uma ideia não tão fácil de ser romper.

De acordo com Muribeca (2010), a inferioridade feminina é algo que foi amplamente difundido tanto pelo campo religioso quanto pelo científico. Enquanto na visão cristã a mulher é construída a partir de um pedaço do homem, no campo científico a mulher seria resultado de uma evolução não bem-sucedida da genitália, existindo, dessa forma, um único sexo. De qualquer maneira, a mulher é apontada como inferior, secundária, portanto, “As mulheres, em outras palavras, são homens invertidos, logo, menos perfeitas. Têm exatamente os mesmos órgãos mas em lugares exatamente errados” (LAQUEUR, 2001, p. 42).

Esse pensamento data de muito tempo atrás, na Idade Média havia um nítido ideal de mulher, sendo esse padrão ajudado a construir pelos pensamentos cristãos, uma vez que a Igreja Católica exercia influência direta na sociedade. As representações femininas na bíblia deixam bastante evidente as concepções que possuíam sobre o comportamento da mulher: “Eva é a pecadora, culpada de todo o mal que ocorreu com a humanidade; Virgem Maria, a santa, assexuada, um exemplo a ser seguido e Madalena, a pecadora arrependida” (SILVA; MEDEIROS, 2013, p. 3).

Assim sendo, no período medieval já eram bem delimitados os papéis a serem exercidos pelos homens e pelas mulheres. Duby (2011) apresenta essa diferença, ressaltando que a sexualidade masculina não se restringia ao relacionamento conjugal, por mais que houvesse o discurso de que o homem deveria se satisfazer sexualmente com sua esposa, nada inibia que houvesse experiências antes do casamento e nem quando fosse viúvo. Já no que se diz respeito à mulher, as normas divergiam muito:

[...] para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade. Porque o desregramento natural desses seres perversos que são as mulheres comporta o risco, não havendo vigilância, de introduzir no seio da parentela, entre os herdeiros da fortuna ancestral, intrusos, nascidos de outro sangue, clandestinamente semeados, da espécie desses bastardos que os celibatários da linhagem disseminam, com expansiva generosidade, fora da casa ou entre os serviçais. (DUBY, 2011, p. 17)

Assim sendo, atribui-se à mulher a função unicamente de gestar, não lhe cabendo a prática do sexo para outros fins, sendo, ainda, uma ação restrita ao casamento, pois as que não são casadas precisavam permanecer virgens.

No tempo do Brasil Colônia, a repressão feminina era a norma naturalizada. Em relatos de viagens feitos naquela época, conforme assegura Raminelli (2015), havia os registros de que as índias tupinambás possuíam maior liberdade sexual do que as mulheres europeias. Quanto à virgindade, por exemplo, não existia uma percepção de desonra se não fosse mantida até o matrimônio, e nem a mulher divorciada era vista de forma negativa, uma vez que era comum casamentos se desfazerem e cada um dos cônjuges se ingressarem normalmente em um novo relacionamento.

Raminelli afirma que os padres tinham dificuldade em não pensarem em sexo nas terras brasileiras, as índias despertavam os desejos deles de maneira diferente das europeias, sempre tão bem vestidas. Dessa forma, a figura do índio foi associada à subversão, pois, segundo os parâmetros da sexualidade e da moral europeia, praticavam muitas perversões sexuais, como a homossexualidade masculina e feminina. No caso dessa última, considerada como conduta anormal o fato de índias cortarem o cabelo como homens, irem à guerra com arcos e flechas, além de possuírem em casa uma mulher que era tratada como esposa.

Entretanto, junto com os europeus, veio também ao Brasil as regras de boa conduta, nas quais incluía um comportamento submisso das mulheres. Assim, no Brasil colonial a sexualidade feminina foi amplamente reprimida, e, do ponto de vista do colonizador sob a égide da religiosidade cristã, havia motivos plausíveis para isso:

De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. (ARAÚJO, 2015, p. 46)

Havia, portanto, uma espécie de adestramento para que as mulheres fossem ensinadas a se comportar, restringindo até mesmo os locais que poderiam ser frequentados. Quanto a isso, existia um ditado popular bastante utilizado na época que esclarecia em quais situações as mulheres poderiam sair de casa: “para se batizar, para se casar e para ser enterrada” (ARAÚJO, 2015, p. 49). Uma das maneiras de melhor executar esse adestramento era no momento que estavam no confessionário, os manuais de confissões traziam orientações bastante objetivas daquilo que deveria ser contado ao líder religioso:

Se pecou com tocamientos desonestos consigo ou com outrem.
Se tem retratos, prendas ou memórias de quem ama lascivamente.
Se solicitou para pecar com cartas, retratos ou dádivas.
Se foi medianeira para isso gente maligna que devia ser sepultada viva.
Se falou palavras torpes com ânimo lascivo.
Se se ornou com ânimo de provocar a outrem a luxúria em comum ou em particular.
Se fez jogos de abraços ou outros semelhantes desonestos.
Se teve gosto e complacência dos pecados passados ou de sonhos torpes. (Manuel de Arceniaga, *apud* ARAÚJO, 2015, p. 51)

É possível observar que todas as proposições têm objetivo de saber sobre a vida sexual da mulher, se houve ou não qualquer situação que fizesse com que ela tenha se afastado daquilo que lhe foi ensinado. Era mais uma confissão para que a Igreja obtivesse informações pessoais, e possivelmente a família também, que uma confissão para absolvição de pecados.

Dessa forma, as mulheres eram conduzidas a casamentos arranjados pelos pais, o que muitas vezes se dava enquanto elas eram ainda muito novas com homens bem mais velhos. Nem todas aceitavam bem toda essa situação, Emanuel Araújo (2015) nos fala da existência de mulheres que ousavam ter um relacionamento extraconjugal, o que poderia ser muito perigoso, já que o marido tinha a autorização para matar nesses casos.

As que não se casavam, muitas vezes, eram conduzidas para um convento. Entretanto, a vida religiosa nem sempre era empecilho para algumas explorarem a vida sexual, pois, segundo Araújo, eram comuns os casos de relacionamentos sexuais nesse ambiente. Isso poderia acontecer tanto com homens que as visitavam, quanto com mulheres, colegas de convento. Assim, para que pudessem ter alguma liberdade mínima que fosse, era preciso transgredir as regras impostas, correndo sérios riscos caso fossem descobertas.

Ainda no período colonial, outra realidade vivida pelas mulheres brasileiras foi a prostituição. Muitas vezes esse era o único meio encontrado para que elas fossem capazes de retirar o sustento necessário. Figueiredo (2015) afirma que “[...] a prostituição era uma espécie de expressão tipicamente feminina da pobreza e miséria social [...]” (FIGUEIREDO, 2015, p. 155), sendo Minas Gerais o local da colônia onde a prática mais acontecia, motivado pelos centros de mineração presentes na região, lugar em que os impostos eram mais caros e, por isso mesmo, havia mais pobreza.

No entanto, mais uma vez o cenário é de repressão, a prostituição não era bem vista pela Igreja Católica, que tentou de toda maneira combater a prática:

A repressão da prostituição envolveu as forças do Estado e da Igreja no território das Minas. As visitações utilizaram com frequência o poder de prender e multar para obrigar as mulheres a retomarem o caminho reto. O Estado tentou restringir seu

campo de ação e colocou os poderes policiais das câmaras para reprimir condutas erráticas. Por trás de tanto esforço estava com certeza a repressão à imoralidade e ao pecado. Outra leitura, no entanto, aponta para uma dimensão mais objetiva. As inumeráveis mulheres forras que se entregavam à prostituição funcionavam como máquinas de produção de mestiços livres [...] (FIGUEIREDO, 2015, p. 164-165)

Já no século XIX, com a ascensão da burguesia, a mulher ganha novo papel no Brasil, seguindo uma tendência europeia. Não que o homem tenha deixado de ser o centro da família, mas agora o sucesso desta tinha ligação direta com o bom desempenho feminino. Eram elas que deveriam cuidar da vida pública que o marido levava, assumindo, portanto, uma função de zeladora da família.

Quanto à sexualidade, a mulher continuava sob normas sociais de conduta, “[...] deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas [...]” (D’INCAO, 2015, p. 230), mas agora havia um ideal romântico em torno das relações. Isso fica bastante claro na literatura da época, as mulheres sonhavam com a vivência de um amor.

No entanto, isso nem sempre se concretizava, pois o casamento acabou virando alianças políticas e econômicas, visto que um bom parceiro poderia trazer uma ascensão social ou manter a boa posição que a família possuía. Esse aspecto fazia com que a sexualidade feminina continuasse sendo reprimida, na medida em que a virgindade tinha um valor além do religioso, “[...] a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o *status* da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela” (D’INCAO, 2015, p. 235).

Já na República, foram outros os problemas enfrentados pelas mulheres, agora elas eram apontadas como mais propensas à loucura, e isso era concluído com base nas especificidades da sexualidade feminina. Magali Engel (2015) traz a menstruação, a gestação e o parto como momentos susceptíveis a causarem problemas mentais na mulher. O aparelho genital também é apontado como alvo, assim, tratamentos desumanos são desenvolvidos em pacientes que possuíam doenças mentais, como a “[...] extirpação do clitóris e a introdução de gelo na vagina” (ENGEL, 2015, p. 339).

A falta de conhecimento do corpo feminino ia além, as mulheres eram tidas como incapazes de sentirem prazer sexual, algo exclusivamente masculino. Assim sendo, a mesma autora assegura que era considerada anormal a mulher que sentisse desejos sexuais – um corpo “assexuado ou anestesiado sexualmente” (ENGEL 2015, p. 341) –, uma vez que estes eram anulados pela existência do instinto materno, e somente a maternidade poderia salvar a figura

feminina da loucura. Esse era um grande paradoxo, a gestação e o parto eram considerados momentos de perigo, mas a maternidade era algo sublime.

No início do século XX, vê-se novas formações familiares, no Brasil já havia famílias chefiadas apenas por uma mulher. Esse novo cenário não é o suficiente para que elas pudessem deixar de seguir regras que moldavam o seu comportamento sexual. Ainda se usava o discurso de que mulher deveria ser recatada e possuir bons modos, porém isso acaba sendo preocupação apenas das mulheres de alta classe social. Conforme Soihet (2015), a mulher pobre não se importava em seguir esses preceitos, falando palavras consideradas obscenas e não se casando.

Houve nesse século um aumento do crime passional, sendo apenas as mulheres as autorizadas por lei a serem punidas, já que o adultério praticado pelo homem era mais compreensivo. Para eles, as justificativas eram óbvias, “[...] enumerava a raridade das psicopatias sexuais nesse sexo e a sua capacidade de manter a castidade, por longo tempo; atitude impossível de exigir-se dos homens” (SOIHET, 2015, p. 381).

Uma outra mudança que há é na constituição do proletariado, nessa nova realidade, a formação se dava em sua maioria por crianças e mulheres, e junto a isso veio um problema: as mulheres viviam situações constrangedoras e humilhantes, sendo vítimas de assédio sexual de seus superiores. Juntamente à inserção da mulher no mercado de trabalho, novamente a sexualidade feminina entra em voga, Rago (2015) fala que assuntos quanto à virgindade, adultério, casamento e prostituição eram uma preocupação de muitas pessoas, que não acreditavam estar as mulheres seguras trabalhando fora de casa. Para eles, somente o lar traria a segurança necessária para uma mulher.

Contudo, houve também uma evolução no conhecimento da sexualidade feminina, sendo resultado das lutas feministas. “O Dr. Olavarrieta, por exemplo, afirmava, em 1929, que os homens deveriam aprender a se relacionar sexualmente com as mulheres [...]” (RAGO, 2015, p.594), assim, um casamento malsucedido poderia ser responsabilidade de um marido que não exercia bem a sua função.

Nos anos 1950, muito se via em filmes e romances personagens femininas que fugiam do padrão, mulheres que não viam problema em ficar sozinha com um homem, por exemplo. No entanto, essas não serviam como modelo ideal para a moça considerada de uma boa família, Pinsky (2015) fala que havia a classificação de mulheres como “moça de família” ou “leviana”, o que se dava com base no comportamento, principalmente, em um relacionamento afetivo. Caso um homem quisesse algo mais íntimo, a culpa seria exclusivamente dela que deu intimidade para que não fosse respeitada. A punição para aquelas que não soubessem comportar

e fossem ousadas demais era clara, “Poderiam, por exemplo, ser muito solicitadas pelos rapazes, ter *muitos admiradores*, mas não casariam” (PINSKY, 2015, p. 612).

A autora afirma, ainda, que essa repressão ia além. Por mais que os homens fossem incentivados a iniciarem a vida sexual cedo, procurando prostitutas para fazerem o que faziam com as namoradas, as mulheres tinham contra elas o próprio Código Civil vigente, o qual autorizava a anulação do casamento caso o marido constatasse que a esposa não era mais virgem, além de haver punições previstas nesse Código Penal.

Nessa década, já surgem idealizadores da educação sexual, pois o surgimento de uma gravidez fora do casamento poderia ser catastrófico. No entanto, o pudor para com esses assuntos era mantido, principalmente com o público feminino: “Os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em [...] maternidade, *necessidades* do casamento, *obrigações conjugais*” (PINSKY, 2015, p. 620) [grifos da autora].

As lutas feministas começaram sem ainda que muitas mulheres tivessem noção de que poderiam ter os mesmos direitos que os homens. Dabhoiwala afirma que as primeiras feministas compartilhavam a ideia de que a mulher era o sexo mais casto, assim, o ideal tratava-se de um autocontrole masculino em vez de uma concessão de liberdade feminina. É compreensível que tanto tempo de repressão tenha impedido que até mesmo as mulheres compreendessem que poderiam também ser livres.

Para Constância Lima Duarte (2003), a década de 1970 foi o auge das conquistas feministas, começando pela instituição do ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher. É também nessa década que 8 de março é declarado pela ONU como Dia Internacional da Mulher, portanto, trata-se de um período quando, finalmente, entra em debate a sexualidade feminina, lutando pelo direito ao prazer e ao aborto.

“Nosso corpo nos pertence” era o grande mote, que recuperava, após mais de sessenta anos, as inflamadas discussões que socialistas e anarquistas do início do século XX haviam promovido sobre a sexualidade. O planejamento familiar e o controle da natalidade passam a ser pensados como integrantes das políticas públicas. E a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso. (DUARTE, 2003, p. 165).

Todas essas conquistas foram de suma importância para o novo lugar ocupado pela mulher, a sua sexualidade já não é mais totalmente ignorada, uma vez que se tornou realidade a existência de espaços de discussão bem como políticas de saúde feminina. Apesar de todas as

mudanças positivas, ainda não podemos afirmar que a era de repressão já passou, pois ainda são nítidos os resquícios que a história deixou. Mulheres, infelizmente, ainda recebem classificação de acordo com sua vida sexual, não sendo poupadas de ouvirem termos pejorativos quando optam por não ter um parceiro fixo, por exemplo.

Outro ponto que contribui para que a luta atualmente ganhe menos força é a carga negativa que atribuíram ao termo “feminismo”. Constância Lima Duarte afirma que muitas autoras chegam ao ponto de rejeitarem qualquer associação recebida ao movimento, com receio de serem julgadas por isso. Assim, vivemos atualmente um movimento de antifeminismo, “[...] que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d’água, o oposto de ‘feminina’” (DUARTE, 2003, p. 151).

Após todo esse panorama traçado em torno da sexualidade feminina, fica mais claro compreender a maneira como as mulheres são representadas no romance *O Mulo*. O narrador-personagem apresenta cada uma das personagens com quem se envolve sexualmente, e o que acreditamos é que, ainda que implicitamente, ele as categoriza de acordo com o comportamento sexual delas.

2.2 A sexualidade da mulher negra

Ao olharmos a história da sexualidade feminina, não podemos cair no equívoco da generalização. Esse ideal construído em torno da mulher, atribuindo a elas função de donas de casa e seres castos, não se estendia às mulheres negras, que sempre viverem uma realidade distinta, o que fez que sua sexualidade também fosse encarada de outra maneira. Para Davis (2016), no século XIX, por exemplo, momento em que a feminilidade era bastante pregada delimitando como papel da mulher ser mãe protetora e boas parceiras que cuidavam do marido e do lar, as mulheres negras eram anomalias, pois não cumpriam nenhuma dessas funções.

Ainda novas, as meninas negras no período escravocrata já eram encaminhadas para trabalhar. Além do trabalho pesado, nesses ambientes eram comuns os abusos sexuais sofridos por elas. Assim, os senhores agiam conforme fosse mais conveniente no momento: “[...] quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram [...] desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas [...] de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p. 22).

Davis fala ainda dos castigos que as escravas sofriam. Além de açoites e mutilações, castigos físicos também aplicados aos homens, eram muitas vezes esturpadas, uma nítida arma de dominação utilizada sobre elas. Embora pareça descabido, essas práticas pouco assustavam, pois acreditavam que essas ações eram passíveis de justificativa. Hooks (1995) nos revela que naquela época adotava-se o discurso de que a mulher negra era um ser altamente dotado de sexo, como se possuíssem um erotismo desenfreado, considerados apenas corpos sem mentes.

Eram também as negras utilizadas para a iniciação da vida sexual dos rapazes, como a sociedade pregava a necessidade de a mulher se casar virgem enquanto que os homens precisavam de experiências, essa era a forma encontrada de resolver esse paradoxo:

Daí fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. Que todos foram objetos em que se exerceu – e ainda se exerce – a precocidade sexual do menino brasileiro. (FREYRE, 2019, p. 459)

A partir de então, podemos afirmar que se criou uma figura estereotipada da mulher negra, como sendo aquela que é forte e está apta para servir tanto profissionalmente quanto sexualmente. Esse estereótipo se arrastou ao longo dos anos, ainda hoje encontramos nítida associação da negra ao sexo, são figuras extremamente erotizadas pelo imaginário nacional.

Dessa forma, as lutas travadas pelas mulheres possuem diferentes nuances. Enquanto a mulher branca, por exemplo, buscava uma inserção no mercado de trabalho, a mulher negra já exercia essa função, a busca delas, no entanto, era por valorização. Quanto à sexualidade, a mulher branca foi reprimida, negando a elas o direito de sentir prazer, como se a função que lhes coubesse fosse unicamente a maternidade. Em contrapartida, a mulher negra foi abusada, erotizada, sendo tratada comumente como objeto sexual.

Assim, criou-se uma nova vertente para que a luta feminista fosse capaz de acolher também as mulheres negras e suas especificidades, vendo a necessidade de “enegrecer o feminismo”. Essa necessidade se deu pelo fato de que a mulher negra é sempre vista como “o outro”, conforme bem explanado por Djamila Ribeiro (2017). Em relação às mulheres, as mulheres negras são “o outro” das brancas; em relação aos negros, elas são “o outro” do homem negro. Assim, vão sempre ocupando um lugar à margem, o que requer uma luta que reconheça a posição ocupada pela mulher negra e a necessidade de mudança.

Sueli Carneiro defende essa causa, mostrando que esse duplo estigma – mulher e negra – torna-as uma minoria ainda mais segregada que as que são “apenas” mulheres. Partindo disso, esclarece o objetivo do feminismo negro:

A utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (CARNEIRO, S/D, p. 7)

Saber dessa diferenciação no trato dispensado pela sociedade à sexualidade da mulher negra é de suma relevância para análise do romance *O Mulo*, já que o narrador-protagonista se envolve sexualmente tanto com mulheres brancas quanto com negras. Assim, torna-se importante observamos qual é o tratamento dado por ele para cada uma dessas mulheres, constatando se reforça, ou não, os estereótipos construídos. O que acreditamos é que temos na narrativa de Philogônio uma afirmação não só machista como também racista quanto à sexualidade feminina.

No próximo tópico, faremos uma análise das personagens femininas que têm relação sexual com Philogônio. Para tanto, partiremos de toda a ideia de mulher submissa ou ousada que aqui foi apresentada, levando sempre em consideração se se trata de uma branca ou uma negra.

2.3 As personagens femininas em *O Mulo*

Em *O Mulo* encontramos um narrador-personagem, já idoso e coronel, que demonstra ter costumes tradicionais. Dessa forma, o tempo inteiro em suas falas esse pensamento de que a mulher deve ser classificada de acordo com posturas sexuais é explícito – “Putaria se faz é com puta” (RIBEIRO, 2014, p. 222). Portanto, o que se percebe no romance é uma nítida diferença no tratamento dado às mulheres que não foram tão submissas, ou “díficeis”, em relação às aquelas que demonstraram passividade e/ou falta de vontade própria.

O pensamento de classificar as mulheres de acordo com sua conduta sexual é muito comum em uma sociedade mais conservadora. Giddens fala de uma divisão das mulheres em duas classes, havendo aquelas consideradas “perdidas” e as “virtuosas”, sendo essa delimitação definida de acordo com a capacidade que estas têm de resistirem a uma “tentação sexual”. “Os

homens, no entanto, têm sido tradicionalmente considerados – e não apenas por si próprios – como tendo necessidade de variedade sexual para a sua saúde física” (GIDDENS, 1993, p. 16), uma visão que mais uma vez sucumbe à igualdade de direitos.

As primeiras mulheres entram sexualmente na vida do protagonista ainda cedo, ainda enquanto vivia na casa do padrinho Lopinho e nem nome tinha, sendo chamado por todos de Trem. O leitor é informado sobre duas mulheres que mantinham relação sexual com Lopinho, Andréa e Lenora. Durante as noites o homem ia alternando as parceiras, satisfazendo-se ora com uma ora com outra, cenas essas sempre observadas às escondidas pelo garoto. De duas maneiras essas mulheres quebram a expectativa daquilo que se tinham como padrão para o comportamento feminino, primeiramente por traírem Lopinho com outro homem – “[...] uma delas, a não fodida, escapava para a rede do amansador, armada no barracão do curral” (RIBEIRO, 2014, p. 35) – e depois pelo fato de Lenora abusar sexualmente do garoto Trem, conforme já relatado no primeiro capítulo deste trabalho: “Nas ânsias esfregava com tamanha enganação que quase me arranhava o pé. Por muito tempo tive não sei se medo ou nojo de mulher, por conta daquela cabeludice gosmosa de Lenora” (RIBEIRO, 2014, p. 36).

É comum sempre associarmos um abuso sexual infantil a um homem, trata-se de algo que é estatisticamente comprovado. Maria de Fátima Araújo (2002) aponta as mulheres como responsáveis por 1 a 3% dos abusos sexuais em crianças, confirmando ser uma prática, em sua maioria, masculina. Assim, os hábitos de Lenora revelados na narrativa a torna uma mulher ousada, transgressora.

Bozon, em *Sociologia da sexualidade*, também aborda quanto à passividade feminina em relação ao sexo. Para ele, uma prova de que a sociedade considera o homem ativo e a mulher passiva é a maneira como muitos brasileiros se referem ao ato sexual, utilizando os verbos “dar” e “comer”. Enquanto o primeiro é atribuído à mulher, o segundo diz respeito à ação do homem, o que acaba deixando evidente uma metáfora em que um ser ativo se apropria e absorve um outro ser, que por sua vez cede, “dando” o que possuir.

Esse é um outro aspecto em que a maioria das mulheres do romance destoa. Ao falar de Zeca, uma mulher mais velha que o narrador-protagonista conheceu nas Cagaitas já como Terezo, o domínio dela sobre toda a situação é destacado: “Foi Zeca que me comeu muitas vezes. Assim, na verdade, foi sempre, Zeca é que me metia dentro, não contra a minha vontade, mas por empenho dela” (RIBEIRO, 2014, p. 60). Não parece haver, nessa cena descrita, a ideia difundida de passividade feminina, claramente Terezo é que era controlado naquele momento.

Não somente Zeca foi retratada como uma mulher com suas vontades, outras também aparecem com essa característica. Assim, algumas personagens vão sendo construídas como mulheres que “comem”, em vez de ocupar o lugar de passividade a elas sempre atribuído.

Inhá, a chamada de mula sem cabeça por ser filha de um padre, entra na vida do protagonista de uma maneira inusitada: foi trocada por dois burros com as bruacas carregadas de mercadoria. Philogônio nos narra dando a entender que a mulher quis a troca: “Enquanto conversávamos ela veio vindo, saudou, altiva, com os olhos e o queixo, e ficou ali junto, calada, escutando; mas me olhando, lambida, com aqueles olhos em calda” (RIBEIRO, 2014, p. 175). O adjetivo utilizado para descrevê-la, lambida, é popularmente associado à falta de pudor, então é nesse momento que o protagonista suspeita de algum interesse por parte dela, o que se confirma com a falta de reação ao ouvir a proposta de Philogônio: “[...] meio que levantou as duas mãos abertas, na altura dos peitos, como quem pergunta: o que fazer?” (RIBEIRO, 2014, p. 176). Naquele mesmo dia, eles já tiveram relação sexual, e após tudo isso ele concluiu: “Foi assim que ela me deu ou me comeu” (RIBEIRO, 2014, p. 177).

Depois foi a vez de Mariá, que mesmo sendo mulher de Cazé e estando grávida dele, mantinha relações sexuais com Philogônio na frente do marido. Logo quando se encontraram, o narrador afirma que não houve dúvidas das intenções da mulher: “Vi que me dava, queria, me comia” (RIBEIRO, 2014, p. 90).

Por mais que todas as mulheres que se envolveram com Philogônio tenham nelas representado esse comportamento de uma sexualidade periférica, até mesmo por se tratar de personagens femininas que nitidamente expressam seus desejos sexuais, a que é apresentada como maior transgressora é Emilinha. Ela foi trazida do garimpo e logo quando chegou se envolveu com o protagonista: “Ela me comendo insaciável. Às vezes ficava a manhã inteira sem sair” (RIBEIRO, 2014, p. 288).

Outra coisa que a diferenciava são as práticas sexuais, é assim que o sexo foi descrito pelo narrador: “Em Emilinha, o que gostava mais era de ficar horas entrando por todas as três bocas, de babas minhas e dela. Não se escandalize, não, seu padre” (RIBEIRO, 2014, p. 289). Nesse trecho é possível constatar que havia prática tanto de sexo oral quanto do anal, sendo estas ações sempre vistas como tabu dentre os mais conservadores, considerado sodomia, termo retirado da bíblia atribuído a essas práticas não aceitas: “[...] a sodomia foi sobretudo associada aos ‘desvios de genitalidade’, incluindo-se aí o coito anal, o sexo oral e outros contatos *contra natura*” (VAINFAS, 2015, p. 117).

As práticas iam além:

Aí foi, acho, que me acostumei à ruindade de machucar Emilinha quando montava. Se era por trás, agarrava os peitos e esmagava os bicos como quem aleita cabra. Se era de frente, agarrava firme nas bandas da bunda dela, deixando marcas de machucado. Logo vi surpreso, mas não muito, que ela sofria, é verdade, mas gostava daquele trato duro. Aquela mulher não tinha jeito, não, seu padre. Endemoniada. (RIBEIRO, 2014, p. 289).

É nítida na descrição de Philogônio a existência de um relacionamento sadomasoquista, uma vez que o narrador-protagonista acrescentou a violência em suas relações sexuais e a Emilinha sentia prazer em toda aquela situação. Azevedo (1998) traz três classificações tanto do sadismo quanto do masoquismo que podem ajudar a esclarecer os níveis que cada um possui.

Assim, o autor aponta como sadismo-maldoso aquele praticado com muita perversidade sem necessariamente ter cunho sexual, são as típicas práticas de tortura para se conseguir alguma confissão de um prisioneiro, por exemplo. O segundo tipo seria o sadismo-psicopático, nesse caso já é considerado uma doença mental pela qual o doente cria rancores infundados que justifiquem os seus ataques – podemos tomar como exemplo estupradores e assassinos em série. O terceiro e último é o sadismo-erótico, aqui o sádico usa da violência com o intuito de tanto sentir prazer quanto de proporcionar, prática essa em que os danos físicos são mínimos (AZEVEDO, 1998).

Da mesma forma, Azevedo classifica os tipos de masoquismo. O masoquista-compulsivo trata-se de uma pessoa que sofre compulsão de morte, submetendo-se a situações perigosas e sentindo prazer com aquilo, podendo se entregar a alguém ou se matar. Já o masoquista-alienado também busca prazer, mas desconhece os seus próprios limites e sua condição, um exemplo trazido é “a condição feminina perante a sociedade machista, culturalmente exercida por séculos, com direitos e privilégios para os homens, deveres e prejuízos para as mulheres” (AZEVEDO, 1998, p. 20) – a mulher que se submeteu a tanta repressão e sofrimento por desconhecer que também tinha direitos era, portanto, uma masoquista-alienada. Por fim, temos a masoquista-erótica, que associa o prazer sexual à humilhação no momento do sexo, transformando toda a dor sentida em excitação (AZEVEDO, 1998).

Partindo dessas definições, podemos perceber que, na situação acima relatada, o comportamento de Philogônio e Emilinha era de, respectivamente, sádico-erótico e masoquista-erótico, pois, apesar de narrar pequenos atos violentos, tinha o objetivo totalmente sexual e era prática de comum acordo. Esse comportamento os torna personagens de uma sexualidade periférica, chamando ainda mais atenção para ela, por ser mulher em um ambiente patriarcal, “[...] quem curte a dor é considerado fora do padrão ‘normal’” (AZEVEDO, 1998, p. 20).

Além disso, foi por causa de sua sexualidade transgressora que a Emilinha acabou sendo expulsa de casa:

[...] voltando do mato e entrando em casa, ao ir pro quarto onde ela estava descansando, menstruada, senti logo na porta a inhaca do pacote dela, cheirando. Quando cheguei no quarto, o que vi foi Emilinha, deitada, nuela, de pernas abertas em cima da cama, sendo lambida nas partes sujas lá dela pelo meu perdigueiro. (RIBEIRO, 2014, p. 290)

A zoofilia é uma sexualidade periférica, mas o que chama mais atenção ainda é o fato de ser algo diferente daquilo que já vinha sendo narrado no romance – uma vez que o narrador afirma já ter mantido relações sexuais com um pato e uma jumenta – dessa vez se tratava de uma mulher e havia a prática de sexo oral. São todas essas experiências que nos levam a constatação de que Emilinha foi a personagem que mais transgrediu aquilo que se esperava de uma mulher em uma sociedade machista como a retratada em *O Mulo*.

A última mulher com quem se envolve é Maria Rosa, isso se deu já enquanto estava escrevendo sua confissão, portanto Philogônio estava bastante idoso e doente. Ele deixa claro que ela queria e o provocou – “Maria Rosa queria, seu padre, ajudou, arregaçando o vestido com a mão [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 324) –, mas ainda que houvesse a vontade de ambas as partes, o sexo não foi consumado uma vez que a idade não permitiu mais esse tipo de aventura: “Nada. Por mais que eu empurrasse com os dedos aquela carne frouxa para entrar um pouquinho, nada” (RIBEIRO, 2014, p. 324).

A princípio, podemos até acreditar que a exposição de mulheres tão bem resolvidas sexualmente pode se tratar de um rompimento com os paradigmas construídos sobre o assunto, no entanto, nenhuma dessas personagens eram bem vistas exatamente por apresentarem posturas tão ativas. São vários os momentos em que o narrador-protagonista utiliza termos depreciativos ou que denotam indiferença para se referir a cada uma delas.

Quanto a Zeca, ele deixa claro que era ela que cuidava de suas roupas e escondia um pedaço de carne para ele debaixo do feijão com arroz, porém nunca foi de fato alguém que despertasse seus interesses sexuais, eram apenas por questão de sobrevivência: “A tesãozinha minha de rapaz nunca foi a Zeca” (RIBEIRO, 2014, p. 63). Já o tratamento dado a Inhá não foi a indiferença, mas sim o uso de termos chulos, Philogônio, que pagou para tê-la, não a achou no direito de ter vontade própria e ir embora com outro homem, foi o suficiente para que ela fosse rebaixada: “Quem fez melhor negócio, aquela tarde? Eu, ficando com aquela cadela? [...]”

só sei que preferiria não ter visto nunca aquela vaca vadia de minha vergonha” (RIBEIRO, 2014, p. 176).

Ao se referir a Mariá, o narrador nos fala que ela sempre estava ali para servi-lo, no entanto, o sexo era um pouco mais trabalhoso já que a mulher tinha a vagina seca. Mesmo quando conseguiam, ela permanecia calada, sem manifestar nenhuma reação. A conclusão que Philogônio tira disso não deixa dúvidas quanto ao seu pensamento machista: “[...] como se fosse proibida de gozar. E era: mulher direita não dá gaitada, goza calada” ” (RIBEIRO, 2014, p. 213).

Por fim, por mais que a Emilinha seja sempre elogiada pelo seu desempenho sexual, não faltaram termos pejorativos para descrever essa sua disposição – “[...] era como uma cadelinha [...] oferecida como uma sem-vergonha qualquer” (RIBEIRO, 2014, p. 70). Além disso, o fato de Philogônio não aceitar a cena que viu da mulher com o cachorro evidencia como que, na visão dele, era incabível ela ter experiências não muito diferente das vivenciadas por ele mesmo.

Além de todas as colocações feitas pelo narrador em relação a essas mulheres com as quais ele se relacionou, duas outras personagens nos levam a perceber que a sexualidade periférica foi apresentada apenas naquelas que logo iriam embora da vida dele, assim, Calu e siá Mia, sendo a primeira empregada e a segunda esposa, possuem comportamento bem diferente. Enquanto as demais se demonstraram ativas e tendo vontades, estas são totalmente passivas, se enquadrando no perfil de mulher submissa.

Não é difícil encontrarmos teoria que corroboram a ideia de que a homens e mulheres são atribuídas noções diferentes de sexualidade. Em *História da sexualidade 2*, Foucault (1984) assegura que a ideia de divisão dos papéis nas relações sexuais é algo muito antigo, assim ele expõe a existência de dois pólos, sendo um pólo ativo, portanto, sujeito, e o outro passivo, sendo o objeto:

[...] de um lado aqueles que são sujeitos da atividade sexual (e que devem cuidar de exercê-la de maneira comedida e oportuna); e de outro aqueles que são os parceiros-objetos, os figurantes, sobre os quais e com os quais ela se exerce. Os primeiros, evidentemente, são os homens, mais precisamente, os homens adultos e livres; os segundos, bem entendido, compreendem as mulheres [...]. (FOUCAULT, 1984, p. 46).

A afirmação de que a mulher é um mero figurante reforça a ideia de que a função exercida por ela é a de proporcionar o prazer masculino, sendo o homem o sujeito protagonista nas relações sexuais. E é justamente essa divisão de um homem atuante, portanto sujeito, e uma

mulher passiva, objeto na relação, que encontramos no relacionamento de Philogônio tanto com Calu quanto com siá Mia.

Em primeiro momento Calu é apresentada apenas como a criada que ajuda a cuidar de Philogônio, é responsável ainda pelos afazeres domésticos. Entretanto, no decorrer da narrativa o leitor descobre que ela chegou ali ainda jovem, como várias outras meninas que eram recebidas para trabalhar, mas Calu tinha algo que a diferenciava das outras, ele afirma: “A única moleca que apanhei ainda tapada” (RIBEIRO, 2014, p. 70).

A descrição da primeira relação sexual entre Calu e Philogônio é claramente um relato de um estupro. A garota não queria, tentava resistir aos avanços do homem, mas ele acabou conseguindo:

Um dia, chegando, vi Calu ali na sala, bem de jeito; encostei e empurrei pro quarto. Lá, com ela sempre agarrada, arranquei a saia e a meti na rede. Quando tirava minha calça, ela escapuliu, deixando a calça na minha mão. Nua, teve que estatelar na porta. Não queria ser vista com o ló de fora. Ficou me olhando com medo [...] agarrei, e, aí, segurando bem com as duas mãos e atracando também com as pernas, já pelado, abati Calu no chão e fiz, seu padre. Fiz. (RIBEIRO, 2014, p. 163-164)

Fica nítido o domínio exercido nessa passagem sobre a personagem feminina, ela foi vítima de um estupro e em nenhum momento isso pareceu incomodar o Philogônio durante o relato, aliás, a palavra “estupro” ou outra que sugerisse agressão nem mesmo é utilizada por ele. Depois disso, Calu vai morar com outro homem, mas ambos voltam e trabalham juntos para o coronel, é como se ela pertencesse ao patrão.

De todas as companheiras de Philogônio, a única com quem ele de fato oficializou a união foi com siá Mia. Ela era considerada uma mulher de família, por isso, assim como Calu, ela também era “[...] inteira, virgem, fechada de um todo [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 59). Entretanto, o comportamento dessa vez foi diferente, não houve nenhuma tentativa de violência ou mesmo proposta para que o sexo ocorresse logo, afinal se tratava de alguém com quem ele iria se casar, as regras eram diferentes. O narrador nos revela que o gesto de maior intimidade que teve antes do casamento foi um aperto de mão quando já eram noivos.

Na noite de núpcias, a virgindade se confirmou – algo pelo qual Philogônio muito ansiava – e por mais que siá Mia se envolva e aparentemente aproveite também o momento, a sua postura demonstra passividade em relação ao sexo: “Logo vi que ela não estava ofendida, se dava. Acalmada minha tesão equina, recostei ao lado dela, deitei, ainda acariciando, sentindo o cheiro de mel e leite que recendia” (RIBEIRO, 2014, p. 244). Afirmar que ela “se dava” é o ponto que em primeiro momento chama a atenção, não se vê na descrição feita de siá Mia uma

postura de proatividade, como nas descritas em relação a Zeca, Emilinha, Mariá, Inhá e nem Maria Rosa, afinal, agora de tratava de uma mulher que legitimamente ocupava o lugar de esposa. Outro aspecto que cabe atenção nesse trecho é o cheiro de mel e leite que exalava, isso se associa à delicadeza que é descrita como marca de siá Mia, diferente da Emilinha, por exemplo, a quem o narrador descreve como uma mulher que exalava cheiro de “inhaca”.

Philogônio, em muitos trechos do romance, deixa transparecer o seu pensamento de que a mulher deve assumir um papel de submissão, o seu discurso faz parecer que a figura masculina tem total controle sobre um relacionamento, principalmente no que se refere ao sexo: “Penso até que nenhuma dona querível, verdadeiramente, e querida total e completamente, resista ao homem que a queira de verdade” (RIBEIRO, 2014, p. 38). Ao utilizar os termos “querível” e “querida total e completamente” o narrador-personagem enfatiza que é suficiente o homem desejar a mulher, único fator necessário para o sexo seja consumado.

Ao se referir àquela que foi a sua esposa, o coronel afirma ter vivido um grande amor, mas por fim ressalta que “Não muito gozo de cama, que isso não se consente a mulher-esposa” (RIBEIRO, 2014, p.138). Aqui novamente é evidenciado o pensamento de Philogônio de que o sexo não deve ser a principal virtude de uma mulher casada, deixando isso para as mulheres consideradas de menor valor, e, por isso, não aptas ao casamento.

Esse seu pensamento não se restringe à sua esposa, na verdade trata-se da maneira que ele de fato pensa que uma mulher deve se comportar. Sempre deixa claro isso em seu discurso – “Vi muita moça mimosa, cheia de dengos de namorada, se enfezar depois de casada e parida, para ser como deve ser uma dona casada: discreta, quieta, calada” (RIBEIRO, 2014, p. 24) –, apenas confirmando a imagem de como uma mulher casada deve se comportar em uma sociedade patriarcal, conforme panorama histórico aqui já traçado.

Outro ponto que podemos observar que difere entre as relações sexuais de Philogônio com cada uma dessas mulheres é a posição para a prática do sexo. Bozon fala que a submissão feminina também pode ser retratada nesse momento. Segundo o autor, até mesmo a posição durante o ato sexual, com o homem sobrepondo a mulher, era algo imposto durante o período medieval, uma vez que deixava explícito o domínio masculino. Dessa forma, “A boa ordem é aquela que põe, social e sexualmente, as mulheres em seu verdadeiro lugar” (BOZON, 2004, p. 20). Ainda que não seja mais uma regra, a descrição do homem por cima pode caracterizar uma situação de domínio.

Somente sobre Inhá que não aparece nenhuma referência explícita no romance quanto a qual posição era adotada na hora do sexo. Com a Mariá há uma descrição que pode ser

considerada diferente da que consideramos posição de comando masculina, no entanto não levaremos em consideração, uma vez que a justificativa dada é a gravidez, dificultando a relação sexual. Quanto às demais, o narrador-protagonista descreve bem a situação, levando-nos a observar uma diferença entre Calu e siá Mia em relação às outras.

Quando narra suas aventuras com Zeca, ainda no início de suas experiências sexuais, o coronel deixa claro um detalhe peculiar: “Nunca deitou comigo; sempre era ali de pé” (RIBEIRO, 2014, p. 60). Não havia um controle da situação por parte dele, por isso não há o porquê de ele permanecer por cima. Na descrição do que acontece a seguir, fica ainda mais claro que era Zeca quem comandava a ação: “Aí vinha ela, de costas, arregaçava as saias [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 60).

Da relação de Philogônio com a Emilinha temos mais detalhes narrados. A todo instante ele reforça o fato de ela ser uma mulher ousada, sem limites – “cadela, que só queria viver engatada” (RIBEIRO, 2014, p. 282) –, por isso mesmo mais cenas de sexo foram descritas entre os dois. Em dois trechos aqui já apresentados, há evidências de que não se restringiam a ele ficar sobreposto a ela – “Se era por trás, agarrava os peitos [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 289); “[...] horas entrando por todas as três bocas [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 289) –, além desses, o coronel afirma uma outra maneira que utilizavam: “[...] no ar, suspensa a tiracolo do meu pescoço [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 121).

Com Maria Rosa o sexo não é de fato consumado, mas não foi por falta de tentativa. Ele chega ao ponto de tentar a penetração, não tendo sucesso por causa de um problema de impotência sexual. Ainda assim, é possível visualizar como estavam dispostos no momento da tentativa, ambos em pé dentro da capela: “Ela aí se levantou e já de frente, se pregou em mim, abraçada, descarada” (RIBEIRO, 2014, p. 323).

Aqui nesse ponto, podemos ainda acrescentar a experiência de Philogônio com duas personagens que ainda não foram citadas, Ruana e Beu. A omissão até o momento é justificada pelo fato delas aparecerem muito pouco, sendo as duas mencionadas apenas em dois pequenos parágrafos. No entanto, agora se faz pertinente, uma vez que confirma o uso de posições não convencionais com quase todas as mulheres.

Ruana é mãe de Mariá, Philogônio se relacionou com ela bem antes de se envolver com a filha, enquanto se hospedava em sua pensão durante suas viagens. É assim que ele descreve sua relação sexual com ela:

Chegada a hora, um tempo depois da janta e da meia dúzia de frases de prosa, caía o silêncio. Aí Ruana mandava a menina pra cama e ia coar o café na cozinha. Eu ia

junto. Fodia ali, levantando a saia e, por trás, metendo enquanto ela coava o café, sisuda, como se aquilo nem fosse com ela. Sempre encontrei Ruana sem calça. (RIBEIRO, 2014, p. 243)

Portanto, não havia ali um domínio dele da situação, a relação sexual com ela era feita também de pé e de costas. O fato de Ruana continuar coando o café demonstra a naturalidade com que encarava o que acontecia, além disso, não é coincidência o fato de estar sempre “sem calça”, fazia parte dos planos dela o sexo com Philogônio e, quem sabe, também com outros clientes da pensão.

Beu também foi conhecida em uma pensão, era quem lavava e passava as roupas de Philogônio. Assim relatou seu caso com ela: “Com medo de ser prenhada, ela se embolou, me enrolou e afinal vi o que queria: se virou, me meteu e me comeu, ao revés onde não é devido” (RIBEIRO, 2014, p. 263). Portanto, além de ele ter usado o verbo “comer” para descrever a ação da mulher, vemos aqui a descrição de um sexo anal, unicamente com o objetivo de evitar uma gravidez, comprovando que a sexualidade periférica de Beu. Foi com ela, na verdade, a primeira prática de sexo anal com uma mulher – com homem já tinha adquirido experiência com Joca e Zabelê, na infância, além de no quartel, com o sargento –, já que se envolve com a Emilinha bem depois.

No entanto, o que se passa com Calu e siá Mia é diferente. Como se tratava de um estupro, Philogônio tentou naquela situação dominar Calu – “[...] saltei para cima dela outra vez, agarrei [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 164) –, demonstrando que naquele momento ele era superior. O mesmo se dá com siá Mia, embora seja em circunstância diferente de Calu, ela também estava sendo dominada, afinal era esposa e virgem, o que o fazia acreditar que deveria conduzir na ação, ensiná-la: “Quando dei por mim, tinha tirado o pijama dela. Estava ali siá Mia, nua, pernas abertas, eu em cima [...]” (RIBEIRO, 2014, 244).

Reforçando ainda essa ideia, podemos levar em conta a maneira como ficam nuas para o sexo: sendo despidas. É ele que arranca a saia de Calu e tira a camisola de siá Mia, tornando-as apenas objetos naquele momento, evidenciando que tudo estava sob o controle dele, verdadeiro sujeito da ação.

Outro ponto não pode ser deixado de lado se levarmos em consideração Calu e siá Mia, apesar de as duas representarem figuras femininas passivas, são representações de diferentes tipos de mulheres, levando em conta as características físicas e, como consequência naquele contexto, a posição social. Isso também se torna um fator determinante para o desenrolar do enredo.

Essa foi a descrição feita de siá Mia por Philogônio: “A filha, moça já, parecia menina. Morena cor de telha, cabelo escorrido, lustroso, arrumado em tranças certinhas. Bonita” (RIBEIRO, 2014, p. 219). Além disso, ela era filha única de um coronel rico, Zé Alves, com quem vivia em um casarão imponente.

Por outro lado, temos a descrição de Calu: “Negrinha boa mesmo de lembrar [...] A única moleca que apanhei ainda tapada: magra, bundinha de tanajura, arisca e escorregadia como não sei o quê” (RIBEIRO, 2014, p. 163). Tinha chegado ali, como tantas outras meninas, para trabalhar, portanto, assumia uma posição de maior submissão que siá Mia, pois Philogônio não era superior apenas por ser homem, era também o patrão.

Ficam muito evidentes as diferenças na caracterização feita pelo narrador-protagonista para cada uma delas. Enquanto a filha de Zé Alves é exposta de maneira a ressaltar sua delicadeza, Calu é totalmente erotizada, ainda que se tratasse de uma menina. Philogônio adota essa postura como uma forma de justificar o comportamento diferente adotado com cada uma delas.

O que podemos ver, portanto, é a constatação do que a história da mulher negra evidencia, são vistas como objetos sexuais passíveis de dominação, “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir [...]” (DAVIS, 2016, p. 31). A sequência que se dá após o estupro sofrido por Calu, mostra como ela foi de fato dominada, pois não vai mais motivos para resistir: “Calu sumiu uns tempos [...] Chamei: voltou. Veio mansa, me aceitou, sem fugas nem arrepios. Fiz o devido, ela nem mugiu” (RIBEIRO, 2014, p. 164).

Outro ponto que nos chama atenção é como o tratamento de Philogônio para com Calu muda no decorrer do romance, aos poucos ela não despertava mais tanto interesse assim no coronel. É como se ela fosse, inicialmente, um desafio a ser conquistado, mas que depois já não atraía tanto. Para falar como deixou de desejar a menina, ele afirma: “Enfado com o fastio dela, enjoiei também e quando [...] estava para amigar com Bilé, dei a ela o que a todos dava: a rede, o cobertor e o miuçalha” (RIBEIRO, 2014, p. 164). Depois que ela já estava velha, a muito tempo trabalhando para o coronel, vemos que ele assume um discurso de ainda mais repulsa: “Eu, estatelado, olhava aquele tição frio, negro, encarquilhado, seco, triste, ali na minha frente. Magra demais, o que eu via mesmo era um esqueleto mal empelicado de couro pretíssimo, encarquilhado”. De fato, não havia mais nenhum resquício da atração sexual que um dia sentira, agora era apenas sua criada.

Assim, é possível perceber que cada personagem feminina tem a sexualidade abordada de uma maneira diferente dentro do romance, sendo possível fazer, a partir de todas essas representações, uma análise de como a sexualidade da mulher é vista. O fato de ser um coronel narrando a história, em uma realidade patriarcal, também contribuem para a análise.

2.4 Considerações sobre a sexualidade feminina no romance

Os fatos históricos não deixam dúvidas de como a sexualidade feminina sempre foi tão ignorada, foram sempre os homens considerados protagonistas no momento do sexo, enquanto a figura feminina tinha a função unicamente de servi-lo naquele momento. Tudo isso acontecia de maneira tão naturalizada a ponto de serem poucas as mulheres que se atreviam a contestar e/ou transgredir as regras, sendo aquelas que o fazia categorizadas como alguém inferior, motivo de vergonha.

Ainda que o Brasil tenha vivido uma revolução sexual na década de 1970, não se torna unanimidade o pensamento de que a figura feminina pode ter desejos sexuais, portanto as classificações pejorativas para as que não estavam dentro de um padrão idealizado continuaram sendo usadas, muitas vezes se estendendo até os dias de hoje. Outra classificação que foi mantida é a divisão das mulheres em aquelas que seriam ou não aptas para um casamento.

Um dos motivos fundamentais para que não houvesse uma mudança na maneira como a mulher era vista foi o fato de sempre ser apresentada pela ótica masculina. Isso faz uma grande diferença, pois a representação feita ainda se tratava de uma idealização, e não representava aquilo que de fato a mulher sentia, principalmente em relação ao sexo. Esse ponto, de maneira inevitável, leva-nos de volta a uma questão que aqui já foi discorrida, a imposição do gênero. Na verdade, o que sempre veio sendo registrado como uma verdade sexual feminina não passava daquilo que já era fortemente propagado e tido como inquestionável, até mesmo por muitas mulheres.

Toda essa supremacia masculina foi percebida dentro do romance *O Mulo*. Temos uma narrativa contada por um coronel que explicita a todo momento em seu discurso o pensamento de que a mulher deve ter um comportamento contido, caso contrário ele não poupa na adjetivação: “puta”, “cadela”. Portanto, é de suma relevância sempre considerarmos o fato de estarmos diante da visão de um homem, por isso toda a análise feita pode, efetivamente, levar em consideração aquilo que Philogônio confessa como uma construção do que Ribeiro nos quis fazer refletir.

As personagens femininas Lenora, Zeca, Inhá, Mariá, Emilinha, Maria Rosa, Ruana e Beu de alguma forma transgrediram aquilo que se esperava do comportamento de uma mulher, sexualmente falando. Todas elas, a sua maneira, levaram em consideração apenas a necessidade de se satisfazer, fazendo com que o prazer fosse alcançado ainda que para isso fossem julgadas.

Com algumas delas, foi justamente a ousadia que proporcionou o sexo com Philogônio, ou pelo menos a tentativa de coito – no caso da Maria Rosa. Entretanto, nenhuma ficou por muito tempo com ele, por motivos diversos foram se afastando e algumas até mesmo foram expulsas, não serviam para ser mulheres com uma relação legitimada.

Vemos um final diferente para Calu e siá Mia. Ambas se prostraram mais próximas da ideia de mulher como objeto já trazida aqui, tinham uma função para desempenhar na vida dele. Calu foi estuprada, era objeto de desejo por ser a única a chegar ali virgem, portanto a relação sexual com ela faria com que ele se sentisse superior, macho, tratava-se unicamente de satisfazer o próprio ego. Além disso, ela permanece com Philogônio até o final da narrativa, mesmo que não tenha mais nenhum relacionamento afetivo com ele, ficou ali desempenhando a função de criada. É como se aquele estupro tivesse de fato deixado subordinada a ele, sem reação, da maneira que a mulher deveria ser. Olhando toda a sua trajetória no enredo, torna-se compreensível o nome atribuído à personagem, foneticamente Calu se aproxima do verbo “calar”, pode ser vista, portanto, como a mulher que se calou. O nome reafirma a sua submissão.

O envolvimento com siá Mia também a objetificava, primeiramente não se pode ignorar o interesse financeiro, foi a forma de ascensão social encontrada por ele, segundo que Philogônio afirma não ter tido muitas alegrias com ela na cama, já que não seria a função de uma esposa. Ela é descrita como uma mulher contida, meiga, além de virgem, sendo um dos maiores medos do Philogônio não constatar essa virgindade depois de já casados. A fonética do nome também nos instiga, siá Mia pode ser vista como “siá Minha”, tratada, portanto, como propriedade do coronel.

Não é coincidência que as únicas duas mulheres virgens com quem Philogônio se envolveu sejam exatamente as com quem ele cria algum laço, tornando a negra uma criada e a branca – ainda que “morena cor de telha”, tinha o cabelo escorrido – a sua esposa. Isso apenas reforça os paradigmas de comportamento que uma mulher deve seguir, evidenciando critérios machistas e racistas para a escolha de uma figura feminina para adentrar a residência de um homem.

Obviamente não podemos afirmar que as outras mulheres queriam permanecer com ele. A Inhá, por exemplo, foi embora porque quis, fugiu com outro homem; Maria Rosa foi um caso

de um dia, ela pode ter se decepcionado com Philogônio e não ter sentido vontade de voltar; Emilinha e Mariá de fato foram descartadas, a primeira por não conter seus desejos e a segunda, ao contrário, ser frígida a ponto de fazê-lo perder a atração. Entretanto, ainda assim, isso fala muito, mulheres com tantas vontades não serviriam para ser esposa, protagonizavam apenas “casos”.

Portanto, o que se percebe após a leitura do romance, e confrontação com o histórico da sexualidade feminina, é que temos uma narrativa machista que corrobora a ideia de classificação da mulher quanto a suas atitudes relacionadas à sexualidade. Tivemos ainda em Calu a personificação do lugar que, para aquela sociedade, a mulher negra deveria ocupar, servindo como objeto sexual, mas nunca para esposa, devendo ser aquela que sempre está a serviço.

Além disso, as experiências de sexualidade periférica foram vividas com as mulheres com quem não assumiria um compromisso formal, reservando à esposa aquilo que fosse considerado dentro de um padrão conservador. A descrição de tantas personagens femininas corajosas e bem resolvidas sexualmente serviu apenas para reforçar um estereótipo já construído do lugar que elas devem ocupar.

CAPÍTULO 3

A SEXUALIDADE PERIFÉRICA COMO MARCA DA ESCRITA LITERÁRIA DE DARCY RIBEIRO

“Uma vida inteira me sendo. Insaciável.
Passando rápido de rapaz a homem, a velho.
Variando também no amor. Tantas santas mulheres!
Até nos ofícios variei. Do mateiro a romanceador”
(RIBEIRO, 1998, p. 33)

Neste capítulo, o que se pretende é confrontar a sexualidade periférica já constatada em *O Mulo* com a sexualidade exposta por Darcy Ribeiro nos seus outros escritos literários. Dessa maneira, pretendemos comprovar que o autor apresenta esse traço com uma característica de suas ficções, o que pode ter influência de sua faceta como antropólogo.

Os livros serão apresentados aqui seguindo a mesma ordem de publicação, por isso começaremos analisando *Maíra*, depois seguiremos com *Utopia Selvagem*, *Migo* e finalizaremos com *Eros e Tanatos*, um livro de poemas. Buscaremos nessas produções a descrição da sexualidade de qualquer uma das personagens, de modo que seja possível traçar uma análise de como esta é encarada dentro do romance.

Falar de sexualidade periférica em *Maíra* e em *Utopia Selvagem* requer um outro olhar em relação ao que vinha sendo adotado até então, pois, diferentemente do que acontece em *O Mulo*, praticamente todas as experiências sexuais relatadas são ambientadas no meio indígena. Assim, o que foi tido como periférico, para uma sociedade majoritariamente cristã, pode não ser para aquele povo que possui crenças e costumes diferentes.

No entanto, não dá para desconsiderar os relatos sexuais presentes nesses dois romances. Ainda que os costumes indígenas permitam algumas relações que seriam incomuns em outro ambiente, a necessidade de descrever com constância a maneira como isso se dava pode ser, exatamente, uma estratégia encontrada pelo autor para fazer o leitor se deparar com essas cenas que chocam, com um sexo que seria considerado, pela maioria, como periférico.

Em relação a *Migo*, dentre os três romances é o que mais permite uma aproximação com *O Mulo*. O primeiro ponto a se levar em questão é que ambos são narrados em primeira pessoa por um homem, além disso nos dois casos os narradores-protagonistas já são mais velhos e estão escrevendo todo o relato, Philogônio em uma forma de confissão e Ageu em um livro que o deixa em dúvida se se trata de um diário ou de um romance. Muito provavelmente pelo fato de esses dois enredos se assemelharem, é esse último romance que mais apresenta a presença da sexualidade periférica se o compararmos com *Maíra* e *Utopia selvagem*.

Eros e Tanatos acaba se distanciando um pouco desses outros textos por se tratar de um Darcy Ribeiro poeta. Entretanto, ainda assim é possível encontrarmos traços que o aproximam dos três romances, pois são vários os poemas que abordam um amor erótico que parece reforçar muito do que foi narrado nas publicações anteriores.

3.1 Maíra

Em seu primeiro romance, Darcy Ribeiro aborda uma tentativa de integrar o índio à civilização. Avá, índio mairum, é levado por um sacerdote para viver como um cristão e chega a ser renomeado como Isaías; no entanto, antes de ser ordenado padre decide voltar para seu povo. Durante o regresso, acaba conhecendo Alma, uma mulher que queria ser missionária por conta própria e que vai morar com os índios depois de não ter sido aceita pela igreja.

A narrativa discorre sobre o deslocamento de Avá no meio de sua própria família – uma vez que o convívio com os cristãos acabou comprometendo a sua identidade –, e também sobre o entrosamento de Alma naquela nova vida, a ponto de se desfazer das roupas e ajudar a cuidar de todos que necessitassem de algum medicamento. Outro ponto importante na narrativa é o fato de haver, próximo ao lugar em que os índios moravam, instalações tanto de católicos como de evangélicos, esses cristãos tinham o interesse em catequizar os nativos, chegando a traduzir a bíblia para a língua local. Paralelamente a tudo isso, narra-se também uma história de origem, sendo Maíra-Coraci, o sol, o responsável por boa parte da criação, depois de modificar a obra do Deus supremo Maíra-Ambir.

A sexualidade, assim como em *O Mulo*, é um aspecto bastante presente nesse romance, de modo que nem mesmo as entidades religiosas estão isentas dela: “Não havia homens nem mulheres [...] Mas todos tinham uma vulva dentada como boca de piranha, que só servia para foder com o Criador” (RIBEIRO, 1979, p. 134). Assim, a chamada “pica de Deus-Pai” era necessária para que nascessem as crianças, e dessa forma ir povoando o mundo.

Quanto à sexualidade periférica, ela também é presente durante a narrativa. Já no terceiro capítulo, o padre Vecchio assume para Isaías como seus desejos sexuais o perseguiram durante a juventude: “[...] na sua idade minhas carnes queimavam. Sabia que a tortura recomeçaria, que outra vez o diabo rondaria meu corpo até me enlouquecer e me fazer ejacular [...]. Uma vez dentro da Igreja [...] durante a Santa Missa, na hora mais sagrada” (RIBEIRO, 1979, p. 32).

Aqui vemos uma sexualidade que facilmente seria condenada, uma vez que a Igreja Católica não permite o sexo praticado por padres. Apesar de não haver, de fato, o ato sexual,

ainda assim pode-se considerar periférico, uma vez que muitas vezes esses religiosos são encarados como pessoas que devem ser alheias a esse tipo de desejo. César Aparecido Nunes (1987) afirma que muito dessas posturas adotadas pela Igreja Católica se deu devido à doutrina de Paulo pregada praticamente em todo o Novo Testamento. Para ele, o ideal de virgindade criado tornou-se uma espécie de identidade cristã, além de uma forma de distinção para os que são vocacionados ao sacerdócio.

Alma, antes de decidir que queria ser uma missionária, também viveu uma sexualidade periférica. Trocava a todo instante de parceiro e mantinha uma vida de sexo desregrado – “Buscava através de relações com um, com outro, quase com qualquer um, ser gente entre gentes” (RIBEIRO, 1979, p. 87). Órfã de mãe e filha única, era essa a maneira encontrada por ela para ter várias outras companhias além da do pai.

Alma caracteriza seus relacionamentos como edípicos, já que sempre se envolvia com homens mais velhos, possivelmente buscando neles a figura de seu pai, que era tão importante para ela. Sobre sua relação com Fred, essa foi a descrição: “[...] quer tirar gozos adicionais de se pensar meu pai e meu filho e de me comer como sua mãe e sua filha” (RIBEIRO, 1979, p. 87). Não é tão normativo o ato de se imaginar tendo relação sexual com um dos pais ou com um filho, além disso o complexo de Édipo é um fenômeno associado à primeira infância:

Em extensão sempre crescente, o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência. Ainda não se tornou claro, contudo, o que é que ocasiona sua destruição. As análises parecem demonstrar que é a experiência de desapontamentos penosos. A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado. (FREUD, 1996, p.101).

Freud fala que, após a primeira infância, há a dissolução de tal complexo, no entanto, o que visualizamos nas personagens, principalmente em Fred, não segue essa regra. Por ser um adulto, ele tem a ciência de que o envolvimento sexual com os pais não seria uma ação bem vista, no entanto, busca suprir o seu desejo utilizando a fantasia e imaginando essa relação incestuosa para que, assim, consiga “tirar gozos adicionais”.

Além dessa sexualidade periférica praticada pelos brancos – padre Vecchio, Alma e Fred –, há muita descrição durante a narrativa do que seria periférico para a sociedade no geral, mas não para aqueles índios, que agem seguindo regras próprias. Um exemplo disso é no

comportamento que têm em relação ao sexo extraconjugal: “Foder com elas não provoca ciúme em nenhuma mulher mairuna. Ao contrário, muitas dão ao marido uma faca ou um adorno dizendo: - Vá buscar Madá que é linda, ela há de ser carinhosa com você” (RIBEIRO, 1979, p. 110). Esse trecho se refere a uma mirixorã, mulher que não tem marido e se faz desejada por todos os homens. Enquanto as outras índias são descritas como mulheres que possuem um único ofício na hora do sexo, manter dentro delas o pênis ereto e pernoitar assim sem movimento algum, as mirixorãs “[...] têm artes de fazer um homem gastar todo o óleo, esportando sem parar, durante a noite inteira” (RIBEIRO, 1979, p. 110).

Até certo ponto, as mirixorãs podem ser comparadas com prostitutas, já que se envolvem com vários homens e recebem algum presente em troca por isso. Porém, a aceitação dessa figura no meio indígena se dá de maneira completamente diferente, não só as esposas como todos os membros da comunidade não depreciam a função exercida por ela, não deixando de causar, assim, um estranhamento no leitor. Cabe ressaltar que o mesmo não ocorre em sentido inverso, as mulheres não se relacionam sexualmente com outro homem que não seja o marido, sob risco de apanharem de seus companheiros.

Outro aspecto chama atenção no romance, a naturalidade com que encaram o envolvimento de uma menina com um homem. Isso não só é aceito como chega até a ser estimulando, pois eles acreditam que o homem possui uma função fundamental na vida dessas meninas: “Menina cresce, engrossa, é na mão dos homens. Mão de homem no peito delas é que faz os seios crescerem [...]. Mão de homem nas coxas das meninas é que as arredonda” (RIBEIRO, 1979, p. 240). Essa é uma atitude que facilmente seria apontada como pedofilia, pois o nascimento dos seios é um dos sinais de início da puberdade, se há um relacionamento sexual antes mesmo disso é inegável que se trata de uma criança.

O estupro também é visto de maneira particular. Enquanto geralmente esse ato é encarado com repulsa, chegando a deixar, muitas vezes, traumas nas vítimas majoritariamente femininas, o romance o expõe como um castigo aplicado às índias em determinada situação: “As mulheres sabem que não podem mais ver as flautas jacuís. Sabem, principalmente, que não podem ver e jamais viram o zunidor de Maíra. Aquela que um dia olhar um anhangá zunidor será estuprada por todos os homens até morrer” (RIBEIRO, 1979, p. 216). Não deixa de ser também uma supremacia masculina, com a diferença, no entanto, de que é um castigo tido como consenso dentro da tribo, sendo unicamente elas consideradas as responsáveis caso isso seja necessário acontecer.

3.2 Utopia selvagem

Utopia Selvagem trata-se do terceiro romance de Darcy Ribeiro e o menor dos quatro publicados, nele há a narrativa sobre um negro gaúcho, tenente do exército, de nome Pitum. Após lutar na Guerra Guiana na fronteira norte do país, acaba se tornando prisioneiro, no Amazonas, de uma tribo de mulheres guerreiras, que o mantêm como procriador. Entretanto, ele foi, depois de um tempo, dispensado por elas, e vai parar em outra tribo, onde há não mais apenas mulheres, mas também homens e meninos. É nesse segundo lugar que Pitum – também chamado de Orelhão – encontra duas missionárias cristãs, Uxa e Tivi. Nessa narrativa é possível ver a existência de vários “Brasis”, uma vez que o universo dos índios, o de Pitum e o das missionárias são completamente distintos.

Já no início da ficção, deparamo-nos com o que pode ser considerado pouco corriqueiro, Pitum, por ser o único homem ali, é responsável por manter relação sexual com todas as mulheres – “Cada dia é uma. Todo santo dia” (RIBEIRO, 1982, p. 13). Aparentemente, esse era o costume da tribo, uma vez que dentre elas havia crianças – todas meninas –, o que sugere ter passado por ali outros homens, com que também mantinham relação sexual.

Porém, esse hábito de todas se deitarem com o mesmo homem, sem demonstrarem preocupação ou constrangimento por isso, não significa que o sexo não possuía regras: “Na lei delas, cada dona tem direito a uma única trepada. É uma só: prenhou, bem; não prenhou, também” (RIBEIRO, 1982, p. 15). Quanto a essa regra em específico, não há nenhuma ocorrência que evidencie a transgressão.

A narrativa traz, no entanto, um caso que apresenta a prática de uma sexualidade periférica:

Sabendo que ela estava transando muito com o cunhado, Cunhãmebebe não disse nada. Só cuspiu nas duas mãos e acariciou com elas a barrigada mulher [...]. No outro dia se viu a desgraça quando os dois começaram a gritar no mato pedindo socorro. Ao fornicar ficaram atrelados um no outro igual cachorros. A dona, querendo se livrar, forçava, esticando o pau do pobre que urrava de dor. (RIBEIRO, 1982, p. 123).

Nessa ocorrência, o que se pode notar é que havia um relacionamento extraconjugal, o que resultou no castigo aplicado pelo pajé. Ainda assim não se pode afirmar que o que provocou a

ira de Cunhãbebe foi o fato da sua mulher se deitar com outro homem, uma vez que o uso da expressão “estava transando muito com o cunhado” pode sugerir que tais encontros fossem aceitos, caso ocorressem com menor frequência. Ainda assim, podemos afirmar que nesse caso especificamente houve uma sexualidade periférica, ainda que seja apenas pela frequência da ação.

O romance fala mais claramente de uma sexualidade transgressora quando apresenta a percepção dos não-índios. O major Psiu, por exemplo, lamenta a situação em que o Brasil se encontrava – “O Incesto é descaradamente promovido. A Pederastia é publicamente exaltada. A Lesbiania floresce sem disfarces” (RIBEIRO, 1982, p. 61) –, fazendo-o acreditar ser culpa de uma nova ideologia difundida pelo rádio e pela TV. Essa sua afirmação deixa evidente não só a prática de tais ações, como também o olhar conservador com que isso era encarado, a ponto de sugerir o controle dos meios de comunicação de massa, como forma que anular esse tipo de sexualidade.

As religiosas também falam dessa sexualidade periférica, sendo inclusive uma prática recorrente no meio daquele povo indígena. Assim, elas acreditam fazer parte da missão a conversão dos índios ao cristianismo, de modo que eles deixem de praticar a sodomia, o adultério, o incesto.

Um dos “pecados” que acontecia na tribo e incomodava muito as monjas era o relacionamento de Pitum com um dos nativos: “Depois que aprendeu a língua, fez amizades, principalmente uma, descarada, com Axi. Íntima. Os dois não se largavam. O dia todo pintados e adornados, zanzam pela aldeia inteira” (RIBEIRO, 1982, p. 171). Ao que parece, a personagem-protagonista acabou se envolvendo em uma relação homossexual, o que não fez as religiosas estranharem a amizade dos dois. Aliás, não era esse o único caso dentro da tribo, o que as faziam concluir que deviam acabar com essas práticas, vistas por elas como abominações:

Aqui muito homem ou meio-homem destes, feito Axi, vive vida de mulher. Pintam-se com a pintura delas e se enfeitam com os enfeites delas. Alguns até se casam para ter marido. Estes abandonam o clube e vão para a casa das irmãs cuidar das crianças e cozinhar a comidinha que levam pro marido comer, de tarde, no pátio. Ninguém aqui parece preocupar-se com isto. (RIBEIRO, 1982, p. 172)

Nesse trecho é possível perceber que na tribo existiam outros homens como Axi, é nítido também que não parece ser um grande empecilho viverem “vida de mulher”, já que muitos deles conseguem ter um marido. Assim, essa seria uma sexualidade periférica apenas sob o ponto de vista das monjas, que estavam acostumadas com outros tipos de regras de conduta,

por isso concluem a respeito disso: “Sodomia não é só pecado, é vergonha” (RIBEIRO, 1982, p. 172).

Portanto, é possível afirmar que há presença da sexualidade periférica em *Utopia selvagem*, porém em menor medida se comparado com *O Mulo*. As práticas são citadas de forma mais superficial, sem necessariamente haver a descrição da cena, o que não compromete a identificação dela. A própria extensão desse romance pode ter ligação direta com o fato de algumas cenas de sexualidade periférica serem apresentadas tão brevemente, já que é o menor dos quatro romances.

3.3 Migo

Esse é o último romance publicado por Darcy Ribeiro. Nele encontramos a produção de Ageu, a qual retrata vários ocorridos de sua vida contando tanto fatos vividos há muito tempo, quanto situações que acabaram de acontecer, sendo isso também algo bem próximo do que acontece em *O Mulo* – “Escrevo como quem vomita o inconsciente às golfadas [...] Verdadeiras? Por vezes. Mas sem nenhum fanatismo de veracidade, misturando passado e presente como me saíam. Espontaneamente” (RIBEIRO, 1988, p. 13).

Ageu (que herdou o nome do avô paterno) perdeu a mãe logo quando nasceu, ela acabou morrendo durante o parto. O pai não soube enfrentar bem essa perda, foi embora e deixou as crianças com os sogros – além do recém-nascido, havia a Nininha, que era alguns anos mais velha –, morrendo anos depois sem que o menino o conhecesse. A irmã acaba fazendo por muito tempo o papel de mãe, até ele se mudar de Mangueiral para Belo Horizonte, onde se torna professor universitário.

Na capital Ageu mora com Zeca e Nora. O rapaz é filho de uma empregada que foi embora e nunca mais voltou para vê-lo, portanto acaba se tornando um filho adotivo; Nora na verdade se chama Silvana, mas recebe esse apelido carinhoso do professor por ser esposa de Zeca. A casa também é frequentada por alguns amigos.

O que é diferente nessa narrativa é que, embora ela seja feita em primeira pessoa, o leitor não se depara apenas com o ponto de vista de Ageu: “Há uma leitura mais, bizarra, recomendável para leitores preguiçosos. É a dos capítulos de título *grifado*. Neles, nem Ageu, nem eu, metemos o bedelho. São os próprios personagens que falam, se espelham, confessando-se diretamente a você” (RIBEIRO, 1988, p. 10). Dessa forma, a técnica criada pelo autor de diferenciar a grafia dos títulos possibilita uma narrativa mais próxima do real, o que colabora

muito também para a análise da sexualidade, por exemplo, pois em muitas ocorrências a própria personagem confirma aquilo que havia sido sugerido por Ageu. Além disso, em alguns poucos momentos também surge a voz de Darcy Ribeiro no meio da narrativa, como uma forma proposital de fazer o leitor acabar confundindo personagem e autor.

A primeira sexualidade periférica que chama bastante atenção é quando logo no início do romance Ageu fala de uma menina de treze anos, filha da vizinha, que aparece na porta, mas quando é chamada por ele “[...] salta fora como sempre” (RIBEIRO, 1988, p. 16) – expressão que sugere se tratar de uma visita frequente, uma espécie de brincadeira acostumados a fazer ou, como denomina o próprio narrador, um jogo sujo cheio de malícias. Mais tarde o leitor confirma através da voz da própria menina, que se chama Vazinha, o envolvimento dela com o professor:

O professor gosta demais de mim. Assim que ela [Nora] sai pra aula eu caio lá pra brincar nosso pega-pega [...]. Se eu deixo, esse velho me come. Mas eu sou arisca, ele me agarra e eu escapulo. Às vezes, deixo ele me adular: refazer você todinha, diz ele. Põe a mão no meu tornozelo e vai subindo devagar, pela batata da perna, pelo joelho, chega até a coxa, aí: pára! Caio fora. Ele me pega também, pelo lado de cima, o braço, o ombro, o pescoço, roçando meus seios com o cotovelo [...]. Gosta que eu chupe o dedo dele. (RIBEIRO, 1988, p. 165)

O depoimento da garota não deixa dúvidas quanto à intimidade que existia entre eles, havia interesse sexual de ambos os lados, porém Vazinha não queria que passasse dos limites, para não engravidar. Ela, embora se ache madura o suficiente para controlar o rumo das “brincadeiras”, demonstra ser apenas uma criança encantada com aquele jogo de sedução. O fato de a menina associar aquilo tudo ao pega-pega, além de se deixar ser adulada ou se dispor a chupar o dedo do professor, simplesmente reforçam ainda mais o universo infantil. Enquanto Vazinha afirma que Ageu gosta demais dela, ele fala das “safadezazinhas da menina” (RIBEIRO, 1988, p.25), parecendo querer se isentar do que acontece.

Esse não é o único caso de pedofilia retratado nesse romance, Nora conta o que viveu dentro de sua própria casa em duas situações diferentes. Em um primeiro momento, foi vítima de um desconhecido: “Um empregado da loja foi lá em casa entregar uma encomenda [...]. Arrancou minha calcinha e tremendo e babando e tapando minha boca, tirou a pica, encostou em mim e forçou duro para aquilo tudo entrar em mim”. A ação não se consumou porque havia alguém chegando, ainda assim podemos afirmar que se trata de uma cena de estupro, e ela tinha apenas onze anos quando isso aconteceu.

O segundo caso vivido por ela traz dois traços de sexualidade periférica, o primeiro por retratar um homem adulto se sentindo sexualmente atraído por uma criança; o segundo por apresentar uma atração incestuosa, já que dessa vez ela foi vítima de seu próprio pai – “Meninota, ele me sentou no colo, junto da janela [...]. Eu estava naquele encantamento quando senti duro, debaixo da minha bunda, o pai, o pau de papai. Saltei longe, fui me encostar em mãe” (RIBEIRO, 1988, p. 74-75). É possível ver nitidamente que em questão de segundos houve uma quebra de confiança construída por anos. Em um primeiro momento, há a ação de sentar no colo, o que é bastante comum entre pais e filhos por demonstrar afetividade de ambos os lados; posteriormente, a reação oposta de saltar longe, demonstrando medo e insegurança em relação a quem, até aquele momento, não se esperava nenhum mal. Depois disso o relacionamento já não foi o mesmo, Nora afirma ter visto malícia nos olhos do seu pai observando seus seios crescerem.

Da mesma maneira que acontece em *O Mulo*, em *Migo* a sexualidade das crianças aparece, não tendo elas apenas como vítimas de homens adultos, mas também mostrando a autodescoberta de maneira natural. Duas situações dentro do romance demonstram como havia algum tipo de regra nessas descobertas infantis. Na primeira, Nora narra como descobriu a sua própria sexualidade, ela e as primas costumavam aproveitar quando estavam juntas para trocarem experiências: “Brincando com minhas primas, na casa delas, nos acariciando, nos abraçávamos e nos beijávamos [...]. Assim fui descobrindo outras zonas ilumináveis de mim, capazes de acender” (RIBEIRO, 1988, p. 74). Na segunda situação, há um conflito em relação ao dono da declaração, a princípio acreditamos ser Ageu, mas ao final do capítulo ele declara “Você viu como Darcy se intrometeu? [...]. Isso é lembrança dele” (RIBEIRO, 1988, p. 293), de qualquer maneira, trata-se de um relato exposto no capítulo “Vejo”, relembrando coisas do passado: “Me vejo menino poeirento do Buritizal, pauzinho duro na mão, olhando as meninas que brincavam do lado de fora levantando as saias” (RIBEIRO, 1988, p. 292). Essas duas ocorrências nos mostram como o momento de ludicidade pode ser propício para a descoberta sexual; já que as brincadeiras se tornam hábitos rotineiros nessa fase da vida, acaba sendo um momento em que as crianças se sentem bastante à vontade para se tocarem. Outro fator que pode colaborar é a presença de outras crianças, pois costumam ter a ciência de que seriam repreendidos por um adulto.

No trecho a seguir, temos o relato feito por Mila, filha biológica de Ageu, contando uma experiência sexual que foge totalmente das convenções:

Fomos pro hotel de madrugada, com um companheiro moreninho e espadaúdo que nem Zeca. No quarto, apagaram a luz e nos deitamos os três na cama [...]. Quando nos acalmamos, depois da primeira rodada louca, eu fiquei com um deles deitado de cada lado. Com a mão nos paus moles deles, reinando. Na minha mão, eles foram crescendo, devagar, inchando, crescendo. Aí, a roda recomeçou a rodar. Estranhei demais foi ver que, me acariciando levemente, os dois estavam atracados era um no outro [...]. Jamais vi, também, nada tão excitante, confesso. (RIBEIRO, 1988, p. 242).

Alguns aspectos nesse relato nos remetem ao conceito de sexualidade periférica. Primeiramente, trata-se de um relacionamento extraconjugal; Zeca é casado com Nora apenas por interesses financeiros, ele tem convicção de que será herdeiro das riquezas dos sogros. Ainda que casado, não deixa de ter relação sexual com outros parceiros.

O segundo ponto é a relação homossexual, quando Mila afirma ter visto “os dois atracados”, fica nítido que se tratava de sexo entre dois homens, o que acaba por provocar um desejo nela, sendo esse o terceiro aspecto. Pouco se discute sobre a excitação que uma cena de sexo pode provocar em quem está apenas a assistindo; a discussão que é feita gira em torno do *voyeurismo*, parafilia relacionada a pessoas que observam secretamente outras se despindo ou durante o sexo, mas não é um assunto que se estende à observação consensual como um tipo de fetiche. É, sem dúvidas, uma sexualidade periférica.

Há, ainda, um quarto aspecto nesse trecho narrado por Mila que desperta atenção para a discussão, o que houve ali foi um *ménage à trois* (expressão para sexo a três). Trata-se de um tabu, não é comum pessoas assumirem explicitamente serem adeptas a essa prática, é uma sexualidade periférica e, por isso mesmo, sempre feito de forma sigilosa.

A masturbação é apresentada por Ageu como manias viciosas. As práticas começaram cedo, de modo que com catorze anos já se vê refém: “[...] essas minhas masturbações viciosas tinham se arraigado tanto que eu só sabia viver nelas, me sendo de mentira, fazendo de conta: era uma vez...” (RIBEIRO, 1988, p. 60). Assim, imaginava aquilo que não tinha, provavelmente se vendo em verdadeiras cenas de sexo. No entanto, quando já é um adulto e tem uma esposa, a mania ainda não tinha passado: “Vi que tudo estava mesmo acabado, quando percebi, uma noite, que ela, deitada ali na cama a meu lado, se masturbava. Eu, em lugar de ir chamá-la a mim, amá-la; enfadado, também me masturbei, ali ao lado” (RIBEIRO, 1988, p. 61). É como se ele, por não ter encontrado na esposa a realização sexual que esperava, preferisse continuar com o seu “era uma vez”. Essa característica em Ageu o faz se aproximar bastante de Philogônio, que chegou a afirmar, como já exposto aqui, ter sido a sua mão a mulher de mais bem querer que já teve.

A sexualidade dos padres é mencionada em vários momentos no decorrer desse romance, não com a castidade que supostamente se espera. “Os padres antigos viviam amancebados, criando filharada [...]” (RIBEIRO, 1988, p. 305), o que não é condizente com os votos feitos para o sacerdócio; os padres mais novos não eram tão diferentes, Guedes, amigos de Ageu, confirma seu relacionamento com um padre: “Só nos agarramos no escuro, bebendo vinho de missa [...]. Minha farra maior é vestir a sotaina dele, desabotoada, e montar a cavalo no Lé até, cansados, cairmos no chão, abraçados. Aí acontece o que tem de acontecer: alegrias, ternuras. Gozo” (RIBEIRO, 1988, p.262). A ciência de se tratar de uma relação que não será bem aceita, em primeiro ponto pela homossexualidade e em maior medida devido ao sacerdócio, é o que leva as personagens a realizarem seus encontros apenas no escuro, buscando fugir dos julgamentos.

Por fim, já no penúltimo capítulo da narrativa, o leitor é informado sobre o que Zeca fez com Vazinha, em um capítulo intitulado “Cabaço”:

Senti quando ele agarrou Vazinha. Ouvi que ela quis escapar. Até pensei em ir lá dentro, gritar. Pra quê? Por quê? O que ela queria era pau: sua alma, sua palma [...]. Saltou da janela para o quintal e lá se foi, com as duas mãos nas virilhas, descabaçada, violentada. (RIBEIRO, 1988, p. 419)

Cabaço é o nome popular dado à virgindade, ainda é comum nos deparar com discursos que supervaloriza o homem que tem relação sexual com uma virgem. O próprio Zeca afirma para sua esposa quando vê que ela era virgem: “Cabaço? Comi muitos demais, bem” (RIBEIRO, 1988, p. 132). Assim, Vazinha estava se tornando mais um troféu para o homem.

Outro ponto muito nítido é a naturalização do estupro. Nora, que foi quem viu a cena descrita, afirma que “ela quis escapar”, evidenciando que não havia consentimento para o sexo, mas ainda assim não acha ser motivo o suficiente para interromper o ato. Logo, Vazinha foi estuprada não só pela postura inadequada de Zeca, como também pela falta de empatia de Nora.

E como último ponto de sexualidade periférica dentro de *Migo*, o relacionamento que chama bastante atenção é o de Ageu e Nora. Por mais que o marido dela não seja, biologicamente, filho dele, a convivência se dava como se de fato o professor fosse sogro dela, justificando até mesmo o nome pelo qual ele a chamava. Além disso, era também assim que as pessoas que os cercavam viam, o que acaba por descartar a hipótese de ser possível um relacionamento amoroso entre Ageu e Nora.

Ela desde o início percebe que nos olhares do professor havia malícia – “[...] ele olha para as minhas duas testas, principalmente a de baixo, com olhos de rapaz tesudo” (RIBEIRO, 1988,

p. 208) – e com o tempo demonstra interesse também. Até que o sexo entre eles acontece, um relacionamento que certamente não seria bem visto, tanto pelo fato de Nora ser casada, quanto por Ageu ser o seu sogro. Zeca descobre o envolvimento dos dois, mas ao final do romance acaba morrendo assassinado em um suposto assalto, o que mais parece uma saída encontrada por Ageu e Nora para continuarem com as aventuras proibidas.

3.4 Eros e Tanatos

Nesse livro, encontramos mais uma das tantas facetas de Darcy Ribeiro. Trata-se de uma publicação póstuma, a qual reuniu uma série de poemas escritos já no final sua vida, quando enfrentou um câncer. Ao que parece, o próprio autor reconhecia ser multifacetário e queria assumir mais uma identidade, a de poeta, como bem deixou evidente em seu poema “Lanças”.

Pus uma lança na lua, bem cravada:
A de etnólogo, doutor de indianidades.

Uma segunda lança lancei. Lá está,
Trêmula, pregada na primeira: a de educador.

Outra lança, ousado, atirei, valha-me Deus,
acertou: a de político reformador.

Louco, mais uma lança atirei aos céus,
Querendo glória. Lá está vibrando: romancista sou.

Agora, temerário, essa quinta lança disparo
Para voar, querendo acertar: a de poeta.
(RIBEIRO, 1998, p. 21)

Darcy Ribeiro lança mão da poesia para falar de amor e morte, mas o amor abordado é extremamente erotizado, na verdade quase todos os poemas dessa temática acabam descrevendo alguma cena de sexo, exposta sem pudor. A leitura desses poemas ajuda ainda mais a compreender a escrita de Darcy Ribeiro, com exceção do poema “Forró” que parece trazer uma voz feminina, os demais sugerem ter como eu-lírico o próprio autor, por fazer referências ao tempo de exílio, ao irmão Mário e às cidades em que viveu.

O primeiro poema é denominado “Fagulhas de memória”, nele é possível ver uma tentativa do autor de lembrar várias experiências vividas, e assim ele inicia: “Rumino, incansável, a parca seiva da memória / Buscando gostos, cheiros, visões de outrora” (RIBEIRO,

1988, p. 9). Durante esse processo de rememoração, são diversas as vezes em que ele explicita uma situação em que há sexualidade periférica.

Nos versos “Aquela doida mulher que me quis amar nua, nuela, à luz / e escuridão da lua, no *campus* deserto / [...] A menina desvairada que queria e não queria me dar, mas/ quase me matou no metrô de Paris” (RIBEIRO, 1988, p. 13), e mais adiante em “A puta de Carutapera e eu, saindo da mata, depois de / meses de abstinência” (RIBEIRO, 1988, p. 17), podemos perceber como o sexo é praticado em lugares nada conservadores. No primeiro caso, ao falar do *campus*, o autor certamente se refere a algum espaço acadêmico, nos versos seguintes afirma ter praticado sexo no metrô e na mata, isso vai contra a ideia de que esse ato deva ser algo reservado à intimidade do lar. Além disso, vemos ainda a menção a uma “puta”, maneira bastante depreciativa de se referir a uma mulher, portanto o mais provável é que não seja um relacionamento legítimo, e sim alguém que ele buscou apenas para dar fim a sua abstinência sexual.

Ainda em “Fagulhas de memórias”, o autor traz um outro exemplo do que aqui tratamos como periférico – “Aquela virgem blindada, que copulava com o seu corpo / descomunal, menos ali” (RIBEIRO, 1988, p. 17). Ao afirmar que a virgem copulava, é fácil perceber que se trata da prática do sexo anal – uma vez que é muito comum o uso do termo “virgem” apenas para quem não praticou o coito vaginal – impossibilitando, portanto, de haver concepção e sendo, por isso mesmo, periférico. Temos ainda outro ponto bastante instigante nesse trecho, por mais que haja a prática de uma sexualidade periférica, possivelmente se trata de uma mulher que se preocupa com os costumes tradicionais, uma vez que tem a preocupação de se manter virgem. Esse ponto apenas ilustra que, de fato, o que preocupa muitos é o julgamento social, e não a quebra de regras em si.

Um dos poemas que também apresenta uma sexualidade que chama bastante atenção é “Luxúria”, transcrito a seguir:

Se você fosse minha irmã, maninha,
Que doces, puros, pecados pecaríamos?
Lá, debaixo do claro olhar de mamãe,
Brincando, só brincando com as tentações.

Abraços delicados, corpos em abandono.
No sofá, no tapete, no chão, na cama.
Carícias leves, sorrisos de encanto.
Desejos sem pecados, puros, angelicais.

Os pêlos dos seus púbis, eu veria, discreto.
Seus seios brotantes, virginais. Terríveis!

Seria o guardião zeloso de sua virtude,
Livrando você de todo vício e luxúria.

Livres, nós dois, das obscenidades da lascívia,
Das vertigens de orgasmo orgiáticos,
Cultivaríamos, castos, o pudor da sedução.
Êxtases e delírios, só nas fantasias loucas.

Você, meu amor, não quer ser minha irmã?
A irmãzinha bela, casta e querida
Que nunca tive. Nunca terei, gerada
Tenho em você, meu amor virginal.
(RIBEIRO, 1988, p. 67)

Já no título, encontramos a representação da sexualidade periférica. A luxúria não é uma prática social e moralmente bem vista, além disso há o peso do julgamento religioso, por ser vista como um dos sete pecados capitais. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “A luxúria é um desejo desordenado ou um gozo desregrado de prazer venéreo. O prazer sexual é moralmente desordenado quando procurado por si mesmo, isolado das finalidades da procriação e da união” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 608-609). Portanto, todo o sexo buscado pelo próprio prazer é considerado como luxúria.

Embora o poema não retrate uma consumação sexual, é possível vermos o desejo latente do eu-lírico para que isso aconteça, além disso o desejo é para que ocorresse um relacionamento incestuoso, como fica evidente no primeiro verso: “Se você fosse minha irmã, maninha”. Não é possível sabermos a idade do eu-lírico no momento desses desejos, mas é possível percebermos que a pessoa desejada ainda é uma criança, pois ao falar dos “seios brotantes” temos a ideia de que se trata de uma menina entrando na puberdade. Dessa forma, seja um desejo pedofílico ou uma atração de uma criança, é fato que temos a sexualidade periférica.

O que se percebe também é que o eu-lírico não vê os seus desejos como algo condenável, ou que se associasse à luxúria, até porque ele acredita ser sua função cuidar para que a irmã ficasse longe dessas ações tidas como pecado: “Livrando você de todo vício e luxúria. / Livres, nós dois, das obscenidades da lascívia” (RIBEIRO, 1988, p. 67). Assim, por mais que ele mencione o desejo das carícias, seria tudo “desejos sem pecados”, pois, apesar de tudo, continuariam castos, não haveria copulação. Tudo é encarado apenas como uma brincadeira entre irmãos, reforçando o que aqui já foi falado sobre as crianças utilizarem esses momentos de ludicidade para conhecerem a própria sexualidade.

Esse não é o único poema que sugere ter uma criança como objeto de desejo, em “Lembrança”, por exemplo, o eu-lírico fala de Lavinha, e assim a descreve: “Corpinho de

menina. / Anca de ai meu Deus” (RIBEIRO, 1988, p. 103). Dá para perceber como a menina foi sexualizada, os quadris dela eram, portanto, vistos de forma erótica.

Ao olharmos para os títulos de cada poema, além de “Luxúria” encontramos outros que compõem esse mesmo campo semântico sexual, sendo reforçado pela composição dos poemas. Assim, títulos como “Lassa”, “Concupiscência”, “Gozo” e “Piriquita” atribuem ainda mais a conotação sexual à produção poética de Darcy Ribeiro.

O primeiro título, “Lassa”, faz referência ao sentimento de cansaço e esgotamento que se dá após o sexo. Já no primeiro verso é possível ver o posicionamento do eu-lírico quanto ao desejo sexual – “Tesão – força que move a vida” (RIBEIRO, 1998, p. 71) – , assim, o sexo é colocado como algo essencial, mais uma vez sobrepondo o prazer qualquer outra função atribuída ao ato . Os versos seguintes transparecem a euforia causada no momento do sexo:

Ó supremo gozo de meter, possuir, penetrando,
na divina convulsão rítmica do coito.

Ficar lá dentro abismado, apertado.
Sentindo o grelo tremer de gozo.
(RIBEIRO, 1988, p. 71)

Temos, assim, uma cena descrita de extremo prazer, ambos estão utilizando aquele momento para uma satisfação pessoal, por isso, após todo o esforço físico para se saciarem, o ápice é alcançado e o corpo relaxa: “Vendo você se aquietar, lassa” (RIBEIRO, 1988, p.71”.

“Concupiscência” trata-se de cobiça, desejos sexuais latentes. Nesse poema, o eu-lírico fala o quanto queria uma determinada pessoa, que não fica claro se se trata de um homem ou de uma mulher. Ao afirmar “Se você me der seu passarim, / Te dou um amor taradim, taradim” (RIBEIRO, 1988, p. 83), podemos perceber que as intenções são unicamente sexuais, portanto, amor é tratado como sinônimo de desejo. Fica ainda mais evidente não se tratar de fato desse sentimento, quando ele afirma que seu amor é capaz de “[...] rasgar prega” (RIBEIRO, 1988, p. 83), isso nos faz pensar em um estupro, é como se o eu-lírico tivesse tão preocupado em satisfazer seus desejos que fosse capaz de forçar o coito.

“Gozo” é um poema pequeno de apenas seis versos, sendo os dois últimos capazes de trazer uma visão geral dele: “Abra-te toda, minha amada, quero te penetrar. / Meu gozo é te fazer gozar” (RIBEIRO, 1988, p. 109). Dessa forma, esse é mais um poema que traz o prazer como primazia do sexo, e não se trata apenas do prazer masculino que costuma ser bem mais aceito em um discurso conservador, mas fala também do prazer feminino, sendo até a satisfação dele condicionada à dela.

E, por fim, temos “Piriquita”, embora seja um poema mais discreto em relação aos outros aqui citados, por sugerir o sexo, mas não falar exatamente, o fato de o nome da menina ser Piriquita chama a atenção. Já é senso comum que esse é um dos nomes popularmente atribuídos à genitália feminina, então o que nesse poema temos uma mulher sendo reduzida à sua genitália. Ela aparecesse novamente no poema “Forró”, já aqui citado anteriormente, o único que parece ter um eu-lírico diferente, pois é Piriquita quem assume a voz.

Pus aquela saia acima do joelho, bem acima.
E fui assim, toda exibida, pro forró.
Que é que eu queria, gente? Pois é. Queria.
E tive, Deus meu. Não o pauzinho de Josias.

Queria tanto que ele me visse. Dançasse comigo.
Me levasse pro mato, me enganasse. Me comesse.
Josias nem foi ao forró. Malaquias foi.
Malaquias que me olha torto, desde menina.

Dançou comigo, é verdade, uma volta.
No meio da segunda, um bolero, desguiou.
Quando vi, tava sem calcinha, beijando ele.
Ainda sinto a bigodeira me roçando a cara.

Depois, foi aquele clarão. Não sei de nada.
Só ele me entrando e doendo, e eu gostando.
Aí ele gritou: – Vou arrombar suas pregas, Piriquita!
Arrombou. Voltei sem calça, manando sangue e porra.
(RIBEIRO, 1988, p. 129)

A sexualidade periférica perpassa por todo esse poema. Na primeira estrofe, vemos uma garota virgem indo a uma festa unicamente com a intenção de ter relações sexuais; na estrofe seguinte, ela esclarece que queria que acontecesse no mato, o que torna ainda menos convencional a sua postura. O sexo acabou sendo consumado com Malaquias, dá para ver que não eram nem namorados, apenas um homem que sempre a “olhou torto”, desejando-a. Por fim, durante a consumação do sexo, vemos que se trata de uma ação brutal, sem um prévio estímulo para que o seu corpo se preparasse. Ainda que seja comum haver resquícios de sangue em uma primeira relação sexual, o verbo utilizado é manar, o que sugere uma violação: “– Vou arrombar suas pregas, Piriquita! /Arrombou. Voltei sem calça, manando sangue e porra” (RIBEIRO, 1988, p. 129).

E assim é constituído *Eros e Tanatos*, vários poemas repletos de muito erotismo, retratando a sexualidade periférica em praticamente todos os que foram dedicados ao amor.

Vemos, portanto, que, embora seja uma nova faceta de Darcy Ribeiro, o poeta reafirma o discurso adotado pelo romancista no que diz respeito à sexualidade.

3.5 Confrontando *O Mulo* com as outras produções literárias

Ainda que não aconteça na mesma proporção, é possível identificar a presença da sexualidade periférica perpassando os quatro romances de Darcy Ribeiro e também na sua poesia. Acreditamos que *O Mulo* seja a escrita na qual esses traços mais se acentuam, e as demais produções parecem reafirmar a ideia de sexualidade consolidada no segundo romance.

O único tipo de sexualidade que não encontramos em *Maíra*, *Utopia selvagem*, *Migo*, porém está presente em *O Mulo*, é a zoofilia. Isso se deu, muito provavelmente, pelo fato de o ambiente retratado neste romance ser o meio rural, enquanto aqueles se dividem entre a realidade urbana e o meio indígena. No entanto, se levarmos em consideração os demais tipos de sexualidade que aqui expusemos, é possível ver uma regularidade na exposição dos romances, aparecendo em mais de um deles ou em todos.

Já em comparação com *Eros e Tanatos*, a aproximação é menor ainda. Por se tratar de poemas, não é possível vermos de forma tão minuciosa os diversos tipos de sexualidade que como foram explorados nos romances, mas, ainda assim, há pontos que se assemelham ao que encontramos em *O Mulo*, os quais serão apresentados mais adiante.

Em alguns momentos, não só a temática se assemelha. As palavras escolhidas para a descrição de algumas cenas de sexo, como até mesmo as ações que compõem tais cenas chegam, em alguns casos, a parecer uma alusão de um romance em relação ao outro. Essa é a descrição apresentada em *O Mulo*, expondo como era o sexo entre Philogônio e Ruana, a dona de uma pensão: “Fodia ali, levantando a saia e, por trás, metendo enquanto ela coava o café, sisuda, como se aquilo nem fosse com ela” (RIBEIRO, 2014, p. 243). O que chama bastante atenção é que essa cena praticamente se repete em *Migo*: “A hospedeira severa que coando café, me dava, fazendo de conta que não dava” (RIBEIRO, 1988, p. 143). Nas duas situações tratava-se de uma mulher que estava hospedando o homem, ambas coavam café enquanto fingiam ignorar o sexo. A proximidade das cenas é inquestionável.

Além disso, há também a escolha da expressão “três bocas” para expressar a prática do sexo oral e anal, além do coito ditado pela convenção. Sobre Emilinha, Philogônio afirma: “Em

Emilinha, o que gostava mais era de ficar horas entrando por todas as três bocas babadas, de babas minhas e delas” (RIBEIRO, 2014, p. 289). Em *Eros e Tanatos* também é falado de bocas babadas, “Bocas coladas, [...] / Babadas, meladas, sangrando sufocadas” (RIBEIRO, 1988, p. 69), um vocabulário muito semelhante ao visto em *O Mulo*. Em *Migo*, tanto na fala de Ageu se referindo a Bia – “Suas três bocas, tinham demais o que me dar e davam gozando demais [...]” (RIBEIRO, 1988, p. 129) – quanto na fala de Nora ao contar sobre como se sentia com Zeca – “Minhas três bocas, com ele, aprenderam a estufar, melar” (RIBEIRO, 1988, p. 132) –, essa expressão aparece.

A semelhança com *O Mulo* indiscutivelmente aparece em maior medida em *Migo*, o que não quer dizer que se restringe a ele. Philogônio, ao falar das garotas que chegavam para trabalhar na fazenda, não esconde que acaba se envolvendo sexualmente com algumas. Ao se referir a Lica, afirmou: “Se pôs em estado, com a ajuda das minhas mãos, esfregando os peitinhos nascentes dela” (RIBEIRO, 2014, p. 181). Esse é justamente o mesmo pensamento adotado pelos índios que compõem o romance *Maíra*, inclusive parecia ser um medo coletivo feminino não ter um homem que a ajudasse a se tornar uma mulher: “Veja, essas meninas estão secas, descarnadas. Menina cresce, engrossa, é na mão dos homens. Mão de homem no peito delas é que faz os seios crescerem para dar leite” (RIBEIRO, 1979, p. 240).

Ao pensarmos na sexualidade dos padres, dentre os romances apenas em *Utopia selvagem* não se fala sobre o assunto. O que aparenta é que Darcy Ribeiro tinha convicção de como em muitos casos os atos não condizem com o discurso, por mais que exista um voto destes para a vida celibatária. Assim, em *O Mulo* nos é falado do pai de Inhá, que era padre e tinha várias mulheres e filhos, todos os acompanhando pelas procissões nas ruas; em *Maíra* padre Vecchio expõe o fato de já ter ejaculado durante a celebração de uma missa e em *Migo* há o caso amoroso entre Guedes e o padre Lélío. Apesar de não mostrar a sexualidade de um padre em *Utopia selvagem*, Tivi, que é uma monja, envolve-se com um pajé, não deixando de ser também uma sexualidade periférica por desvio de votos religiosos.

O que vemos de semelhante também é o pensamento falocêntrico, Philogônio considera o pênis como um órgão de extremo poder – “Coisa bem-feita é pau de homem. Mole, é um saco vazio, molambento. Intumescido, enrijado, comanda o mundo” (RIBEIRO, 2014, p. 282) – e em *Eros e Tanatos* o eu-lírico assume a mesma postura, chegando a considerar o pênis como algo sagrado – “Oh! Amar você com meu santo / Sacrossanto pau de amar” (RIBEIRO, 1988, p. 78).

Assim como Philôgonio acreditava que a mulher esposa deveria ter uma postura recatada na cama, reservando as experiências mais ousadas para aquelas consideradas por ele como puta, o eu-lírico de *Eros e Tanatos* também acredita que a esposa é uma figura mais apática ao sexo. No poema “Paradoxo”, ele inicia falando de um problema de ereção, assim como Philogônio também teve – “Transmutou-se em epílogo: broxei” (RIBEIRO, 1988, p. 123). Porém, o que mais surpreende é o desfecho do poema:

Triste, sem estridência, ela sorriu.
– Vem, meu bem, te quero tanto!
Vi, então, que seu querer
Era tão-só um bem-querer,
Sem tesão, nem ilusão: casei.

Ou seja, o fato de a mulher o aceitar sem ereção foi o motivo que o fez pensar em casamento, é como se coubesse à esposa o papel de companheira para a vida, mas não necessariamente uma companheira sexual.

Portanto, o que vemos em todas as produções literárias de Darcy Ribeiro é uma insistência na abordagem da sexualidade periférica. É constante narrar sobre o adultério, a homossexualidade, a sexualidade das crianças, a pedofilia, dentre outras tantas práticas sexuais que fogem à convenção. Assim, o que percebemos é que essa discussão se tornou um traço comum entre todos os romances e também na poesia, mostrando que as regras socialmente estabelecidas possuem divergências entre um lugar e outro além de que sempre haverá alguém para transgredi-las.

3.6 – A escrita de Philogônio é, também, a escrita de Darcy Ribeiro?

Foi após a leitura de *O Mulo*, e a constatação de um discurso tão insistente relacionado à sexualidade periférica, que buscamos verificar se esse traço também era algo marcante nos outros romances e na poesia de Darcy Ribeiro, o que foi confirmado. Para tanto, não nos apoiamos na teoria do campo da Análise do discurso, o que pode ser feito em um outro momento em futuras pesquisas, mas ainda assim buscamos compreender ou ao menos instigar a reflexão quanto a essa marca que constatamos ser recorrente na escrita literária de Darcy Ribeiro.

Em *Corpos que falam*, de Judith Butler (1999), a autora levanta uma série de perguntas que tomaremos como base a nossa discussão.

Em que medida o discurso adquire a autoridade para produzir o que nomeia através da citação das convenções da autoridade? E um sujeito aparece como autor de seus efeitos discursivos na medida em que a prática citacional pela qual ele ou ela é condicionado e mobilizado permanece não-marcada? Poderia ocorrer, na verdade, que a produção do sujeito como capaz de dar origem a seus efeitos é precisamente uma consequência dessa citacionalidade dissimulada? Além disso, se o sujeito vem a existir através de uma sujeição às normas do sexo, uma sujeição que exige uma assunção das normas do sexo, podemos ler aquela assunção como precisamente uma modalidade desse tipo de citacionalidade? Em outras palavras, a norma do sexo assume o controle na medida em que ela é citada como uma tal norma, mas ela também deriva seu poder através das citações que ela impõe. (BUTLER, 1999)

A primeira colocação é sobre a autoridade adquirida para a produção do discurso, no caso, esse discurso que tanto explora a sexualidade. Logo no início do romance *O Mulo*, vemos que Philogônio tenta apresentar maneiras de tornar válido tudo aquilo que irá relatar para o leitor, o que o dá a liberdade de falar sobre diversos assuntos sem que houvesse em algum momento dúvida ou julgamento de suas atitudes. O primeiro ponto é apresentar tudo em forma de confissão – “Esse escrito de meu punho e letra é minha confissão e testamento” (RIBEIRO, 2014, p. 13) –, o que não chega de fato a tornar o narrador como uma pessoa com autoridade no que fala, mas que faz com que seja prontamente ouvido e pouco questionado, uma vez que a confissão é vista como uma forma de exposição daquilo que, de fato, aconteceu.

O segundo ponto é a maneira como ele se apresenta, fica clara a sua posição social logo nas primeiras páginas da narrativa, trata-se de um homem rico e essas duas características são fundamentais para que seu discurso adquirisse autoridade, pelo menos do ponto de vista do próprio Philogônio. Isso pode ter sido uma maneira para que desse credibilidade a tudo que posteriormente foi contado:

Lego ao senhor, meu confessor, e lego para todo o sempre, essa minha Fazenda dos Laranjos com a casona onde agora escrevo; com seus 3.272 alqueires goianos de terras; suas 5.343 cabeças de gado azebuado; sua cavalhada de cria e de serviço, com todas as benfeitorias que nela acham: de porteira fechada (RIBEIRO, 2014, p. 13).

Isso é o suficiente para que o discurso adquira autoridade naquilo que nomeia, ou seja, todas as experiências narradas na confissão serão tidas, ao menos do ponto de vista de Philogônio, como verídicas e necessárias.

No entanto, o discurso de autoridade vai para além do narrador-personagem de *O Mulo*, uma vez que os quatro romances e a poesia, ainda que escritos em períodos distintos, aparentam reforçar a mesma ideia de que a sexualidade periférica é constantemente praticada, sendo

considerada periférica apenas por uma questão de convenção. Dessa forma, a preocupação de narrar tantas maneiras de sexualidade periférica vai além da escrita de Philogônio, apenas.

Em *Migo*, também há um narrador-personagem, homem, escrevendo sobre a sua vida – “Mas o que é mesmo? É um diário ou é um romance? Estaria eu possesso dele, necessitando vomitá-lo do meu inconsciente?” (RIBEIRO, 1988, p. 19). O fato de ele tratar a escrita como um diário se assemelha muito à confissão escrita em *O Mulo*, isso faz com que o leitor veja o discurso sem muita desconfiança, pois em um diário costuma-se ser sincero. E esse homem que narra, professor universitário, acaba tendo a sua própria imagem fundida com a de Darcy Ribeiro, sem que haja uma demarcação clara, ora vemos Ageu ora vemos Darcy, o que acaba sendo um recurso extremamente eficaz para que todo o discurso utilizado ganhe autoridade. O leitor, mesmo estando diante de um livro declaradamente de ficção, pode tomar como verdade muita coisa que foi exposta na narração.

Em um dos momentos em que a voz do narrador é a de Darcy Ribeiro, e não a de Ageu, ele afirma: “[...] será uma autobiografia inventada, de mentira. Nem tanto, porque mesmo quando falso terá de ser ajustar a mim [...]” (RIBEIRO, 1988, p. 13). Depois, no capítulo “Vejo”, após a descrição de várias lembranças, Ageu afirma: “Isso é rememoração dele. Não tem nada a ver comigo. Sacana” (RIBEIRO, 1988, p. 293). Esses aspectos fazem, portanto, que a narrativa em *Migo* seja associada à vida de Darcy Ribeiro.

No entanto, essa presença tão visível de Darcy Ribeiro dentro da escrita não se restringe a *Migo*, que claramente foi apresentada como uma autobiografia inventada, nos outros romances, de maneiras diferentes, também é possível encontrarmos o autor. Em relação a *O Mulo*, Wanderlino Arruda afirma “O MULO é Darcy e é Mário Ribeiro, inconsequentes e perseverantes, sempre determinados” (ARRUDA, 2009), mostrando como características de Darcy Ribeiro são vistas na personagem. Arruda chega a afirmar isso também em outros momentos, sempre reforçando as similaridades vistas por ele:

No “Mulo”, Darcy é muito ele mesmo também, deixando aqui e ali em toda a obra pinceladas de irreverência, quando indiretamente fala do próprio câncer que lhe tomou um pulmão, de apelidos do seu tempo de criança e de rapaz, de definições que dá para a gente chamada povo (“só quer folgar e parir”) e para cidade (“o que me arrelia, é estar sozinho. Nas cidades quando lá fui e vivi, estive sempre só, só no meio do povaréu, como um traste que ninguém vê, nem quer ver”) (ARRUDA, 2014).

Em *Eros e Tanatos* também conseguimos ver a voz do próprio Darcy Ribeiro como eu-lírico, além de ficar claro no poema “Lanças”, que aqui já foi apresentado, tem o fato de seus

poemas fazerem referência a muitos acontecimentos de sua vida. Ao afirmar “Saudades de minha bruta gente do romance-confissão, / escrito para revoltar mas que só comoveu” (RIBEIRO, 1988, p. 11), o eu-lírico, de forma clara, está se referindo a *O Mulo*, uma vez que o próprio autor já afirmou ter retratado ali a sua gente. Há ainda uma referência ao irmão – “Mário, meu irmão, alto e espinhento” (RIBEIRO, 1988, p. 29) – ao tempo que viveu exilado – “Não estava lá por livre escolha minha. / Estava proscrito, exilado” (RIBEIRO, 1988, p. 49) – além de diversas outras colocações que levam o leitor a imaginar os poemas como autobiográficos.

Considerando *Maíra* e *Utopia Selvagem*, a autoridade do discurso não se dá mais em relação aos narradores, que não são personagens da trama, mas sim pela autoridade que já é tida pelo autor. Sabendo da formação de Darcy Ribeiro e da experiência vivida por ele na Amazônia, o leitor não cogita questionar o que foi apontado como vivência naquele ambiente, por mais que se trate de livros de ficção. Dessa forma, em *Maíra* e em *Utopia Selvagem* vemos cenários indígenas apresentados em terceira pessoa, o que faz com que, facilmente, o leitor associe a voz de quem narra à própria voz de Darcy Ribeiro.

Por fim, é o próprio Darcy Ribeiro que confirma:

Em *Maíra* retomo minhas vivências de jovem etnólogo, nos muitos anos de grato convívio que tive com os índios, pelos matos do Brasil. Em *O Mulo* recordo minha gente sertaneja, meus tios e avós, fazendeirões rudes, gastadores de gente. *Utopia Selvagem* é o livro de minhas leituras e de minhas preocupações espirituais maiores, que ali, brincando, brincando, consigo expressar de forma talvez mais clara que em outras obras. *Migo* é minha autobiografia inventada, uma vida que eu até poderia ter vivido se tivesse publicado *Lapa Grande* e ficado em Minas. (RIBEIRO, 1991, p. 234)

Essa constatação de que em todos os escritos literários têm muito de Darcy Ribeiro nos faz perceber que uma mesma faceta foi adotada durante a produção de cada um. Logicamente não afirmamos se tratar da biografia do autor, mas sim que na condição de escritor literário a postura é sempre a mesma, uma mesma persona. Assim, esse escritor buscou explorar, de alguma maneira, a sexualidade periférica em suas produções, sempre reafirmando a prática constante do que não é visto como regra.

Outro ponto mencionado por Butler, além do discurso de autoridade, é a citacionalidade. Para que haja um melhor entendimento do que se trata tal termo, é necessário compreender a visão da autora acerca de sexo e as normas que o envolvem. Segundo Butler, as práticas sexuais

são puramente normativas, o que significa que o sexo está envolto em um conjunto de convenções que levou ao que a autora chama de imperativo heterossexual.

Esse conjunto de regras vai fazer com que surja uma necessidade de domínio de abjeção, ou seja, as práticas sexuais que não pertencem às normas serão veementemente negadas de modo que não se assuma quando houver uma identificação com elas. Isso tudo será, portanto, consequência da citacionalidade, “[...] pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 1999).

O que se percebe, portanto, é que enquanto as normas do sexo foram nomeadas por um discurso persistente que visou à distinção entre o aceitável e o abjeto, as produções literárias de Darcy Ribeiro usam essa mesma estratégia para fazer o movimento inverso. Essa necessidade de constantemente reafirmar como as sexualidades periféricas são praticadas em diferentes cenários – o meio rural, o meio urbano e o meio indígena – pode ser considerada uma tentativa de buscar o poder da citacionalidade, evidenciando se tratar de uma ação que não é regra apenas no discurso, mas que pode facilmente ser considerada regra se levarmos em conta a prática.

Assim, a escrita dos romances de Darcy Ribeiro lança mão do impacto que um discurso provoca, bem como da força assumida por algo que é nomeado. Por isso mesmo, o que visualizamos durante as narrativas é essa tentativa de nomear o indizível, naturalizar práticas recorrentes, mas, ainda assim, negadas. São diversos os trechos que nos confirmam isso, os vocabulários adotados para a escrita dos romances e da poesia não se diferem muito, o que aparenta ser o ato de dar nome.

Um dos pontos que se destacam é o uso dos verbos “comer” e “dar” para se referir à relação sexual, verbos estes que exploramos melhor no capítulo anterior. O que chama a atenção são as várias ocorrências em que o homem é apresentado como o “comido”, Philogônio afirma: “se virou, me meteu e me comeu” (RIBEIRO, 2014, p. 263); Ageu também comenta: “Quando enrijei, me lambeu, me comeu” (RIBEIRO, 1988, p. 36); Alma, em *Maíra*, afirma em relação a Elias “[...] se ele pedisse, eu comia ele” (RIBEIRO, 1973, p.140); em *Utopia Selvagem*, Pitum constata: “em lugar de comer, eu estava sendo comido” (RIBEIRO, 1982, p. 28); em *Eros e Tanatos* temos no poema “Glória”: “Aí você monte, se vira, gira meu parafuso, me come” (RIBEIRO, 1988, p. 99).

E isso vai bem além, são diversos os nomes usados que são comuns às produções, termos que facilmente poderiam ser considerados chulos parecem ser propositalmente escolhidos para compor o vocabulário, tais como racha, grelo, pentelho, pau, puta, fodeção, esfolar, meter, pica,

trepar, punheta, gozo, dentre diversas outras expressões que estão dentro desse mesmo campo semântico.

Sendo assim, retomando o trecho final da citação de Butler aqui já exposta, “[...] a norma do sexo assume o controle na medida em que ela é citada como uma tal norma” (BUTLER, 1999), no caso, a citação da sexualidade periférica, demarcando-a em todos os romances e na poesia, faz com que ela, de certa maneira, seja uma norma. A intenção, portanto, é de que a não convenção assumisse o controle nessas narrativas, de tanto serem mencionadas.

Por mais que possamos considerar tênues os limites discursivos dos romances de Darcy Ribeiro, o discurso em *O Mulo* requer uma análise em específico, não somente por ser o objeto principal de estudo dessa pesquisa, mas também por apresentar uma particularidade em relação aos demais. Em *Maíra* e em *Utopia selvagem*, encontramos um narrador em terceira pessoa, portanto, não temos informações sobre quem narra. Em *Migo* o narrador é em primeira pessoa e temos acesso a várias características dele, no entanto, como anteriormente já afirmado, existem capítulos em que a voz o narrador muda, e as próprias personagens vão relatando suas experiências, o que faz com que o sexo seja apresentado de diversos pontos de vista. Em *Eros e Tanatos* a voz do eu-lírico também altera em um dado momento, da mesma forma que acontece em *Migo*. Somente em *O Mulo*, então, é que temos uma narrativa feita inteiramente em primeira pessoa, e isso não pode ser desconsiderado ao analisar o enredo.

Esse aspecto nos leva a questionar o porquê de Philogônio ter deixado a sexualidade como o centro de sua confissão. Por mais que diversos outros assuntos sejam tratados, é nítida a evidência que se dá ao sexo. O primeiro ponto a ser considerado é o fato de se tratar de uma visão masculina sobre a questão, sendo, ainda mais, um homem coronel.

Nas primeiras páginas da narrativa, Philogônio evidencia uma postura de superioridade, “De todas essas pessoas e de cada uma delas, hei de falar ou escrever aqui, seu padre, em tom de confissão de pecados ou de virtudes que com elas ou por elas cometi. Além de minhas mulheres de que também falarei [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 19). Portanto, por mais que se trate de uma confissão, o narrador-personagem não expõe apenas o que considera inadequado, o sexo, por exemplo, em quase todas as vezes é apontado como uma virtude, com uma exceção da masturbação que ele afirma ser um vício que lhe causava sentimento de culpa, mas somente durante a infância.

Pensando por esse lado, podemos afirmar que a necessidade de narrar tantos casos sexuais pode ser uma forma de autopromoção, uma vez que faz parte do estereótipo masculino conservador a postura não só de sexualmente ativo, como também a de alguém que teve

diversos parceiros sexuais. É isso que Philogônio deixa claro na confissão ao afirmar que falará de “suas mulheres”, evidenciando tanto o fato de ter sido várias quanto o sentimento de posse sobre elas.

Valéria Silvana Faganello Madureira (2005) usa a expressão “masculinidade hegemônica” para se referir ao padrão que foi criado em torno da sexualidade masculina. Para ela, esse tipo de masculinidade

[...] é de homens brancos, de classe média, de adultos jovens, heterossexuais; além disso, é ativa, rude, agressiva e dominante, o que estabelece um modelo para outros homens, a partir do qual são avaliados e medidos [...] uma masculinidade hegemônica e diz que a supervalorização do sexo genital e da penetração, a escassa expressão de sentimentos, a tendência a evitar o compromisso afetivo e a despreocupação com gravidez são algumas das condutas que se tenta relacionar com esse modelo, em especial com a necessidade de ser forte e de sentir-se poderoso. (MADUREIRA, 2005, p. 51)

Essas descrições muito se aproximam da imagem de Philogônio. Embora não seja exatamente um homem branco – “Mestiço sou. Calculo que oitavão, quer dizer, uns sete avós brancos e índios para um negro. Provavelmente uma negra. Sou de raça misturada, híbrida [...]” (RIBEIRO, 2014, p. 209) – ele possuía o status de um, uma vez que era autoridade, possuindo voz de mando. O próprio Darcy Ribeiro, em *O povo brasileiro*, fala sobre o negro que é visto como branco: “[...] uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos [...] serem tidos como brancos” (RIBEIRO, 2006, p. 206-207).

A segunda característica apontada é o fato de a masculinidade hegemônica ser relacionada a “adultos jovens”, isso pode explicar o fato de Philogônio estar sempre lembrando as experiências sexuais já vividas, e não narrando alguma que estivesse vivendo no momento da confissão. O que parece é haver uma necessidade de afirmar que já foi viril, uma vez que se encontrava velho e doente. Assim, ele até admite não possuir mais tanto vigor sexual como antes, mas sempre deixando claro ser apenas um resultado da idade.

Mesmo quando afirmou não ter tido ereção quando tentou manter uma relação sexual com Maria Rosa, o discurso foi esse: “Broxura é demasia de desejo escaldando no peito, explodindo na cabeça. Mata a tesão que não desce pra esquentar a moleza das partes que deviam estar mais afogueadas” (RIBEIRO, 2014, p. 322). Assim, ele procura sugerir que a idade atingiu a sua capacidade de ereção, mas não a de sentir desejo, para Philogônio era importante destacar que sua sexualidade não estava inteiramente comprometida.

Outro aspecto nessa questão é o que ele afirma que pode ser responsável pela falta de desempenho sexual do homem: “Nada se compara ao fracasso do macho fodedor. Não tanto por vergonha diante da mulher querida. Ela mesma há de suspeitar que talvez tenha culpa no falimento de seu homem” (RIBEIRO, 2014, p. 322). Philogônio acredita tanto que o sexo é uma característica intrinsecamente masculina, por isso utiliza o termo “macho fodedor”, que aponta a mulher como uma possível responsável pela falta de ereção. Isso reforça, ainda mais, características da hegemonia masculina, visto que uma “falha” do homem é tida apenas como uma consequência de uma falha da mulher.

Por fim, Madureira falou da supervalorização do sexo genital, da falta de sentimentos, do ser rude. Philogônio é a verdadeira personificação de todas essas características, são poucas as experiências sexuais que ele conta ter tido com alguém por quem de fato nutria um sentimento amoroso. A cena descrita em que mantém relação sexual com Ruana, enquanto ela coava o café, mostra essa visão rude do sexo, sem a necessidade de trocas de carícias, o sexo apenas como coito.

Muitas dessas posturas adotadas pela personagem central está intimamente ligada à ideia de Freud de uma sociedade falocêntrica, teoria da psicanálise que aqui não cabe aprofundar, mas que é justificável esclarecer do que se trata, ainda que brevemente. Segundo o estudioso, o desenvolvimento inicial da libido em um ser humano se dá na fase fálica, momento em que as crianças dividem as pessoas em aqueles que possuem o falo e aqueles que não o possuem. Ainda que haja a discussão de que o falo não seja exatamente o pênis, é nítido como é feito o contraponto entre homens e mulheres: “Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem a visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria” (FREUD, 1996, p. 103). Dessa maneira, a mulher é apresentada como uma oposição, em vez de ser vista como um ser que possui característica própria, é apresentada como a que tem ausência do falo.

Beauvoir também fala sobre o falocentrismo, segundo ela um dos fatos que deixam isso bastante evidente é a maneira como o sexo é visto por muitos: “O coito tem um objetivo fisiológico preciso: pela ejaculação o macho descarrega as secreções que lhe pesam; depois do ato ele alcança um alívio que se acompanha sempre de prazer” (BEAUVOIR, 1967, p. 110). Dessa maneira, tudo acontece em prol de o homem conseguir a sua ejaculação, o que acaba resultando em um ato sexual que gera prazer apenas para ele.

Assim, todas as particularidades femininas são por vezes ignoradas. Para a autora, no momento do sexo muitas vezes o foco é apenas na vagina, não levando em conta o fato de a

mulher possuir um órgão exclusivamente para o prazer, o clitóris: “o espasmo clitoridiano é, como o orgasmo do homem, uma espécie de detumescência obtida de maneira quase mecânica; mas só indiretamente se acha ligado ao coito normal, não desempenha nenhum papel na procriação” (BEAUVOIR, 1967, p.110).

Isso nos leva à conclusão de que o falo não é uma característica exclusivamente masculina, a mulher não só o tem, como ainda o utiliza com o objetivo bastante específico de obter satisfação sexual. O que houve, na verdade, foi uma difusão dessa falsa ideia e uma supervalorização da figura do homem, resultando em costumes machistas que até hoje ainda são dogmáticos.

Philogônio apresenta uma escrita que gira em torno do falo. Muitas de suas ações são naturalmente aceitas, ou ao menos ele espera que seja, por se tratar de uma narrativa conduzida por um homem. A posição que ocupa o deixa confortável para contar os feitos sexuais com mulheres, bichos, crianças, e com qualquer outro que o despertasse interesse, pois se vê como um “macho fodedor” cumprindo a sua sina.

E é justamente pela presença do falo que ele já se sentia autossuficiente, as mulheres com quem se envolveu foram apenas casos sem muito compromisso, com exceção de sua esposa, porém havia ali um interesse financeiro, como já disposto no capítulo anterior.

Todas aquelas donas, com exceção de siá Mia que era uma santa, eu encontrei furadas ou tomei de alguém que não tinha força para segurar mulher. Como todas eram novas e tesudas, corri o risco de, com o conforto de ter uma delas aqui me cuidando, ter também uma galharia chifruda em cima da testa, o que me daria uma tristeza sem fim. Melhor é estar só. (RIBEIRO, 2014, p. 25)

Assim sendo, é possível percebermos que a sexualidade periférica em *O Mulo* foi apresentada sob uma perspectiva bastante específica, que é o olhar de um homem, coronel e idoso. Toda a percepção que temos, até mesmo a visão em torno das mulheres que aqui foi explorada no capítulo 2, é com base nesse ponto de vista, o que pode significar que não podemos ter a certeza de que a verdade está sendo apresentada em sua totalidade. Tanto pode haver omissão dos fatos, por estratégia ou por consequência da memória, que pode não armazenar algumas informações, quanto pode haver invenção, com o intuito de construir a imagem que achar mais conveniente de si mesmo. Ou seja, Philogônio pode ter desejado ser visto como um homem que dominava todas as situações, desde seus relacionamentos sexuais até sua vida pública como um coronel conhecido.

Adotando um olhar mais amplo e pensando na escrita de *O Mulo* feita por Darcy Ribeiro, e não na escrita da confissão feita por Philogônio, conseguimos constatar que esta segue a mesma postura adotada nos outros três romances e na poesia. A constância na representação das sexualidades periféricas evidencia que muitas vezes esse assunto é rotulado como periférico, mas ocupa o centro das práticas. Assim, da mesma maneira que as regras são estipuladas pelo discurso, é possível inverter o caminho e romper com convenções existentes através também do discurso. A reafirmação de que uma prática é corriqueira pode contribuir para que haja, em algum momento, a sua aceitação.

De maneira alternada, foram publicados romances que falavam de um “eu” – *O Mulo* e *Migo* – e romances que abordavam o outro – *Maíra* e *Utopia Selvagem* –, mostrando em diferentes perspectivas um mesmo pensamento em torno da sexualidade. Se, por um lado, o leitor pode ter uma visão limitada em torno da sexualidade lendo *O Mulo*, por ser narrado por um homem, essa visão se expande ao ler *Migo*, que apresenta vozes femininas tratando com a mesma naturalidade sobre o assunto. Os outros dois romances também têm muito a agregar, já que mostra que aquilo visto como periférico para uma comunidade pode não ser para outra, o que não quer dizer que toda comunidade não possua suas próprias regras e definições do que seria uma sexualidade periférica.

Após todas as constatações aqui já feitas, é possível concluir, assim, que uma leitura conjunta da obra de Darcy Ribeiro é bastante significativa. Por mais que cada romance tenha algo a agregar de maneira isolada, é na leitura de um todo que o leitor tem acesso ao olhar do Darcy Ribeiro escritor. Logicamente estamos aqui nos referindo de maneira específica aos traços da sexualidade periférica apresentada nos romances e na poesia, não impedindo de observar outros aspectos em comum nessas narrativas, o que requereria uma pesquisa mais específica para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim que tivemos o primeiro contato com *O Mulo*, a maneira como a sexualidade foi tratada durante todo o romance despertou muito a nossa atenção. O fato é que não se tratava apenas de casos sexuais convencionais, mas sim de diferentes tipos de experiências vivenciadas pelas personagens que nos levaram a associá-las ao que Foucault chamou de sexualidade periférica.

Partindo disso, elaboramos o questionamento que foi apresentado no início deste trabalho: há, em *O Mulo*, uma tentativa de naturalizar as relações sexuais consideradas promíscuas em um ambiente conservador? Após todo o processo desta pesquisa, podemos afirmar que, de fato, Darcy Ribeiro lançou mão desse tipo de sexualidade para ser um recurso de sua narrativa, abordando a temática de maneira tão constante de modo a fazer com que o leitor não estranhasse mais quando alguma sexualidade periférica fosse mencionada. Os pequenos detalhes – como o nome Philogônio, por exemplo – validam ainda mais a ideia de não ter sido por um acaso as escolhas do autor.

Em relação aos objetivos específicos que nos propusemos a alcançar, buscamos associá-los aos capítulos. Assim, no primeiro capítulo o foco foi em nosso primeiro objetivo específico traçado – Conceituar sexualidade periférica, apontando suas ocorrências dentro da obra *O Mulo*. Muitos conceitos foram apresentados, uma vez que a sexualidade é uma temática bastante explorada, por isso mesmo vimos a necessidade de esclarecermos o motivo que nos levou a escolher o termo “periférico” em meio a tantos outros empregados com o mesmo valor.

Constatamos, nesse primeiro capítulo, como a narrativa em *O Mulo* aborda de maneira insistente as sexualidades periféricas, e não se trata de uma ou duas práticas apresentadas repetidamente, mas sim vários atos sexuais que fogem da convenção: há a sexualidade das crianças e como elas associam o momento lúdico à descoberta; a masturbação como uma prática corriqueira de Philogônio que se estende da infância à velhice; a zoofilia com uma jumenta e um pato; a pedofilia no envolvimento do coronel com Lica; o estupro sofrido por Calu e ainda assim ela permanece como empregada de quem a violentou; a homossexualidade no relacionamento entre Trem e seus amigos Joca e Zabelê, além dos casos que aconteceram no quartel; o sexo anal praticado com Beu, pois ela não queria engravidar; o sexo oral que Emilinha praticava em Philogônio; o envolvimento sexual de um padre, a ponto de ter vários filhos; dentre diversas ocorrências que são massivamente exploradas.

O segundo objetivo específico – analisar a sexualidade periférica nas personagens femininas dentro do romance – foi alcançado no segundo capítulo. Embora já tenha ficado evidente que a sexualidade periférica acontece durante toda a narrativa de *O Mulo* e com personagens femininas e masculinas, vimos a necessidade dessa análise de maneira mais específica, pois, levando em conta fatores históricos, as mulheres sempre foram mais julgadas que os homens, sendo renegado a elas, muitas vezes, o direito até mesmo de sentir prazer. Outro motivo que nos levou a isso foi exatamente o fato de haver um homem narrando a história, situado em um ambiente considerado patriarcal, por isso acreditamos que essa fosse uma análise que nos traria muitas informações importantes, como de fato foi.

O contraponto que criamos entre Calu, siá Mia em relação às outras personagens femininas foi crucial para que compreendêssemos a maneira como as mulheres foram tratadas dentro da narração de Philogônio. O fato de as duas mulheres que eram virgens até se envolverem com o coronel permanecerem com ele durante toda a vida, espantosamente até mesmo a que foi estuprada, leva-nos a dimensionar como o sexo acabou sendo utilizado para exercer domínio sobre outra pessoa. Assim, a partir do ato sexual é como se elas passassem a ser propriedades daquele homem.

Foi também instigante notarmos que houve um tratamento diferenciado entre Calu e siá Mia, por mais que se tratasse de duas mulheres virgens, não deixou de ser levado em conta as características delas: a primeira era negra e pobre; a segunda, mulher rica e “morena cor de telha”. Consequentemente, Calu se tornou a empregada e siá Mia a esposa, mas ambas sempre sob o domínio do coronel.

Às mulheres que não eram virgens, os mais diversos tipos de sexualidade periférica foram praticados, mas nenhuma permaneceu com Philogônio por muito tempo. Esse ponto apenas reforça um comportamento social muito comum, as sexualidades periféricas são amplamente praticadas, mas o julgamento maior é feito àquelas mulheres que estão envolvidas nisso. Os homens, normalmente, saem ilesos desse julgamento.

Por fim, foi no terceiro capítulo que buscamos o nosso terceiro objetivo específico - confrontar a sexualidade em *O Mulo* com a exposta nos outros romances do autor, a fim de buscar uma possível proximidade. Assim fizemos a leitura do segundo romance de Darcy Ribeiro, e começamos as primeiras análises, surgiu o pensamento de que essa insistente abordagem acerca da sexualidade periférica poderia ser não só uma marca da escrita de Philogônio, já que se trata de uma carta feita por ele, mas sim uma marca da escrita do próprio

Darcy Ribeiro. Foi isso que nos levou a leitura de *Maíra, Utopia selvagem, Migo e Eros e Tanatos*.

Notamos que, em todas essas produções, houve uma insistência quanto à abordagem desse assunto e que, aparentemente, houve uma tentativa de normalizar aquilo que é sempre deixado à margem. De todas as produções literárias de Darcy Ribeiro, *O Mulo* é a que mais explora as sexualidades periféricas, as experiências sexuais de Philogônio acaba por servir de pano de fundo para as outras histórias que aparecem no romance. Isso não quer dizer que esse ponto não aparece nos outros romances e na poesia, inegavelmente essa é uma característica da escrita de Darcy Ribeiro.

Assim, findamos esta pesquisa, mas sem nenhuma pretensão de considerá-la totalmente acabada. Ainda que tenhamos buscado explorar os outros três romances de Darcy Ribeiro além de *O Mulo* e ainda fazer uma análise dos seus poemas, temos consciência de que isso se deu de maneira superficial, uma vez que o foco já estava bem definido dentro de uma obra. Dessa maneira, várias possibilidades ficam em aberto para que a sexualidade periférica seja pesquisada mais afundo em *Maíra, Utopia Selvagem, Migo e Eros e Tanatos*.

Em relação à poesia de Darcy Ribeiro, por exemplo, muito ainda pode ser feito, uma vez que análise de poemas requerer um olhar mais específico do que foi dado aqui, por ser um gênero textual diferente do romance. Os poemas de Darcy Ribeiro foram pouco difundidos, o que traria uma grande relevância para um trabalho realizado mais especificamente dedicado a essa publicação póstuma.

Mesmo em relação a *O Mulo*, para o qual dedicamos maior atenção nesta pesquisa, é possível levantar alguns pontos que carecem de um estudo. O principal, talvez, seja em relação aos diversos sonhos que Philogônio narra para o leitor, sonhos esses aparentemente estranhos, mas que podem ter significados que contribuiriam ainda mais para a compreensão geral da narrativa. Ao falar que sonhou com uma galinha sem cabeça e que tinha um pênis no lugar do pescoço, ou até mesmo que um outro sonho onde ele mantinha relação sexual com uma ave branca que muito se parecia com uma mulher, Philogônio pode estar revelando ainda mais ao leitor alguma característica bastante específica sobre a sua sexualidade, por isso seria esse um elemento interessante para o desenvolvimento de uma próxima pesquisa sobre esse romance.

Dessa forma, acreditamos que todos os objetivos traçados aqui inicialmente foram cumpridos, levando-nos à confirmação de nossa hipótese inicial de que o enredo exposto em *O Mulo* explora as sexualidades não convencionais – sexualidade periférica – nas relações das personagens, sendo essa obra uma extensão das outras. Para além do que havia sido proposto,

é possível afirmar, ainda, que nossa pesquisa contribuiu com a reflexão quanto à forma que a sexualidade vem sendo utilizada: um meio de dominação. O abuso sexual resulta, quase sempre, em traumas que acompanham as vítimas por longo tempo, o que pode impedi-las de ter futuros relacionamentos saudáveis.

Philogônio possivelmente se sentia blindado para a prática de suas ações, contudo o lugar de mando ocupado por ele não deve servir de premissa para que seja isento de suas responsabilidades. Conforme a Súmula 593,

Não afasta a responsabilização penal de autores de crimes a aclamada aceitação social da conduta imputada ao réu por moradores de sua pequena cidade natal, ou mesmo pelos familiares da ofendida, sob pena de permitir-se a sujeição do poder punitivo estatal às regionalidades e diferenças socioculturais existentes em um país com dimensões continentais e de tornar írrita a proteção legal e constitucional outorgada a específicos segmentos da população. (BRASIL, 2017, p. 691)

Assim, é importante deixarmos claro que Philogônio cometeu vários crimes sexuais, os quais não se tornam mais brandos devido à posição social assumida, são, dessa forma, duas afirmações que não se anulam.

O abuso cometido por pessoas que ocupam um lugar de privilégio é muito visto ainda hoje, o que deve provocar a mesma indignação causada pelas práticas de Philogônio. Não podemos cair no erro de pensarmos que a modernidade é mais permissiva, que as crianças estão mais sexualizadas e que as mulheres são sempre objetos de desejo – “A modernidade, a evolução moral dos costumes sociais e o acesso à informação não podem ser vistos como fatores que se contrapõem à natural tendência civilizatória de proteger certos segmentos da população física, biológica, social ou psiquicamente fragilizados” (BRASIL, 2017, p. 690).

Os números recentes relacionados a abusos sexuais revelam um Brasil que não se difere muito do retratado na ficção aqui estudada. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, o número absoluto de estupros em 2017 foi de 63.157 vítimas e, no ano seguinte, 66.041. Ao filtrarmos apenas as vítimas mulheres, no primeiro ano temos um total de 50.598 e no segundo ano 53.726, o que apenas reafirma o fato de as mulheres serem os principais alvos desse tipo de violência cometida.

As vítimas brasileiras possuem um perfil bem definido, ainda de acordo com o mesmo documento, além de termos uma maioria de mulheres sendo abusadas (81,8%), 53,8% das vítimas possuem até 13 anos e 50,9% são negras. Se esses números já causam espanto, mais ainda nos assustam se pensarmos na quantidade de vítimas que não chegam a fazer qualquer

tipo de denúncia, por medo de serem desacreditadas ou por sofrerem algum tipo de coação do agressor.

Assim, é certo que o Brasil ainda reproduz a cultura coronelista, na qual o homem procura dominar todos a sua volta, adotando um discurso de que se trata de “coisa de homem” – 85,5% dos agressores são do sexo masculino. Repetindo, ainda, essa postura patriarcal, temos o fato de que os homens agressores são, normalmente, conhecidos da vítima:

[...] a maior parte dos agressores são conhecidos e frequentemente tem acesso ao ambiente doméstico da vítima ou nele habitam, percebemos que as características da maior parte das violências sexuais cometidas no Brasil não estão relacionadas a agressões repentinas cometidas por grupos de homens estranhos, mas que se fazem pela ação de familiares, vizinhos e amigos que tem contato prévio com suas vítimas. (BUENO; PEREIRA; NEME, 2019, p. 121)

São muitos “Philogônios” ainda espalhados pelo Brasil, utilizando a confiança da vítima ou sua “aclamada aceitação na sociedade” (BRASIL, 2017, p. 691) para agir sem se preocupar com as consequências. Mulheres, crianças, animais, homossexuais e todos aqueles que não possuem o igual prestígio são constantemente violados, como se ainda estivéssemos em terras de coronéis e não pudéssemos falar.

Por fim, acreditamos ter contribuído para os estudos de Darcy Ribeiro, explorando ainda mais esse seu lado literato, que, embora esteja indiscutivelmente associado à figura do antropólogo, não terá recebido a devida atenção. Entretanto, em maior medida, acreditamos ter provocado, de alguma forma positiva, uma reflexão quanto ao abuso sexual que o patriarcalismo ainda insiste em praticar em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS DO AUTOR

RIBEIRO, Darcy. **Eros e Tanatos**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RIBEIRO, Darcy. **Migo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O Mulo**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **Testemunho**. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **Utopia selvagem: saudades da inocência perdida: uma fábula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro – o povo brasileiro**. São Paulo: 1995. Entrevista concedida à TV Cultura de São Paulo. Disponível em: <http://entrevistasbrasil.blogspot.com/2008/10/o-povo-brasileiro.html>. Acesso em 23 de março de 2020 às 15h052min.

REFERÊNCIAS SOBRE O AUTOR

ARRUDA, Wanderlino. **Prefácios e comentários**. Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/livro_prefacios/o_mulo_darcy_ribeiro.htm. Acesso em 04 de março de 2020 às 16h47min.

ARRUDA, Wanderlino. **O Mulo Darcy Ribeiro**. Disponível em: <https://montesclaros.com/mural/default.asp?top=48632>. Acesso em 04 de março de 2020 às 16h56min.

COELHO, Haydée Ribeiro. **Darcy Ribeiro: enfrentamento e movimento da escritura, travessia de saberes e a vida por vir**. In: *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 3 N.2 – pag. 64-81. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/31710/22439>. Acesso em 15 de setembro de 2019 às 18h15min.

CHAUVIN, Jean Pierre. Herança de Philogônio: a poética do mando em O Mulo, de Darcy Ribeiro. In: **Literatura e Autoritarismo: Sujeito, Memória e História**. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num10/art_05.php. Acesso em 15 de setembro de 2019 às 18h10min.

CHAVES, Amelina. **O eclético Darcy Ribeiro**. Belo Horizonte: Cuatiara, 1999.

PEREIRA, Maurício Alves de Souza. **Homem, animal autobiográfico, animal da confissão:** reflexões sobre a literatura confessional de Darcy Ribeiro. In: *Graduando*, Feira de Santana, v. 7, n. 10, p. 163 – 175, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/55535412-I-s-s-n.html>. Acesso em 15 de setembro de 2019 às 18h38min.

SILVEIRA, Diego Omar. O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro. In: *História: Debates e Tendências* – v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 223-237. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/3068/2050>. Acesso em 15 de setembro de 2019 às 18h19min.

SOUZA, Elise Aparecida de Oliveira. **O sentimento de dialética nos romances de Darcy Ribeiro.** Anais do IX Seminário de Literatura Brasileira – O romance oitocentista: diversidade e variações, realizado na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, de 10 a 12 de junho de 2015.

REFERÊNCIAS GERAIS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil:** (1964-1984). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação.** Natal: EDUFRRN, 2007.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-77.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência e abuso sexual na família. Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002.

AZEVEDO, Wilma. **S.em m.edo.** São Paulo: Iglu, 1998.

BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMEL, Sérgio Werner. **Investigando o papel da masturbação na sexualidade da mulher.** 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** 2. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BIZAWU, Kiwonghi; RAMOS, Andreia de Oliveira Bonifacio; NEPOMUCENO, Gianni Lopes. Zoofilia no Brasil: uma análise de casos concretos e a necessidade de incriminação legal. In: **RBDA.** SALVADOR, V.12, N. 01, jan-abr 2017, p. 81-107.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 27 de setembro de 2020 às 21h01min.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Código Penal**. Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm Acesso em: 13 de outubro de 2020 às 12h03min.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Súmula nº 593. O crime de estupro de vulnerável se configura com a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima para a prática do ato, sua experiência sexual anterior ou existência de relacionamento amoroso com o agente. **Diário da Justiça eletrônico do Superior Tribunal de Justiça**. Disponível em: https://ww2.stj.jus.br/docs_internet/revista/electronica/stj-revista-sumulas-2017_46_capSumulas593-600.pdf Acesso em 13 de outubro de 2020 às 16h03min.

BUENO, Samira; PEREIRA, Carolina; NEME, Cristine. A invisibilidade da violência sexual no Brasil. In: **Anuário brasileiro de segurança pública**. Edição 13ª. São Paulo, 2019. p. 116-121.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/12/corpos-que-pesam-sobre-os-limites-discursivos-do-sexo-judith-butler/>. Acesso em 30 de setembro de 2019 às 00h08min.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. In: **Revista Dialectus**. n. 11. agosto/dezembro 2017, p. 100-115. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32644/1/2017_art_gpcarvalho.pdf acesso em 25 de janeiro de 2019 às 18h03min.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em 30 de jul. de 2019 às 13h23min.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CAVALLIERI, Alyrio; GIKOVATE, Flávio; OKAWARA, Haruo; et al. **Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

CORRÊA, Sônia; PORTELLA, Ana Paula. **Percursos da sexualidade (feminina)**. Recife: 1994.

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual**. Tradução: Rafael Mantovani. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Ana. Sexualidades diferentes. Parafilias. Homossexualidade. In: **MANUAL DE MEDICINA SEXUAL: Visão Multidisciplinar**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 223-240.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. In: **Estudos Avançados**, 17(49), p. 151-172. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em 26 de jul. de 2019 às 13h32min.

DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução Jônatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 322-361.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-187.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Edição 13ª. São Paulo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREITAS-MAGALHÃES, A. **O poder do beijo**. Porto: Ed. autor, 2016.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/7195915/O_ego_e_o_ID_e_outros_trabalhos_VOLUME_XIX. Acesso em 24 de março de 2020 às 15h50min.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 1ª ed. digital. São Paulo: Global, 2019.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 30 de jul. de 2019 às 13h37min.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOWENKRON, Laura. Menina ou moça?: Menoridade e consentimento sexual. In: *Desidades*. Rio de Janeiro, v. 10, p. 9-18, abr. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822016000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 set. 2019 às 20h03min.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967.

MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello. **A visão masculina das relações de poder no casal heterossexual como subsídio para a educação em saúde na prevenção de DST/aids**. Florianópolis: 2005.

Manual de Arceniaga. Método práctico de hacer fructuosamente confesión general *apud* ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-77.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Darcy Ribeiro no exílio latino-americano: deslocamentos de retina e escritas em trânsito. In: **XV Abralic: experiências literárias textualidades contemporâneas**. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491265035.pdf Acesso em 09 de setembro de 2019 às 17h03min.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana. In: **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 33, p. 101-108, jul. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jul. 2019.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 1987.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 607-639.

RADO, Sônia Cristina; SCHUSTER, Ana Noredi. Contracultura no Brasil da ditadura. In: **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 5, n. 01, p. 19-30, 2017

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 578-606.

RAMINELLI, Ronald. Eva tupinambá. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-44.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 100 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: S.O.S. Corpo, 1993.

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma**. Disponível em: https://www.academia.edu/7000176/OS_120_DIAS_OS_120_DIAS_DE_Sodoma. Acesso em 13 de setembro de 2019 às 17h17min.

SALES FILHO, Valter Vicente. Pornochanchada: doce sabor da transgressão. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo, (3): 67 a 70, mai./ago. 1995.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A quantas andam o sexual e a sexualidade nos dias atuais? In: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG. n. 41. Julho/2014, p. 23–30. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n41/n41a03.pdf>, acesso em 25 de janeiro de 2019 às 18h59min.

SCLIAR-CABRAL, L. **A explanação linguística em gramáticas emergentes**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

SELIGMAN, Flávia. Um certo ar de sensualidade: o caso da pornochanchada no cinema brasileiro. In: **FAMECOS/PUCRS**. Porto Alegre. nº 9. maio 2003.

SILVA, André Candido da; MEDEIROS, Márcia Maria de. SEXUALIDADE E A HISTÓRIA DA MULHER NA IDADE MÉDIA: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. In: **Revista Eletrônica História em Reflexão**: Vol. 7 n. 14 – UFGD – Dourados, jul/dez – 2013. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946/1635> Acesso em 23 de jul. de 2019 às 14h19min.

SILVA, Cristiane Vanessa. **Histórias de utilização de pílulas anticoncepcionais no Brasil, na década de 1960**. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25248>. Acesso em 02 de março de 2020 às 18h47min.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 362-400.

TANAKA, Giselle Megumi Martino. **Periferia**: conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. São Paulo: 2006. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-26052010-133856/publico/mestrado_giselletanaka.pdf. Acesso em 02 de março de 2020 às 16h26min.

THIBES, Carolina Weiler. **Legado de Woodstock**: um paralelo entre a filosofia naturalista e os ideais dos anos de 1960. Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 03 a 06 de setembro de 2012.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o santo ofício. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 115-140.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em 05 de agosto de 2020, às 18h21m

WINCKLER, Carlos Roberto. **Pornografia e sexualidade no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZUANON, Á & Fonseca, Cláudio. **A relação do homem com os demais animais e o que se conhece deles a partir da etologia e da ciência do bem estar animal**. Jaboticabal, SP, v.30, n.2, 083-091, 2014.